

ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

HELIO APARECIDO TEIXEIRA

**DIÁLOGOS SOBRE A RELEVÂNCIA SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE
FLORESTA IMPERIAL – ABEFI:**

A PUBLICIDADE CÍVICA DA DIACONIA

São Leopoldo

2010

HELIO APARECIDO TEIXEIRA

DIÁLOGOS SOBRE A RELEVÂNCIA SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE
FLORESTA IMPERIAL – ABEFI:

A PUBLICIDADE CÍVICA DA DIACONIA

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Teologia e História

Orientador: Valério Guilherme Schaper

São Leopoldo

2010

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

T266d Teixeira, Helio Aparecido

Diálogos sobre a relevância social da Associação Beneficente Floresta Imperial – ABEFI: a publicidade cívica da diaconia / Helio Aparecido Teixeira ; orientador Valério Guilherme Schaper. – São Leopoldo : EST/PPG, 2010.
112 f.

Dissertação (mestrado) – Escola Superior de Teologia. Programa de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo, 2010.

1. Diaconia – Novo Hamburgo (RS). 2. Obras da igreja junto aos migrantes. 3. Associação Beneficente Floresta Imperial (ABEFI) – Novo Hamburgo. I. Schaper, Valério Guilherme. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

HELIO APARECIDO TEIXEIRA

DIÁLOGOS SOBRE A RELEVÂNCIA SOCIAL DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE
FLORESTA IMPERIAL – ABEFI:

A PUBLICIDADE CÍVICA DA DIACONIA

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Escola Superior de Teologia
Programa de Pós-Graduação
Área de Concentração: Teologia e História

Data:

Valério Guilherme Schaper - Doutor em Teologia - EST

Rodolfo Gaede Neto - Doutor em Teologia - EST

Ricardo Willy Rieth - Doutor em Teologia - ULBRA

*Dedico esta pesquisa às famílias de
migrantes evangélico-luteranos que
souberam associar-se na superação das
dificuldades.*

AGRADECIMENTOS

Nada além da circunstância de estar situacionalmente *em existindo* num contexto de histórica libertação – como é o caso da América Latina – permite-me considerar a tarefa teológica que, ademais dos avatares circunscritos às metanarrativas que nos fazem engolir as arbitrárias indicações de logocêntricas conceituações, instiga à pesquisa da realidade fáctica. Destarte, a abertura à totalidade que se nos *presentifica* é mediada pela própria atitude pedagógica dos mestres e doutoras que em atitude parenética, ou seria negação socrática?, buscam induzir à concretude da vivência de fé em comunidade; assim, reflexo de tal pedagogia considero ser a apresentação mesma desta dissertação. Os temas eu os conheci ainda nos primeiros tempos da graduação, mas *em continuando* debruço-me cada dia mais sobre eles. Com a letra da gratidão e a conjugação da dívida aos muitos pedagogos, que na caminhada incentivaram-me, faço especial menção de meu orientador, Prof. Dr. Valério Guilherme Schaper, que sempre me apoiou e incentivou ao estudo crítico da realidade latinoamericana. Também ao Prof. Dr. Evaldo Luis Pauly – que hoje não está mais na EST – pela oportunidade de iniciar na pesquisa científica como bolsista da FAPERGS em 2005. Especial agradecimento digito ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) que financiou meus estudos durante os 24 meses em que pude me dedicar exclusivamente à pesquisa rigorosa de teologia em diálogo interdisciplinar.

RESUMO

A dissertação que apresento agora versa a respeito da Associação Beneficente Floresta Imperial, ABEFI, de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, ligada à Comunidade Evangélica Floresta Imperial, CEFI. A pesquisa de caráter dedutivo quer colocar em foco as características da diaconia praticada no contexto comunitário e sua relevância social para o entorno imediato que compreende a região do antigo Quarto Distrito Floresta Imperial de Novo Hamburgo, elevado à categoria de Distrito Industrial (Cluster) a partir da década de 1960 com a implementação de políticas de exportação pelo Governo Brasileiro. A partir do contexto migratório, das tradições teológicas das famílias evangélico-luteranas, da grande cultura de gado no Rio Grande do Sul e do processo de industrialização do Vale do Sinos quero elencar algumas possibilidades de leitura do conteúdo formal da relevância social da ABEFI a partir do que designei de *publicidade cívica*. A intenção é analisar os elementos que compõem o quadro conjuntural que permitiu a afinidade de vários dispositivos sociais a formarem certo agir racional com vistas a um determinado comportamento.

Palavras-chave: Migração. Diaconia. Publicidade Cívica. ABEFI.

ABSTRACT

The present dissertation traverses now about the Associação Beneficente Floresta Imperial, ABEFI, Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul, linked to the Comunidade Evangélica Floresta Imperial, CEFI. The survey of deductive character wants to focus on the characteristics of wants to put focus on the characteristics of diakonia practiced in the community context and its social relevance to the surroundings which include the region of the old fourth ward Floresta Imperial District of New Hamburg, elevated to the category of Industrial District (Cluster) in the 1960s with the implementation of export immediate policies by the Brazilian Government. From the migration context of the theological traditions of the Evangelical-Lutheran families, the great culture of cattle in Rio Grande do Sul and the industrialization of Vale do Sinos, the objective is to list some possibilities for reading the content of formal social relevance ABEFI from which was named *publicidade cívica*. The intention is to analyze the elements that make up the conjunctural that that allowed the affinity of various devices to form certain social rationally to act towards a certain behavior.

Keywords: Migration. Diakonia. Publicidade Cívica. ABEFI.

Meu nome é Ahasverus: vivia em Jerusalém, ao tempo em que iam crucificar Jesus cristo. Quando ele passou pela minha porta, afrouxou ao peso do madeiro que levava aos ombros, e eu empurrei-o, bradando-lhe que não parasse, que não descansasse, que fosse andando até a colina, onde tinha de ser crucificado... Então uma voz anunciou-me do céu que eu andaria sempre, continuamente, até o fim dos tempos. Tal é a minha culpa; não tive piedade para com aquele que ia morrer. Não sei mesmo como isto foi. Os fariseus diziam que o filho de Maria vinha destruir a lei, e que era preciso matá-lo; eu, pobre ignorante, quis realçar o meu zelo e daí a ação daquele dia. Que de vezes vi isto mesmo, depois, atravessando os tempos e as cidades! Onde quer que o zelo penetrou numa alma subalterna, fez-se cruel ou ridículo. Foi a minha culpa irremissível.

(Machado de Assis)

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
ARGUMENTO DO PRIMEIRO DIÁLOGO	12
CLAREAMENTO PREAMBULAR.....	13
PRIMEIRO DIÁLOGO	14
ARGUMENTO DO SEGUNDO DIÁLOGO.....	28
SEGUNDO DIÁLOGO	29
ARGUMENTO DO TERCEIRO DIÁLOGO	43
TERCEIRO DIÁLOGO	44
ARGUMENTO DO QUARTO DIÁLOGO	61
QUARTO DIÁLOGO	62
ARGUMENTO DO QUINTO DIÁLOGO	71
QUINTO DIÁLOGO.....	73
ARGUMENTO DO SEXTO DIÁLOGO.....	89
SEXTO DIÁLOGO	90
CONCLUSÃO.....	97
REFERÊNCIAS	99

INTRODUÇÃO

A presente dissertação encaminhará os argumentos nas sendas da avaliação da ação diaconal da Associação Beneficente Floresta, ABEFI, ligada à Comunidade Evangélica Floresta Imperial, CEFI, em Novo Hamburgo. Buscarei analisar as condições históricas e sociais que perfizeram o contexto da migração desde seus lastros com a própria imigração iniciada no Século XIX, em São Leopoldo. Descreverei o contexto do Vale do Sinos e sua empresa coureiro-calçadista na tentativa de compreender qual a situação encontrada pelas famílias que se mudaram para o antigo Quarto Distrito Floresta Imperial. Para seguir este objetivo, usarei do método dedutivo bibliográfico.

Separarei em diálogos as considerações a respeito da história e da situação social das famílias que compuseram o todo da instituição. Da mesma forma, elencarei as considerações teóricas e de caráter conceitual a partir da estruturação dialogal entre três personagens, quais sejam, Diackonie, Joselito e Wickern. Com diálogos centrados nas questões específicas à ABEFI, buscarei demonstrar o seguinte:

Primeiro, a ABEFI como instituição socioeducativa e de assistência social tem na região do antigo Quarto Distrito Floresta Imperial, hoje bairro Industrial e arredores, a concretude fática de atuação. Neste contexto, as famílias se depararam com um desenvolvimento industrial acentuado que, por um lado, faz crescer a economia da região e, por outro, faz surgir as desigualdades sociais de maneira mais evidente.

Segundo, o contexto da indústria coureiro-calçadista no Vale do Sinos se desenvolveu a partir de uma história de empreendedorismo que remonta ao Século XVII quando das grandes propriedades de gado – introduzidas na região pelos jesuítas – e da produção de materiais em couro.

Terceiro, as políticas do governo a partir da década de 1930 passaram a priorizar produtos de exportação em detrimento de produção de troca interna e de subsistência das famílias que habitavam as regiões de encostas do Estado do Rio Grande do Sul, acentuando-se esse processo ao final da Segunda Guerra Mundial, e ainda o esgotamento de novas regiões de assentamento para agricultura de famílias de colonos. Esses fatores geraram crises que beneficiaram as indústrias do couro, madeira e do calçado do Vale do Paranhana e, especialmente, da sub-região do Vale do Sinos.

Quarto, o encontro das características socioculturais e políticas dos migrantes com as características da situação do Vale do Sinos forjou uma racionalidade com vistas a um determinado comportamento que exprime os princípios do associativismo e da teologia diaconal da graça por fé tão cara aos evangélico-luteranos. Esse comportamento, visando uma *imitatio Dei*, que se orienta no seu desenvolvimento com vistas a outros, possui num conteúdo formal de ordem teológica vínculos de proposição com a situação institucional do Estado Brasileiro, configurando-se numa *publicidade cívica*, ou seja, numa atitude comportamental de viés programático institucional de parceria nas ações estatais, visando amenizar as agruras que o contexto de industrialização acarreta.

Enfim, ao falar de *publicidade cívica* da ABEFI, discorrerei dialogalmente sobre a formatação da própria instituição e suas unidades na tentativa de indicar com números concretos a ação diaconal desenvolvida pelas quatro unidades da ABEFI.

ARGUMENTO DO PRIMEIRO DIÁLOGO

Uma vez entrado na linha de raciocínio, o caro leitor encontrará aqui, no primeiro diálogo, o seguinte:

Primeiro, a migração causada no interior do Estado do Rio Grande do Sul, especificamente na região da Encosta da Serra, pelas políticas do Estado Brasileiro a partir das décadas de 194... 195... 196... e *em fermentada* a tradição de uma enorme existência de gado nas paragens do sul do país pelas populações portuguesas que aqui já realizavam suas fazendas desde o século XVIII.

Segundo, o processo migratório dinâmico ocorrido desde a Colônia de São Leopoldo à Encosta da Serra Gaúcha, por volta da década de 1846, e desta ao Vale do Rio dos Sinos uns cem anos depois... digo: especificamente a Novo Hamburgo, quando então a indústria do couro e do calçado estão a todo vapor, descortinará o surgimento do Quarto Distrito Floresta Imperial ao município como região industrial e próspera na aglutinação de migrantes de várias partes do abortado Estado Subtropical Farroupilha.

Terceiro, neste contexto de industrialização e correntes migratórias que aportam ao Vale do Sinos surgirá a Comunidade Evangélica Floresta Imperial, que construirá uma Associação Beneficente na tentativa de clarear a situação social implicada no abandono do Estado daquela região com histórica *inefetividade* estrutural.

Portanto, aquilo que fundamenta a ação social efetivada pela Comunidade Religiosa está estruturalmente enraizado na situação social e econômica concreta pela qual são encaminhadas as soluções práticas, a saber, a otimização dos espaços e saberes comunitários na busca de parcerias na própria situação existente, qual seja, a indústria do couro e do calçado; se bem verdade é que a indústria ligada à madeira também presente está, mas em menor escala; factual seja dinâmica entre o abandono e a ação.

CLAREAMENTO PREAMBULAR

A palavra escrita é a tentativa de corporificar a experiência privada – totalidade – no âmbito público da comunicação.¹ Num certo sentido, algo que onírico, todas as ações que podem ser *colocadas aí*, diante de nós, possuem uma publicidade que pedagógica conflui na tentativa de imitação dos atores sociais; assim são as ações da ética cristã conforme a *Regra de Ouro*, substantivada pelo imperativo categórico de Kant.² De forma parecida, é a intenção da diaconia em promover ações que visem o ser humano como fim, nunca como meio; aliás, essa, a intenção de promover ação social como dispositivo meramente político, tem sido uma constante na história do Brasil. Em meio a esta atmosfera, deu-se à *posturação ereta*³ a diaconia *encantada* pela Comunidade Evangélica Floresta Imperial, tomando assento ao dia na flâmula associativa para compreender – em compreendendo – coisas *colocadas à frente* de nossa vista, *colocadas aí*, mas certo que nem sempre o que *esta aí* tem para cada pessoa, que lá está, a mesma impressão. Assim que a investigação sobre a Associação Beneficente Floresta Imperial conflui na tentativa de publicizar os conteúdos de fé privados dos associados e associadas àquela Comunidade.

Diante de tal situação, dirigi-me ao entendimento da questão e busquei fuçar os documentos e as publicações na tentativa de compartilhar a *clareira* que se abriu diante daquela Comunidade, à qual eu mesma pertencia. Resultado de tal empreita foi que um diálogo se produziu em ambiente fortuito, mas nem menos valioso – debaixo de uma árvore, é certo – ao gosto de bastantes xícaras de cafés. E aconteceu que duas figurinhas interlocutaram a respeito de minhas elucubrações, eram elas: Joselito e Wickern. Compartilho assim tal diálogo...

¹ HACKING, Ian. *Ontologia Histórica*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 137-157.

² “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”. KANT, Immanuel. *Fundamentação da metafísica dos costumes*. Os Pensadores. São Paulo: Abril, 1994. p. 101. Paul Ricoeur argumenta coerentemente que em Kant a *Regra de Ouro* encontra-se deslastrada de qualquer referência empírica. RICOEUR, Paul. *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 176. De outra forma, Ernst Tugendhat avalia que Kant toma como dado, fenômeno, um determinado comportamento – imperativo categórico – e busca através de um método entender seus fundamentos e princípios, a este método ele designou de analítico. TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 110.

³ Por *posturação ereta* quero fazer referência ao mundo guarani da palavra. De acordo com Chamorro, para os Guarani a *palavra* (eepya) é o elemento que circula o esqueleto humano dando a este a *posturação ereta* que significa não simplesmente a articulação vocálica do órgão fonético, logocentrismo, mas sim toda a articulação corporal. Ou seja: a palavra como atitude de uma pessoa. CHAMORRO, Graciela. *A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo: Sinodal, 1998. p. 48-55.

PRIMEIRO DIÁLOGO

interlocutores:

Diackonie, Wickern e Joselito

*A inumerabilid'e de gado maior q' produzem
aquelas terras, só pode bem explicarse com
o dizer-se q' todo aquelle continente está
coberto de gado em tal forma q' tirando-se-
lhe todos os annos nas vizinhanças mais de
40\$ rezes, tanto para a fabrica de couros,
q:to p.a o sustento dos povos, se não
percebia nunca naq.la parte diminuição
alguma.*

(Sebastião da Veiga Cabral)⁴

Joselito – Diaconia?!

Diackonie – Sim, de diaconia, trata-se minha pesquisa.

Wickern – Mas qual objeto?

Diackonie – A Associação Beneficente Floresta Imperial, ou simplesmente ABEFI.

Joselito – Onde fica?

Diackonie – Em Novo Hamburgo, no bairro Industrial.

Wickern – E desde quando existe esta associação?

Diackonie – Desde 1968.⁵ Ela surgiu devido ao difícil contexto de migração que ocorria naquela época. Muitas famílias migravam da região da Encosta Inferior da Serra Gaúcha para o Vale do Rio dos Sinos em busca de trabalho nas indústrias de couro e calçado da região de Novo Hamburgo, principalmente.⁶ Eram famílias de

⁴ Governador da Capitania de São Pedro do Rio Grande do Sul, de 31 de maio de 1780 a 5 de novembro de 1801. CARNEIRO, Lígia Gomes. *Trabalhando o couro: do serigote ao calçado “made in Brazil”*. Porto Alegre: L&PM, 1986. p. 23.

⁵ COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 68*, 3 mar. 1968. Ata de Assembléia Geral.

⁶ O Vale do Rio dos Sinos é região contígua à área metropolitana de Porto Alegre e reúne 14 municípios em uma área de 1.398,5 km². O PIB a preços de mercado da região é de R\$ 23.226.134 mil e o PIB *per capita* é de R\$ 17.538,00 segundo informações da FEE (2006). De acordo com o IBGE, em 2007, a Região tinha população de 1.273.582 habitantes, o que corresponde a 12% do total da população do Rio Grande do Sul (10.582.887 habitantes). Canoas é a maior cidade, com 326.458 habitantes, seguida por Novo Hamburgo (253.067 habitantes) e São Leopoldo (207.721). Conselho Regional de Desenvolvimento Regional (COREDE). Disponível em: <<http://www.datasinos.unisinos.br>>. Acesso em: 23 jan. 2010.

imigrantes alemães que estavam passando por sérias dificuldades lá na roça, pois com a crise desencadeada pela Segunda Guerra Mundial as produções de fumo e Flor de Piretro – esta era usada para produção de inseticida – que eram o forte da região, caíram consideravelmente, ficando as famílias de pequenos produtores sem muitas possibilidades de dar continuidade aos projetos de sustentação familiar.

Wickern – De quais cidades elas vinham especificamente?

Diackonie – Vinham de vários distritos de uma antiga sesmaria loteada a partir de 1846, por Tristão José Monteiro e Jorge Eggers, comprada de Antônio Borges de Almeida Leães no ano anterior, edificada, inicialmente, como Colônia de Santa Maria do Mundo Novo, mais tarde município de Taquara, elevada a município em 1886. Seu nome vem do grande número de bambus silvestres às margens do Rio dos Sinos.⁷ Nessa região, as colônias foram se estruturando e delas são provenientes as muitas famílias que migraram como de Rolante, Padilha, Ilha Nova, Açoita Cavallo, Rio da Ilha, Parobé, Igrejinha, Três Coroas e Riozinho, entre outras; no entanto, a maioria das famílias que aportaram na Comunidade migraram de Rolante e Padilha.

Joselito – Mas como essas famílias lá foram parar? digo: nessa região da Encosta da Serra?

Diackonie – A colonização alemã no Brasil originou-se de um amplo e variado contexto, no século XIX, equacionados por vários fatores, dentre os quais se consideram de maior relevância, pelos historiadores, os seguintes: as guerras napoleônicas, as secas das regiões de onde procediam essas famílias que aportaram no Brasil e a necessidade de delimitação e proteção das fronteiras luso-castelhanas pelo governo brasileiro, já que os limites estavam estabelecidos politicamente e não de fato,⁸ e ainda a política de branqueamento da população.⁹ Elas foram aliciadas através de promessas de ajudas do Império do Brasil – por pessoas como o famigerado Major Schaeffer – e conta-se que a imperatriz Leopoldina teria indicado os colonos daquela região para iniciarem o

⁷ ROCHE, Jean. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. v. 1. p. 11.

⁸ Somente em 1851 o Brasil definiu suas fronteiras com o Uruguai. ROCHE, 1969, p. 11.

⁹ DREHER, Martin N. Protestantismo de Imigração no Brasil: sua implementação no contexto do projeto liberal-modernizador e as conseqüências desse projeto In: *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, 1993. p. 112-113. Osmar Witt lembra também que um dos critérios seria o convite para colonizadores que não fossem provenientes de nações que possuíssem colônias. WITT, Osmar Luiz. Igreja na migração e colonização: a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense. São Leopoldo: Sinodal, 1996. p. 9. Segundo Lauri Emilio Wirth, o processo imigratório se estenderá de 1815 até a I Guerra Mundial. WIRTH, Lauri Emilio. Protestantismo brasileiro de rito luterano. *Revista da Universidade de São Paulo/USP*, São Paulo, n. 67, p. 68-77, set./nov. 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/06-wirth.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

trabalho de agricultura de regime assalariado, já que a mão de obra no país era eminentemente escrava.¹⁰ Os imigrantes eram iludidos quanto ao tipo de vida que poderiam estabelecer no sul dos trópicos.¹¹ Segundo informações, 4856 imigrantes alemães vieram para o Rio Grande do Sul a partir de 1824 até 1830.¹² Essas levas de colonos foram encaminhadas para a região às margens do Rio dos Sinos, e ali foi estabelecida a Colônia de São Leopoldo, lugar em que tinha sido estabelecida uma feitoria para a produção de cordas de cânhamo sem sucesso (Imperial Feitoria do Linho-Cânhamo) sob a mão de obra escrava que pertencia à Coroa Imperial.

Wickern – E como essas famílias foram acabar lá na Encosta da Serra já que desembarcaram em São Leopoldo?

Diackonie – À medida que novas regiões iam sendo abertas por picadas e linhas através dos instrumentos de ferro e aço dos colonos, a forma de cultivar a terra ia se caracterizando tipicamente como colonial alemã, ou seja, o chamado Sistema Colonial Alemão.¹³ Esse sistema foi sendo levado para os lugares em que os colonos iam se estabelecendo. Não demorou muito até chegarem à Encosta Inferior da Serra.

¹⁰ O discurso a respeito dos colonos era de que eles como “landmann” (agricultor), e “hand-werker” (artesão) eram muito competentes, e seriam muito apropriados para a tarefa de colonizar a região. O procedimento para aliciar pessoas a virem para o Brasil era feito por agenciadores que ofereciam falsas vantagens como terra fácil, o que se mostrará engodo. O seguinte trecho escrito por Karl von Koseritz expressa bem o sentimento dos colonos ao final do século XIX em relação aos inícios: “Quem reflete sobre as difíceis condições em que as colônias do Rio Grande do Sul se desenvolveram e hoje vê a que estágio de desenvolvimento elas chegaram – este sentirá respeito por este trabalho cultural. Uma vez, foram jogados na mata virgem alguns milhares de imigrantes alemães que tiveram que batalhar anos e anos contra necessidades e misérias; os frutos da colheita eles tiveram que carregar nas costas para fora das picadas, pois não havia caminhos, tampouco trilhas e diariamente eram ameaçados pelos selvagens e animais ferozes... Sim, foram duros tempos de lutas aqueles de antigamente, mas nós vencemos e hoje o alemão tem grande importância no Rio Grande do Sul”. Citado por HUBER, Valburga. *A literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil*. Disponível em: <http://www.letas.ufrj.br/liehd/docs/art_valb2.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2009. p. 13. Segundo Hans-Jürgen Prien, as primeiras levas de imigrantes era bastante variada no que diz respeito à origem dos mesmos. A gama de pessoas que vieram para o Brasil deve ser compreendida num sentido cultural em termos de imigração alemã, e não de procedência geográfica já que somente depois de 1871 é que se falará em cidadãos alemães do Reichsdeutsche. Esses grupos vinham de muitos estados que compunham o reino austro-húngaro como a região da Alemanha meridional, Palatinado, Trier, região do Mosela e Renânia, etc. PRIEN, Hans-Jürgen. *A formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001. p. 26.

¹¹ BUBLITZ, Juliana. O recomeço na mata: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. *História*, São Leopoldo, v. 4, n. 2, jul./dez, 2000. p. 209.

¹² ROCHE, 1969, p. 159.

¹³ FIALHO, Marco Antônio Verardi. *Agricultura familiar e as rendas não-agrícolas na região metropolitana de Porto Alegre: um estudo de caso dos municípios de Dois Irmãos e Ivoti – RS*. 2000. 206 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1678/000305893.pdf?sequence=0>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

Com o desenvolvimento da agricultura de subsistência, passou-se à comercialização do excedente. Isso possibilitou um incremento considerável no volume de produção. Segundo nos informam, houve um acréscimo de 600% do comércio entre São Leopoldo e Porto Alegre.¹⁴ Com a navegação a vapor e as linhas de trem entre São Leopoldo e Porto Alegre no ano de 1874, identifica-se entre os anos de 1860 a 1900 forte especialização da agricultura e da criação de suínos na região. Vários produtos tiveram seu implemento comercial com a colonização como o milho e o feijão preto. Até o final do século XIX, o feijão produzido na região abasteceu todo o Império e países do Rio da Prata; chegou-se a produzir 7 mil sacos de feijão por safra. No entanto, com a queda na produção do solo e da estagnação comercial diante da crescente oferta de produtos agrícolas de outros Estados e da crescente massa populacional, houve uma intensa migração inter-regional. Começam os colonos a migrar para outras regiões do Estado e do país.

Joselito – Ah! aí então eles começaram a voltar para a região de São Leopoldo?!

Diackonie – Sim!... há um retorno para a região devido à estagnação da agricultura em meados do século XX.

Wickern – Fala mais sobre isso.

Diackonie – Na década de 1940, a região de Taquara tinha se destacado como grande produtora de fumo, aliás, produto cultivado pelos colonos desde a chegada ao Brasil, e da flor de Piretro; usada na fabricação de inseticidas. A colonização de Taquara fora constituída sobre a agropecuária.¹⁵ Taquara está localizada geograficamente na chamada Encosta Inferior da Microrregião Colonial da Serra Geral, a 72km da capital, Porto Alegre, e a 40km de Gramado, 48km de Canela e 40km de São Francisco de Paula. Chegou a ser considerada a Capital do Piretro na década de 1940.¹⁶ O contexto histórico do município de Taquara é resultante da consolidação e disputas de terras ocorridas em todo o Império Brasileiro no século XIX. Parece que o município de Taquara, em sua origem, era formado por uma população básica de grandes fazendeiros lusitanos com sua forma característica de patriarcado com base na escravidão, e uma

¹⁴ ROCHE, 1969.

¹⁵ PHILERENO, Deivis Cassiano; BARBOSA, Marcel Jaroski. *Evolução histórica dos sistemas agrários na localidade de Taquara – RS, Encosta Inferior do Nordeste*. [s.l.:s.n.; s.d.]. Disponível em: <<http://www.issbrasil.usp.br/pdfs2/deivis.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

¹⁶ PHILERENO; BARBOSA, [s.d.], p. 12.

grande área de terra, supostamente devoluta, entre os Rios Santa Maria, Rio dos Sinos e Rio Rolante, até a atual Padilha (Sertão de Cima da Serra) formando um retângulo de terras na qual se estabeleceram as famílias colonizadoras. Existiam também povos indígenas que não facilitavam a vida dos colonos até porque uma das atividades que as famílias teriam que desenvolver seria lidar com estes povos, o que era uma forma de o Império lidar barbaramente com o habitante natural.

Marco fundamental da história do município de Taquara é considerado a chegada dos primeiros imigrantes alemães e italianos, no dia 07 de setembro, de 1846, à Fazenda do Mundo Novo.¹⁷ Em 24 de setembro de 1880, instalou-se a 1ª Comarca do Município. Pouco tempo depois, surgiu o município oficialmente com a Lei Provincial n. 1568, de 17 de abril de 1886. O município é formado por seis regiões, as quais são: *Região 1*: situada a nordeste da sede municipal, e é composta das localidades de Lajeado, Rodeio Bonito, Batingueira, Padilha Velha e Passo da Ilha; *Região 2*: composta das localidades de Tucanos, Quarto Frio, Morro Alto, Ilha Nova e Açoita Cavallo; *Região 3*: encontra-se ao Sul da sede municipal e composta das localidades de Olhos D'Água, Moqué, Padre Tomé, Rio da Ilha, Entrepelado, Passo do Mundo Novo, Passo dos Ferreiros, Morro do Meio, Linha São João e Freguesia do Mundo Novo; *Região 4*: está localizada a Sudoeste da sede urbana e engloba as localidades de Paredão, Alto Paredão, Santa Cristina do Pinha e Santa Cruz da Concórdia; *Região 5*: é situada ao extremo oeste do município, inclui as localidades de Morro Negro, Boa Vista, Pega Fogo e Fazenda Fialho; e a *Região 6* que inclui a zona urbana do município.

Depois da Segunda Grande Guerra Mundial, Novo Hamburgo, que desde o final do século XIX vinha investindo nos produtos primários ao calçado, começa a despontar e chega à década de 1950 a um ritmo que o elevará, na década de 1970, a grande exportador internacional. A indústria coureiro-calçadista chegou a ser responsável por 70% da produção econômica do município¹⁸ e contribuirá na participação brasileira de 12,3% no total da exportação mundial; terceiro maior

¹⁷ Dentre as famílias de origem germânica que se estabeleceram na Fazenda do Mundo Novo, registra-se uma família italiana: a Família Raimundo. FACULDADE DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DE TAQUARA / CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Relatório de Pesquisa de Opinião do 1º Encontro Nacional de Filatelia e Numismática de Taquara, realizado entre 15 e 17 de outubro de 2004, em Taquara/RS. Disponível em: <<http://www.cfnt.org.br/Pesquisa.doc>>. Acesso em: 10 out. 2009.

¹⁸ SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Novo Hamburgo: sua história, sua gente*. Novo Hamburgo: Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 1977. p. 101.

exportador.¹⁹ É este contexto, aliás, de seguridade social com a política do regime de assalariamento urbano que atrairá a população da região de Taquara para o então Quarto Distrito Floresta Imperial.²⁰

O trajeto do desenvolvimento da colonização da então chamada Colônia de São Leopoldo compreendeu respectivamente a própria São Leopoldo, Novo Hamburgo, Campo Bom e Sapiranga, e a região de Taquara; e se deu por causa do rápido desenvolvimento da agricultura e, conseqüentemente, da economia da mesma.²¹ Desde a década de 1940,²² as condições de produção estavam em estado de esgotamento, as colônias se fragmentavam em minifúndios de produção antieconômica, quero dizer, devido ao tamanho das propriedades, não era possível ganhos substanciais aos produtores, o que fomenta um refluxo migratório para locais de oportunidades, em muitos de simples sobrevivência; daí ser a indústria coureiro-calçadista a Canaã do Vale do Sinos, o que compreenderá um verdadeiro êxodo rural de proporções bíblicas.²³

Wickern – Foi tanto assim?!

Diackonie – Como eu disse, Rolante e Padilha cederam ao antigo Quarto Distrito de Novo Hamburgo um contingente de migrantes muito elevado. O Plano de Desenvolvimento Rural de Rolante, do ano de 2001, aponta que houve um elevado processo de emigração entre os anos de 1950 e 1976, neste período a população do município passou de 28.000 para 9.000 habitantes. É, ou não é, um êxodo bíblico?...²⁴

¹⁹ GALVÃO, Cláudia Andreoli. *Sistemas industriais Localizados: o Vale do Paranhana – complexo calçadista do Rio Grande do Sul*. Brasília: Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), 1999. p. 19.

²⁰ POCHMANN, Marcio. Adeus à CLT? O “eterno” sistema corporativo de relações de trabalho no Brasil. *Novos Estudos CEBRAP*, n. 50, p. 149-166 [s.l.] 1998. p. 149-150.

²¹ A discursividade a respeito da colonização alemã tendo a Colônia de São Leopoldo como marco fundamental parece estar ligada ao sucesso da empreitada, ou seja, o sucesso do Império diante dos conflitos com os chamados, à época, de castelhanos (Guerras Cisplatinas) e posteriormente com a Revolução Farroupilha. HUBER, 2009.

²² “O tradicional sistema de cultivo dos colonos encontra seus limites na década de 1960 quando o acesso espontâneo às terras da fronteira agrícola, um dos elementos essenciais de sua existência, lhes é dificultado. A partir daí, outras alternativas são buscadas. Essa procura dá-se num contexto sócio-econômico já profundamente alterado, alterações cujas expressões mais significativas são as granjas de trigo e soja”. JANSEN, Suzel Lisiane. *Evolução da Estrutura Produtiva do Rio Grande do Sul: uma análise do período de 1940 a 1995/96*. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/3eeg/Artigos/m18t01.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

²³ “O Plano de Desenvolvimento Rural de Rolante (2001) aponta que houve um elevado processo de emigração entre os anos de 1950 e 1976. Entre estes anos a população do município diminuiu de 28.000 para 9.000 habitantes”. BALDASSO, Tiago Felipe. A Ocupação do Espaço Geográfico e as conseqüências para as matas ribeirinhas e de encosta no Município de Rolante. *Boletim Gaúcho de Geografia* - BGG 30/31. p. 35-45. Disponível em: <http://www.agbpa.com.br/bgg/Artigos/PDF/BGG_30/art03_30.pdf>. Acesso em: 2 maio 2009. p. 41.

²⁴ BALDASSO, 2009, p. 41.

... mas, continuando, a partir da metade da década de 1940 em diante entra em declínio a produção de fumo e da Flor de Piretro na região de Taquara e começam as famílias a migrar em busca de condições mais seguras.²⁵ A ascensão do governo militar priorizou a economia de exportação dando considerável apoio à Política de Crédito Rural aos médios e grandes produtores, o que acabou por derrubar a existência possível da pequena agricultura.²⁶ Segundo o IBGE, a participação relativa da população rural da região de Taquara, no período de 1970 a 1991, passou de 41,34% para 17,35%, isto é, uma evacuação da população ligada à pequena propriedade para centros industriais.²⁷ Em 1990, o Governo Federal criou o Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar – PRONAF – para tentar conter o êxodo rural, porém, sem efeitos consideráveis. De 1950 a 1991, a população da região de Taquara migrou, em grande parte, para a região metropolitana de Porto Alegre em busca de emprego nas indústrias ligadas à produção do calçado, principalmente para Novo Hamburgo.

Joselito – E por que o Vale do Sinos tinha uma empresa coureiro-calçadista tão forte? Quais eram os fatores que possibilitavam *isso aí*?

Diackonie – Para compreender o pano de fundo de surgimento da indústria do couro e do calçado do Vale do Sinos é preciso buscar suas fontes materiais no Século XVIII.

Joselito – No Século XVIII?! Por quê?

Diackonie – Explico. No Século XVIII, Portugal e Espanha disputavam a região que hoje compreende o Rio Grande do sul, o Uruguai e parte da Argentina.²⁸ Os espanhóis trouxeram o gado para as colônias que se reproduziam com facilidade na nova terra. No entanto, eles tinham dificuldades de trabalhar no pastoreio, pois acreditavam ser tarefa de escravos. Por sua vez, os portugueses queriam estabelecer suas fronteiras uma vez que acreditavam ser a posse de fato o critério para definir os limites

²⁵ SCHNEIDER, Sergio. *Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura no Rio Grande do Sul*. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia, UNICAMP, Campinas, 1994. p. 14.

²⁶ BONNAL, Phillipe. *Propocid-Brasil: marco de referência para a realização das atividades dos eixos 1 e 2*. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2007. mimeo. Disponível em: <http://www.unbcds.pro.br/conteudo_arquivo/projetos_cds_junho_2009.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2010.

²⁷ BALDASSO, p. 42.

²⁸ Um núcleo colonial português iniciado à margem esquerda do Rio da Prata, em 22 de janeiro de 1679, deu origem à Colônia do Santíssimo Sacramento, por mando da Coroa Portuguesa que desejava expandir suas fronteiras meridionais. Esses conflitos foram estendidos até inícios do século XIX com as Guerras Cisplatinas.

fronteiriços,²⁹ enquanto os espanhóis acreditavam na posse e nem tanto na ocupação. Dessa maneira, famílias de açorianos foram colocadas a partir de 1746 na região de Rio Grande para colonizá-la, a intenção era também produzir alimentos para tornar a Colônia autossuficiente no fornecimento de gêneros às tropas da guarnição da Colônia do Santíssimo Sacramento.³⁰ Logo esses casais de açorianos sentiram as dificuldades nas quais a propaganda enganosa da coroa portuguesa os enredara, ou seja, as dificuldades com ataques de índios e espanhóis se tornavam empecilhos para uma tranquila colonização. Quanto mais longe da guarnição de Sacramento mais perigo corriam as famílias açorianas.³¹ Fato é que as famílias acabavam por priorizar a atividade pecuária³² em conformidade aos costumes espanhóis da região, isto é, devotavam eles desprezo pela atividade agrícola por ser ofício de escravos. As atividades pecuárias institucionalizaram-se nos *pampas* como uma função que marcou a própria identidade do gaúcho.³³ Assim, com o Tratado de Madri, que foi revisto pouco tempo depois, Portugal trocou com a Espanha a fortificação da Colônia do Sacramento, hoje Uruguai, pela metade de uma província que seria parte do atual Rio Grande do Sul, as antigas Missões Guaraníticas, e a pecuária se fundamentou como uma das forças da economia da região.

Wickern – E o que tem a ver a pecuária com a indústria calçadista?

Joselito – As charqueadas têm alguma coisa a ver com esse processo?

Diackonie – Sim, tem tudo a ver. A partir de 1777, quando houve um novo tratado entre as coroas portuguesa e espanhola, o chamado Tratado de Santo Ildefonso, no qual foram ratificados outra vez os limites do Tratado de Madri, os conflitos foram amenizados e a região passou por estabilidade política e econômica. O gado que passou a ficar solto por causa do massacre dos povos Guaraní, nas missões e da expulsão dos jesuítas, que cuidavam de gado, chucro e cimarrón, e a partir de 1779, com a primeira

²⁹ O Tratado de Madri, 1751, fez uso – por influência hábil do redator brasileiro do tratado Alexandre de Gusmão (1695-1753) – do princípio do direito privado romano do *uti possidetis, ita possideatis* (quem possui de fato, deve possuir de direito). Isso permitiu ao reino de Portugal que delineasse os futuros contornos quase atuais do Estado Brasileiro. TORRES, Luiz Henrique. A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). *Biblos*, Rio Grande, n. 16, p. 177-189, 2004, p. 189.

³⁰ TORRES, 2004, p. 179.

³¹ POSSAMAI, Paulo César. A Colônia do Sacramento, o Jardim da América. *Revista de Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUC/RS, v. 30, n. 1, 2004, p. 33-44.

³² Segundo Possamai, o governador Antonio Pedro de Vasconcelos, enviado à Colônia do Santíssimo Sacramento em 1722, teve que proibir com medidas duras o pastoreio de gado que era priorizado em detrimento da agricultura. POSSAMAI, 2004, p. 6.

³³ Segundo Roche, “a vocação pastoril e militar marcou o rio-grandense com uma incapacidade, muito tempo insuperável, para o trabalho manual ou mecânico”. ROCHE, 1969, p. 27.

charqueada instalada às margens do Arroio Pelotas, a produção de charque representava aproximadamente um abate de 400 mil cabeças de boi por ano; o gado era trazido da Região da Campanha Rio-Grandense para Pelotas pelo Passo do Fragata e vendido na Tablada, local dos grandes remates na região das Três Vendas.

Importantes foram ainda o surgimento das Minas Gerais e o Ciclo do Tropeirismo, com sua Feira de Muares.³⁴ O gado era necessário para o transporte dos metais precisos, pois se necessitava de um animal de carga mais forte do que cavalos e mulas, e também para a alimentação dos escravos. As mulas eram muito usadas pelos Bandeirantes. Sem esquecer a produção de couros, que já se desenvolvia há tempos na Colônia do Santíssimo Sacramento. Muitos autores, inclusive Jean Roche, argumentam que o gado nessa região foi introduzido pelos jesuítas com seu projeto de reduções guaraníticas. Ao lado destas, eram estabelecidas porções pastoris chamadas de *Vacarias* ou *Estâncias*, nas quais os indígenas praticavam as atividades de pastoreio.³⁵ A atividade açoriana não se efetivou na agricultura, mas a cultura de pastoreio ganhou força, principalmente, depois da expulsão dos jesuítas.³⁶ Antes do início da colonização alemã, as pequenas atividades açorianas – na agricultura – efetivara-se em pequenas áreas que a eles tinham sido dadas em porções próximas aos mercados urbanos e portos internos.³⁷

E respondendo a sua pergunta, Wickern, o que tem a ver a pecuária rio-grandense com a indústria coureiro-calçadista, é o seguinte: do gado era aproveitado não somente a carne e sua força de carga, mas em muito o couro dos abates para a produção de apetrechos como arreios de cavalo, saco de viagem, barca improvisada para atravessar os rios, cadeiras, camas, cobertores, portas e divisões internas dos ranchos, botas, cintos e roupas de trabalho, etc. Essa grande produção de couro possibilitará o surgimento de fabriquetas de calçados a partir da segunda metade do século XIX, a qual ganhará impulso ao fim do século e início do Século XX.

³⁴ Considera-se que o início deste ciclo foi a passagem das primeiras tropas de gado e mula pelas ruas de Sorocaba, em 1733, organizada pelo gaúcho Coronel Cristóvão Pereira de Abreu, considerado um dos fundadores do Rio Grande do Sul. A Feira de Muares se caracterizava pelo encontro de várias pessoas de todo o Brasil – em Sorocaba – para a realização de vendas e trocas de produtos.

³⁵ ROCHE, 1969, p. 28.

³⁶ TORRES, 2004, p. 178-179.

³⁷ AGUIAR, Marcos Daniel Schmidt; BEROLDT, Leonardo Alvim Beroldt; SOUZA, Osmar Tomaz. *As políticas de desenvolvimento rural, a construção de compromissos institucionais e os ajustamentos entre o global e o local: análises a partir da Região do Vale do Taquari, RS.* p. 9. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/1188.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

Joselito – Ah! a indústria do couro e do calçado herdará a produção de gado que iniciara no Século XVIII e incrementará a produção de calçados e produtos ligados ao couro!

Diackonie – Isso mesmo, Joselito, a grande produção de gado legada pelas reduções jesuíticas determinará o sucesso do Vale do Sinos na produção de calçados e couro na segunda parte do Século XX.

Wickern – Como essas famílias que migraram para lá se organizaram diante desse quadro?

Diackonie – A história da Comunidade Evangélica Floresta Imperial, a CEFI, e a da ABEFI, sua instituição diaconal, mistura-se à própria história do apogeu da empresa calçadista de Novo Hamburgo. A maciça migração causada pelo esfriamento da empresa agropecuária constituída por pequenos colonos e o advento da indústria do calçado em Novo Hamburgo possibilitaram que a região do antigo Quarto Distrito Floresta Imperial, que à época era relativamente novo em comparação ao restante do município, ganhasse grande impulso a partir da década de 1950.

Uma das empresas que teve início com loteamentos na região do Quarto Distrito foi a Máquinas Enko, que era de famílias que compunham a Comunidade, entre outras de maior e menor porte, constituía o contexto industrial de *vantagem competitiva* definida por Michael Eugene Porter, em 1990, segundo a qual uma determinada localidade acaba por se tornar um contexto industrial (território localizado) que funciona como um espaço primordial de interdependências intencionais e não-intencionais; tangíveis e intangíveis; comercializáveis e não-comercializáveis;³⁸ provavelmente inspirado na ideia de *vantagem comparativa* de David Ricardo.³⁹ Esse local funcionaria como um facilitador e estimulador para que essas interdependências tivessem ligação entre um sistema de produção e uma cultura tecnológica particular. Compreende-se esse território localizado como um espaço socialmente construído,

³⁸ CROCCO, Marco Aurélio (Org.). Metodologia de identificação de aglomerações produtivas locais. *Revista Nova Economia*, Belo Horizonte, v. 16, n. 2, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010363512006000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 ago. 2009. p. 212.

³⁹ David Ricardo (1772-1823): representante da economia política clássica. Judeu, operador da Bolsa de Valores de Londres e protestante de família holandesa, David Ricardo influenciado por outro economista, Thomas Malthus, elaborou diretrizes teleológicas com respeito à economia do século XIX, especificamente em relação à teoria da renda diante do crescente descompasso entre o crescimento da população da Europa do século XIX e a produção de produtos alimentares.

como uma superfície ativa e aberta, que influencia e é influenciada pelas interações que são desenvolvidas na localidade.⁴⁰

É o que Cláudia Andreoli Galvão intenta mostrar com seu estudo sobre o Vale do Paranhana como um distrito industrial, tendo Novo Hamburgo destaque relevante neste cenário.⁴¹ Sua proposta de avaliar comparativamente um dos famosos Distritos Industriais italianos com o distrito brasileiro nos mostra a dimensão histórica e industrial que a empresa do couro e do calçado teve para o município.

Wickern – O Vale do Sinos seria um Distrito Industrial?

Diackonie – Sim. Consideram-se, de maneira ampla, esses espaços como *aglomerações produtivas locais* que podem ser definidos como uma concentração setorial e espacial de grandes e pequenas empresas. A interação de todo um amplo setor de produção que interage e atua num mesmo direcionamento administrativo industrial; é assim que se constitui um *distrito industrial* ou um *cluster*. Trata-se de um amplo setor aglomerado de produção local, no qual pode haver empresas de tamanhos múltiplos, especificamente, pequenas e médias empresas, a superar barreiras a seu crescimento diante de empresas de maior porte no estilo fordista, ou até contribuir com as mesmas. Isso se daria pela articulação entre economias externas – ou “interdependências não-intencionais” – resultado imediato da aglomeração espacial – e “ação conjunta” dentro da própria *aglomeração* – ou “interdependências intencionais” – resultado do desenvolvimento de redes de cooperação, levando a ganhos de “eficiência coletiva”.⁴²

Joselito – E o que seria um *Cluster*?

Diackonie – Um *Cluster* é um *Distrito Industrial* que se caracteriza por aglomerações de pequenas e médias empresas localizadas ao redor das grandes indústrias. O conceito de *cluster* está ligado ao surgimento de aglomerados industriais geográfica e setorialmente de empresas ligadas a um determinado tipo de produto. Destes são geradas *externalidades produtivas e tecnológicas*.⁴³ Exemplo disso é a Feira

⁴⁰ CROCCO, 2006, p. 212.

⁴¹ GALVÃO, 1999, p. 15.

⁴² CROCCO, 2006, p. 213. A nova fase do desenvolvimento capitalista tem pautado a perspectiva de “economia baseada no conhecimento” ou “economia do aprendizado”, algo que parece se espalhar por amplos setores da sociedade ocidental. É a ideia do aprender a aprender sempre aprender. Algo que sistêmico.

⁴³ Segundo Jorge Antonio Santos Silva, “o conceito de externalidade portanto, está diretamente vinculado à noção de espaço geográfico. Existem, em qualquer local, externalidades positivas e externalidades negativas. Quando a externalidade é positiva se tem uma fonte de economia externa, também chamada de efeito de transbordo ou efeito de vizinhança (neighbourhood). Quando a

Nacional do Calçado (FENAC).⁴⁴ Jorge Britto delinea que a ideia de *cluster* parte da simples compreensão de que as atividades empresariais muito raramente se encontram isoladas, o conceito de *cluster* intenta promover atividades produtivas e de inovação de formas integradas à questão do espaço e das vantagens de aproximação. Na literatura que trata do tema, associa-se este tipo de arranjo ao conjunto de empresas e instituições espacialmente reunidas numa localidade que estabelecem, entre si, relações verticais – e que compreendem formas variadas de estágios em determinada cadeia produtiva – e horizontais – que envolvem intercâmbios de fatores, de competências e de informações entre agentes genericamente semelhantes. Na sua conformação interna, os *clusters*, por via de regra, compatibiliza firmas interdependentes que incluem fornecedores especializados, e também instituições produtoras de conhecimento como universidades, institutos de pesquisa, empresas de consultoria, etc.; sem contar ainda as instituições-ponte (consórcios, incubadoras, cooperativas, etc.) e consumidores, os quais se articulam através de uma cadeia produtiva espacial e setorialmente localizada para que o aproveitamento seja o maior possível.⁴⁵

Em suma, um *cluster* ou *distrito industrial*, de acordo com a teoria da economia industrial, é um aglomerado de empresas que interdependem e interrelacionam-se, numa determinada região geográfica relativamente definida e que, por sua vez, constituem um pólo industrial especializado que gera *vantagens competitivas*. No atual momento, o Vale do Sinos é considerado o maior *cluster* de calçado feminino do mundo.⁴⁶ Isso significa que as famílias que migraram para Novo Hamburgo nas décadas de 1950 em diante, especificamente para o distrito Floresta Imperial, trabalharam – quando não montaram pequenas fábricas de produtos e serviços que as grandes fábricas terceirizavam – em variados setores da indústria calçadista,

externalidade é negativa se tem uma fonte de deseconomia externa, normalmente relacionada a aspectos ambientais – engarrafamentos, poluição, etc”. SILVA, Jorge Antonio Santos. *Turismo, Crescimento e Desenvolvimento: uma análise urbano-regional baseada em cluster*. Disponível em: <<http://www.eumed.net/tesis/jass/9.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

⁴⁴ A FENAC é uma feira bianual e sua função primordial, além de negócios diretos com revendedores, é ser um espaço de disseminação de ideias e tecnologias para a indústria calçadista. Disponível em: <http://www.fenac.com.br/fenac/index.php?idiomas_id=1&acao=conteudo&id=13>. Acesso em: 11 jun. 2010.

⁴⁵ BRITTO, Jorge; ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. *Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira: uma análise inter-setorial*. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IEUF RJ, 2000. Disponível em: <http://www.sep.org.br/artigo/BRITTO_ALBUQUERQUE.pdf?PHPSESSID=e38bdc3de5b5ee5c50b7a50fb4462232>. Acesso em: 3 jun. 2009. p. 2.

⁴⁶ AMBROS, Júlia. Informações Socioeconômicas do Vale do Sinos. *Departamento de Estatística ACINH/CB/EV*. Novo Hamburgo. Jan. 2009. Disponível em: <http://www.acinh.com.br/download/cenarios_JAN2009.pdf>. Acesso em: 9 out. 2009.

desde produtos ligados à madeira e ao couro até produtos de maquinário para a fabricação de calçados, sem falar nos implementos agregadores do produto como ilhoses, cola, tecido, fchetes, etc, num *distrito industrial* coureiro-calçadista que absorvia completamente a mão de obra sem especialização.⁴⁷ Pequenas fábricas de madeira e couro eram encontradas com facilidade, muitas vezes sem registro na prefeitura e com funcionários sem carteira assinada. Em 1991, Galvão nos informa que existiam cerca de mais de 400 empresas de calçados, cerca de 1821 empresas que produziam insumos ou prestação de serviços para a indústria calçadista, e que para cada emprego numa empresa produtora de calçado correspondia um emprego nas empresas fornecedoras de serviços e insumos.⁴⁸

Joselito – Quer dizer que o contexto de surgimento da ABEFI era a formação de um *Cluster* ou *Distrito Industrial* que desenvolvia a maior produção de calçados femininos do planeta?!

Diackonie – Sim, Joselito; é nesse contexto que surgirá a CEFI e a sua ação diaconal, a ABEFI.

Wickern – Então, para resumir, quer dizer que a Comunidade será composta de famílias que migraram da Encosta Inferior da Serra Gaúcha para trabalharem na indústria coureiro-calçadista do Vale do Sinos que se desenvolvia a todo vapor nas décadas de 1960 e 1970?!...

⁴⁷ É o que Claudia Schemes mostra em seu trabalho a respeito de Pedro Adams Filho, comemorado como o primeiro grande empreendedor na área da indústria coureiro-calçadista de Novo Hamburgo, a partir de 1901. Ela diz que sua relação com os empregados que saíam para montar seu pequeno negócio era de parceria, pois procuravam não competir com o antigo patrão produzindo outros materiais e outros tipos de calçados como femininos já que a empresa de Pedro Adams era especializada em calçados masculinos; e que, muitas vezes, eram auxiliados financeiramente nessa nova empreita. Ela argumenta que isso teria auxiliado, de maneira indireta, Novo Hamburgo tornar-se um pólo de calçados femininos. SCHEMES, Claudia. *Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria do calçado e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935)*. 2006. 446 f. Tese (Doutorado em História) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006. p. 17. Disponível em: <<http://www.cipedya.com>>. Acesso em: 17 ago. 2009.

⁴⁸ É curioso notar que a imigração alemã no século XIX se deu em vista, dentre outras coisas, justamente do problema analisado por Ricardo e Malthus, a saber, a diferença entre a produção de alimentos e o crescimento da população. Ricardo, ao mesmo tempo em que fez análises criteriosas da economia fomentou uma política liberal do estado moderno chamada Lei de Ferro e Fogo dos Salários, algo que, segundo Marx, constitui-se na natureza própria da sociedade capitalista, qual seja, a manutenção de um “exército de reserva” de trabalhadores que receberiam o mínimo necessário para sua subsistência; aqui encontramos o germe da ideia de salário mínimo. A seguinte ideia de Ricardo expressa bem seu pensamento e proposta: “o trabalho, como todas as outras coisas que são compradas e vendidas, e cuja quantidade pode aumentar ou diminuir, tem o seu preço natural e o de mercado. O preço natural do trabalho é aquele necessário para possibilitar aos trabalhadores que subsistam e perpetuem sua raça, sem aumento ou diminuição”. RICARDO, David. Sobre os salários. In: SMITH, Adam. *A economia clássica: textos de Smith, Ricardo e Malthus*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978. p. 99.

Joselito – E que a indústria do couro e do calçado tinha herdado o trabalho em couro desenvolvido no Rio Grande do Sul desde o Século XVIII?!

Diackonie – É isso mesmo.

Joselito – E como aquelas famílias foram parar especificamente no Quarto Distrito de Novo Hamburgo?

Diackonie – Com o crescimento das empresas ligadas ao ramo, os loteamentos começaram a ser um empreendimento muito rentável para famílias que possuíam terras na região, como foi o caso do loteamento do bairro Santo Afonso. Emília Jaeger Schmidt e Aloysio Hoffmann Schmidt, em 1949, lotearam sua propriedade e o primeiro lote foi adquirido pela família Engelmann para a instalação da empresa Enko. O nome do bairro foi dado em homenagem ao irmão de Aloysio, o padre católico Afonso Schmidt.⁴⁹ A família de Hugo e Urbano Engelmann juntamente com mais algumas famílias foram as promotoras da organização da CEFI a partir de 1959.

A Indústria de Máquinas Enko fabricava, na época, máquinas para a empresa coureiro-calçadista, especificamente para curtumes; máquinas como folões (máquinas para retirar o pêlo do couro), secadoras e máquinas de pintura ocupavam cerca de 70% de toda a produção da empresa ligada à indústria do couro e do calçado.

Inclusive o nome da região está ligado aos proprietários das sesmarias que se tornaram parte do município de Novo Hamburgo. O nome Floresta Imperial se deu por causa do costume dos imigrantes alemães de homenagearem figuras importantes, e como aquela região foi presenteada por Dom Pedro II a Pedro Petry, pai de Leopoldo Petry, conhecida figura de Novo Hamburgo como político e historiador, e a Coronel Jacob Kroeff Filho, conseqüentemente em homenagem ao Imperador ficou a região conhecida como Distrito Floresta Imperial (Kaiserswald) um dos quatro distritos que formavam Novo Hamburgo até 1967, pois naquele ano a Lei Municipal de número 78/69 extinguiu a divisão até então vigente, dando forma a um único Distrito que é hoje Novo Hamburgo.⁵⁰

⁴⁹ TORMAN, Ronalisa. *Exclusão e formação na instituição escolar pública*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006. Disponível em: http://bdt.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=142>. Acesso em: 6 jun. 2 p. 18-19.

⁵⁰ SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Os bairros de Novo Hamburgo*. Novo Hamburgo: A autora, 2001. p. 11.

ARGUMENTO DO SEGUNDO DIÁLOGO

Neste segundo diálogo, a leitora poderá seguir algumas pistas a respeito da contextualização imediata da CEFI e de sua formação histórica. Encontrará os seguintes apontamentos acerca da CEFI e da ABEFI, sua instituição diaconal...

Primeiro, uma avaliação a respeito da constituição da CEFI e como se procedeu seu desligamento e conseqüente autonomia da Igreja da Ascensão, em 1969. Na esteira desta, o surgimento da ABEFI, a qual foi estruturada ao longo das décadas de 1970 e 1980, momento histórico de grande expansão do município de Novo Hamburgo, era a época de incremento da Feira Nacional do Calçado, a FENAC, que ajudou a elevar o Vale do Sinos – através dos intercâmbios de externalidades produtivas – como Distrito Industrial ao pódio de maior produtor de calçados femininos do país e que mais tarde chegaria ao topo mundial; isso em fins dos anos de 1980.

Segundo, consideração sobre a estruturação da ABEFI e como ela se move dentro do âmbito da Legislação Brasileira que rege a ação social.

Terceiro, notas concernentes ao papel desenvolvido pelo Pastor Sebaldo Nörnberg na articulação das atividades diaconais da CEFI.

SEGUNDO DIÁLOGO

Pois fé é uma questão de vivência. E mais: é questão de convivência. É existência criativa.

(Sebaldo Nörnberg)⁵¹

Diackonie – Bem, quero falar um pouco a respeito de como foi o processo de formação da ABEFI.

Wickern – Claro, estamos ansiosos para saber como isso aconteceu.

Joselito – Com certeza!

Diackonie – A CEFI, como comunidade diaconal, não recebeu uma sistematização discursiva elaborada a respeito das ações diaconais realizadas por meio da ABEFI. Não é possível encontrar senão uma única vez, na antiga versão do Art. 1º do Estatuto da ABEFI, que versava complementarmente ao *caput* do instituto em questão, mantido na atual versão, como uma instituição “devotada à missão diaconal” da IECLB.⁵² Devido às exigências governamentais do Código Civil Brasileiro, foi suprimida a ligação confessional com o viés diaconal da IECLB. No entanto, isso não significa que foram suprimidas de fato. A teologia diaconal da ABEFI, como vocês sabem, fundamenta-se nos princípios teológicos desenvolvidos pela tradição evangélico-luterana. A ABEFI liga-se por sua natureza àqueles trabalhos desenvolvidos, na primeira metade do século do XIX, pelos assim chamados “pais da diaconia”, que criaram abrigos para mulheres e crianças.⁵³

Wickern – Foi por causa de um destes que meu pai me deu esse nome, mas o escrivão errou a grafia, como sempre.

Diackonie – É isso mesmo, de Johann Hinrich Wichern, considerado fundador da Missão Interna na Alemanha no Século XIX.

⁵¹ NÖRNBERG, Sebaldo. *É dando que se recebe: a caminhada com a Comunidade Evangélica Floresta Imperial e suas instituições*. São Leopoldo: Sinodal, 1984. p. 46-47.

⁵² ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE FLORESTA IMPERIAL: ABEFI 20 ANOS: a pregação do Evangelho na prática: livreto alusivo aos 25 da ABEFI. Novo Hamburgo, 1993. p. 4.

⁵³ Grupos influenciados pela onda de reavivamento religioso, nos séculos XVIII e XIX, e impulsionados pela Revolução Industrial e pelas lutas trabalhistas passaram a desenvolver uma compreensão missionária fundamentada na ação social. Inicialmente foram trabalhos, como da Missão Interna, que criaram lares de acolhimento para crianças e mulheres em situação de fragilidade social. Johann Hinrich Wichern é considerado fundador da Missão Interna, que teve como eixo de ação o “Rauhes Haus”, um lar para meninos abandonados. De acordo com Wachholz, a Sociedade Evangélica Pella-Betânia é resultado da influência da Missão Interna no Rio Grande do Sul. WACHHOLZ, Wilhelm. “Atravessem e ajudem-nos”: a atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: Sinodal, 2003. p. 109.

Joselito – Bah, Wickern! Seu nome tem origem diaconal!...

Wickern – Menos Joselito...

Diackonie – Então, continuando... a contingência social desse período com as contorções políticas exigiu respostas concretas e não elaborações a partir do simples interesse pelo social. Ao contrário, a crueza social foi a base de ação, nas décadas de 1940/60, na região do Vale do Sinos, ou seja, um franco desenvolvimento industrial que absorvia absolutamente a mão de obra sem qualificação vinda das colônias do interior já que não havia necessidade imperiosa de especialização – a grande maioria realizava o trabalho no chão de fábrica – e que aplicava a lógica da manutenção da queda de taxa dos salários, e os serviços insalubres sob a rubrica da ética do trabalho condicionavam grandemente a mobilização e articulação dos trabalhadores.⁵⁴ Dessa forma, o distrito de Floresta Imperial se vê diante de uma realidade social de muita miserabilidade, condição necessária do desenvolvimento, e sofrimento humano; paradoxalmente.

Deduzi que a teologia diaconal expressa nos documentos impressos pela ABEFI e pelo pastor Nörnberg dá a entender que se tratava de uma teologia evangélico-luterana de caráter ético muito acentuado. A CEFI surgiu como subcentro da Igreja Evangélica da Ascensão de Novo Hamburgo e assim foi durante os primeiros dez anos de sua existência.⁵⁵

Joselito – Por que houve a separação?

Diackonie – Historicamente, as famílias que migravam para trabalhar na região do Quarto Distrito acabavam se tornando membros da Igreja da Ascensão de Nosso Senhor, no centro de Novo Hamburgo. No entanto, a Comunidade que se reunia lá na Ascensão era constituída por famílias que estavam há décadas na cidade. Muitas famílias participavam da “ascensão” industrial da cidade. Foi quando construíram o novo templo em estilo neogótico no centro da cidade. Em decorrência, esse período marcará o surgimento de uma corrente teológica chamada “evangelical” dentro da Ascensão. Essa teologia se caracterizava fundamentalmente pelo chamado “conversionismo” individualista pautado sob a hegemônica noção de consciência ao estilo cartesiano construído na modernidade. A decisão consciente

⁵⁴ “Com a expansão industrial da década de 1970, os centros urbanos da área estudada passariam a oferecer empregos não qualificados em grande quantidade aos trabalhadores oriundos da agricultura, atraindo um fluxo migratório significativo. Os filhos e filhas de agricultores que não quisessem ou não pudessem permanecer trabalhando na agricultura encontravam agora mais possibilidades na busca de outro modo de vida. Ainda, a partir dos anos 1950, decairia o número de filhos das famílias rurais, chegando a taxa de fecundidade, em 1960, a 6,2 filhos por mulher”. TORRES, 2004, p. 12.

⁵⁵ EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 109*, 6 out. 1969. Ata de Reunião de Diretoria.

diante de uma situação colocada teleologicamente e desenvolvida dentro de uma cosmovisão metanarrativa expressava-se juntamente ao amplo desenvolvimento social. O Distrito Floresta Imperial localizava-se “periféricamente” a reboque da violência histórica das forças produtivas e as famílias evangélicas que migravam para lá em busca de novas oportunidades, diziam não se sentirem bem na Ascensão, pois “nem sapato tinham”.⁵⁶

Wickern – A ruptura se deu por causa da diferença social?

Diackonie – Não exatamente. A parte da Comunidade estabelecida no Quarto Distrito se reunia com os pastores Georg Bachimont⁵⁷ e Heinz Kretschmer,⁵⁸ esporadicamente em cultos caseiros, principalmente a Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas, a OASE, mais ou menos desde os anos de 1954 até a constituição definitiva da Comunidade em 1959.⁵⁹ A diferença social entre as famílias do Quarto Distrito e as da Ascensão pode ser afirmada com certeza, mas não é somente isso que contribuiu na separação; há o fato de que desde o início a intenção era ter autonomia. A dificuldade de locomoção contribuía também. Não existiam meios de transporte tão disponíveis, a maioria das famílias, exceto as pessoas mais idosas ou com alguma dificuldade, fazia o trecho a pé. A separação, melhor dizendo: a autonomia, era questão de tempo, o que não elimina a existência de conflitos, por suposto.

Joselito – Certo, mas esse tema não é objeto de sua pesquisa, não?

Diackonie – Não. Somente quero traçar um paralelo entre uma Comunidade marcada pela ascensão econômica e uma Comunidade marcada pela busca de dias melhores na indústria calçadista, na qual muitas das famílias da Ascensão tinham participação direta.⁶⁰

Wickern – Talvez fosse uma questão de identidade, Diackonie?

Diackonie – É verdade. O surgimento da CEFI se deu em 24 de dezembro de 1959.⁶¹ O nome adotado para a CEFI, Igreja Evangélica da Paz, foi baseado na mensagem de paz dos

⁵⁶ COMUNIDADE Floresta Imperial comemora hoje os seus 25 anos. *Jornal NH*, 24 dez. 1984, Geral, p. 88.

⁵⁷ Georg Adolf Bachimont 16/01/1900, Strassburg, Alemanha – 25/05/1960, Dois Irmãos, Brasil. 75 anos de existência do Sínodo Riograndense 1886 – 1961. São Leopoldo: Sinodal, 1961. p. 105.

⁵⁸ Heinz Kretschmer (31/12/1910, Rawitsch, Alemanha) foi pastor na Igreja da Ascensão de 1947 até 1956.

⁵⁹ COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. Prospecto interno da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas da Comunidade Evangélica Floresta Imperial.

⁶⁰ WACHHOLZ, Wilhelm. *Uma igreja diferente 1951-2001: o cinquentenário do templo da Ascensão*. Novo Hamburgo: Comunidade Evangélica de Confissão Luterana da Ascensão, 2001.

⁶¹ COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata* [s.n.], 30 dez. 1959. Ata de Reunião de Diretoria. Para o Estado, uma instituição necessita de elementos materiais para sua consubstanciação como argumenta o jurista Lovato que “a formação da pessoa jurídica exige elementos de ordem *material*, basicamente, uma pluralidade de pessoas, um conjunto de bens e uma finalidade específica, e elementos de ordem *formal*, que são um estatuto e o seu registro no órgão competente”. LOVATO, Luiz Gustavo. *Da personalidade jurídica e sua desconsideração*. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7522>>. Acesso em: 11 jun. 2010.

anjos aos pastores da passagem bíblica de Lucas 2.14. Deste texto, cabe ressaltar que os pastores constituíam um grupo desprestigiado socialmente e relegado à região segregada de Belém. Significa que a região central, Jerusalém, era lugar de distinção social, enquanto que as camadas pobres ficavam segregadas às regiões limítrofes. Essa leitura da Escritura, parece-me, foi praticada pelas famílias da Floresta Imperial diante do espírito de progresso da Ascensão,⁶² haja vista a manutenção do discurso de progresso que caracterizou a formação discursiva da emancipação da cidade, isto é, exaltação da ética do trabalho.⁶³ A CEFI se pautou pelos trabalhos sociais com seus membros e com a comunidade local que eram de menos privilégios. O Pastor Nörnberg argumenta que uma igreja que pratica o culto decorativo e o cultivo de mera emoção religiosa ainda não atua como uma comunidade cristã. A comunidade chamada por ele de tradicional deve aceitar a comunidade do dia a dia, ou seja, aquela comunidade maior constituída ao redor da comunidade religiosa que se defronta com ela a cada instante, aquela comunidade local que não professa a mesma fé, que não compartilha dos mesmos valores, que não acredita na mesma ética e nem na mesma liturgia. A aceitação da comunidade do dia a dia é aceitação do caminho da cruz. E sentencia: “Mesmo não sendo por todos valorizado o trabalho que prestamos, declaramo-nos a favor desta linha de trabalho”.⁶⁴

A migração tem suas vicissitudes e a clivagem fenomenológica cultural que advém da perda de capital simbólico da região de origem e a conquista de novos capitais, na nova região, nunca será idêntica como argumenta Helena Brum Neto sobre a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul.⁶⁵ A complexidade do processo migratório expressa a violência da expulsão agora dupla já que não bastou atravessar o oceano, mas é preciso ainda encontrar a região mais propícia dentro da *terra brasilis*.⁶⁶ Assim, a cooperação é imperativa para a sobrevivência do grupo. Sua identidade passará pelo fenômeno da migração e das necessidades de sua adaptação. “Tal situação permitirá ao grupo identificar-se novamente sobre uma base espacial e ser identificado pelos demais grupos sociais do seu

⁶² WACHHOLZ, 2001, p. 58.

⁶³ PRODANOV; SCHEMES, 2009, p. 3.

⁶⁴ NÖRNBERG, 1984, p. 55.

⁶⁵ NETO, Helena Brum. *Regiões Culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha*. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 135-155, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n2/a09v20n2.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2009. p. 47.

⁶⁶ “No período de 1940 a 1970, os fluxos migratórios no Rio Grande do Sul foram ocasionados essencialmente por dois fatores: um de atração e outro de expulsão. O nível de renda dos habitantes das cidades, como fator de atração, e o esgotamento da fronteira agrícola, como fator de expulsão”. AGUIAR; BEROLDT; SOUZA, p. 9-10.

entorno”.⁶⁷ Desta forma, *a ação social elaborada pela teologia diaconal da CEFI constitui a forma e o próprio conteúdo da identidade das famílias em oposição à conscientização personalista da Ascensão, a qual foi seu ponto de mutação*; trabalhar em favor do próximo permitiu o ajuste fenomenológico de construção de sua identidade após a expulsão do campo.

Joselito – Você quer dizer com isto que a identidade da CEFI se formou em face a uma ruptura social com o espírito de progresso individualista da Ascensão?

Diackonie – Eu quero dizer com isto que há um elemento não dito por mim ainda, e que vou enunciá-lo a seguir, que permitiu àquelas famílias se organizarem e conformarem sua identidade por este avatar, qual seja, o *espírito associativo* herdado da vivência nas colônias do interior. Antes, porém, quero falar da constituição da ABEFI.

A ABEFI surgiu como uma associação beneficente tendo como instituições inicialmente a Creche Evangélica da Paz e o Centro de Treinamento Vocacional. Surgiu para atender as crianças de famílias da CEFI e da comunidade local, independentemente do credo religioso; era para ser um trabalho pautado numa visão ecumênica.⁶⁸ Muitas mães eram voluntárias nestas atividades para cuidar das crianças enquanto os pais participavam de cursos técnicos na área de calçados; chamava-se, à época, este trabalho de *Clube da Criança*. Contava, em 1967, com estagiárias do curso de magistério da Fundação Evangélica de Novo Hamburgo. Não há informações precisas a respeito de quando começou a funcionar este trabalho embrionário, mas há referências documentais de trabalhos com crianças desde 1965.⁶⁹

Efetivamente registra-se o surgimento da *Escola de Educação Infantil da Paz*, então conhecida como *Creche Evangélica da Paz*, em 3 março de 1968,⁷⁰ juntamente com o Centro de Treinamento Vocacional, que será conhecido como Escola Fábrica que já, em 1967, tinha sido aprovado pela Comissão de Projetos Especiais da IECLB.⁷¹ É interessante notar que a

⁶⁷ NETO, 2007, p. 48.

⁶⁸ Escreve o pastor Sebaldo Nörnberg: “Mas jamais tentamos ‘complementar’ as atividades sociais com fervor religioso, a fim de conseguir novos adeptos, nem desenvolvemos com os participantes dos cursos práticas religiosas tradicionais. A grande significação deste trabalho, inclusive seu valor teológico, está implícita na realização do próprio trabalho em prol do próximo”. NÖRNBERG, 1984, p. 53.

⁶⁹ COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 09*, 7 jul. 1965. Ata de Reunião de Diretoria; e COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 56*, 7 ago. 1967. Ata de Reunião de Diretoria.

⁷⁰ COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 68*, 3 mar. 1968. Ata de Assembléia Geral.

⁷¹ Os projetos encaminhados ao exterior passavam todos por este setor da IECLB. COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 49*, 17 abr. 1967. Ata de Reunião de Diretoria. Está registrado em COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 83*, 21 out. 1968. Ata de Reunião de Diretoria, que o próprio secretário de Estado dos Negócios do

CEFI ficou conhecida por seus membros e pelas pessoas ao redor como Igreja da Paz. Segundo informações de Hugo Engelmann, o primeiro presidente da CEFI, isso se deu porque a comunidade surgiu no segundo semestre do ano de 1959 e o culto inaugural foi no dia 24 de dezembro tendo como eixo fundamental de argumentação o texto bíblico do Evangelho de Lucas 2. 8-20, no qual aparece a conhecida canção dos anjos de Belém: “Glória a Deus nas maiores alturas, e paz na terra entre os homens a quem ele quer bem”.⁷² Tudo indica que a ideia de que a proclamação, dos anjos, de paz aos seres humanos por parte de Deus tocou profundamente as famílias que estavam na vanguarda daquele empreendimento comunitário.⁷³

Joselito – Espera um pouco... o que é a Igreja da Paz e o que é a CEFI?

Diackonie – A Igreja da Paz é o lugar em que se reúne a Comunidade, esta como uma entidade religiosa, regada pelo Código Civil Brasileiro sob a tutela da Constituição Brasileira de 1988.⁷⁴ Nem uma nem outra se esvai na distinção nominal... da Paz são tanto as pessoas quanto as ações... ações de Paz que caracterizam a Igreja e a associação.

Wickern – Então significa que o nome Igreja da Paz é somente o nome do templo?

Diackonie – Sim. Isso mesmo. A Igreja da Paz, o prédio, pertence à CEFI. Todas as instituições, naquele lugar, levaram o substantivo *paz* como forma de marcar a identidade da instituição.

Joselito – E CEFI é o nome exigido pelo Estado Brasileiro?

Diackonie – Correto.

Wickern – A ABEFI tem a CEFI como mantenedora, então?

Diackonie – Isso. Ela é responsável por dar as diretrizes práticas e ideológicas da mantida, no caso aqui a ABEFI.

Joselito – Como a ABEFI funciona?

Trabalho e Habitação do estado do Rio Grande do Sul, Cid Furtado, emitiu circular à diretoria da CEFI a respeito da impossibilidade de comparecer ao lançamento da pedra fundamental da ABEFI por causa de compromissos na mesma data.

⁷² A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997. A tradução corrente que acima trazemos é inespecífica do ponto de vista exegético. Há que ficar claro que a mensagem ora entendida de forma universal possui destinatários específicos, quais sejam, um grupo social marginalizado. A mensagem de agrado e aceite por parte de Deus deve ser enfática.

⁷³ COMUNIDADE FLORESTA IMPERIAL comemora hoje os seus 25 anos. Jornal NH, Novo Hamburgo, 24 dez. 1984, Geral, p. 88.

⁷⁴ A CEFI, assim como todas as igrejas, exceto a Igreja Católica de Roma, é classificada como pessoa jurídica de direito privado, conforme a nova redação dos arts. 44 e 2.031 da Lei, n. 10.406, de 10 de janeiro, de 2002, que institui o Código Civil, em 22 de dezembro de 2003. PEREIRA, Odilon Alexandre Silveira. *O novo Código Civil e a Igreja: impactos e implicações*. Londrina: Instituto Jetro, 2003. p. 44

Diackonie – A ABEFI como instituição passou a existir somente quando de sua institucionalização diante do governo, em 1968;⁷⁵ as pessoas ligadas à instituição acostumaram-se a falar num momento anterior como se já existisse a mesma como é o caso do próprio Pastor Nörnberg.⁷⁶ Talvez porque as representações que constituem o imaginário social estejam alicerçadas em elementos da realidade mesma, dando aos envolvidos um significado a partir de seus desejos e necessidades conscientes e inconscientes.⁷⁷ Assim, a elaboração do discurso da identidade ao retornar no tempo provoca a sensação de uma maior vitória diante das adversidades sociais. Cada uma das instituições que formam a ABEFI é descrita em sua gênese de maneira a marcar a identidade da CEFI a partir da diaconia, ou seja, uma teologia do serviço sob o aspecto da alteridade. A *Creche Evangélica da Paz* ocupa espaço fundamental neste discurso, pois foi junto com o denominado Centro de Treinamento Vocacional, que seria mais tarde conhecido como Escola Fábrica,⁷⁸ e que já não existe mais, as primeiras instituições a comporem a ABEFI. No ano de 1973, o Governo Federal decretou a ABEFI Instituição de Utilidade Pública, como já antes tinha sido reconhecida sua utilidade municipal e estadual.⁷⁹ Em 1984, quando a ABEFI comemorava os seus 25 anos de existência, eram desenvolvidos os seguintes projetos: *Escola Evangélica da Paz* (hoje Colégio Sinodal da Paz), *Creche Evangélica da Paz* (hoje Escola de Educação Infantil da Paz), *Escola Fábrica* (não existe mais), *Ação Encontro* e o *Lar-Padilha*. Enquadrada na legislação

⁷⁵ “Nos termos dos artigos 18 e 19 do Código Civil, a criação de uma associação ou sociedade civil obedece a dois momentos distintos: o da constituição (por meio de ato jurídico *inter vivos*) e o do registro. Finalizada a fase de inscrição do seu estatuto, em forma pública ou particular, no Registro Civil de Pessoas Jurídicas, considera-se legalmente a existência da pessoa jurídica, ou seja, é neste momento que a associação adquire capacidade jurídica, tornando-se sujeito de direitos e obrigações”. REBRATES: Rede Brasileira de Terceiro Setor: sua ONG. Disponível em: <<http://www.terceirosetor.org.br/quemsomos/index.cfm?page=brasil>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

⁷⁶ NÖRNBERG, 1984, p. 51.

⁷⁷ PRODANOV, Cleber Cristiano; SCHEMES, Claudia. *Possibilidades do uso da história oral na pesquisa sobre a memória e identidade de Novo Hamburgo*. Disponível em: <www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Cleber%20Cristiano%20Prodanov>. Acesso em: 16 ago. 2009.

⁷⁸ Os trabalhos desenvolvidos em parceria com o Estado, Poder Público Municipal e a indústria coureiro-calçadista são citados nas atas desde 1964. COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Atas n. 9*, 16 nov. 1964. Ata de Reunião de Diretoria.

⁷⁹ BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Decreto n. 71.781*. Brasília, 31 jan. 1973. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1970-1979/D71781.htm>. Acesso em: 16 ago. 2009. Nova redação encontra-se em: BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Decreto*. Brasília, 27 maio 1992. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/DNN/Anterior%20a%202000/1992/Dnn786.htm#art3>. Acesso em: 16 ago. 2009. ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. 2009. Prospecto. ZIEGLER, Dorotéa Luise. *Comunidade Evangélica Floresta Imperial: 20 anos de opção pelos pobres*. 1982. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 1982. p. 09 (Monografia inédita). A ABEFI está registrada no Conselho Nacional de Assistência Social sob processo de n. 239078/70 de 20 de setembro de 1971.

específica como pessoa jurídica de direito privado,⁸⁰ isto é, podendo se organizar internamente conforme instituto da Constituição Federal do Brasil a respeito da liberdade religiosa, possui título de Utilidade Pública Federal, juntamente com o Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social – CEBAS, que possibilita a isenção da cota patronal ao INSS e de outras contribuições sociais.⁸¹

A estrutura da ABEFI funciona numa escala hierárquica. A estrutura descentralizada tem na Assembleia Geral sua maior fonte de autoridade, no Conselho Deliberativo são tomadas decisões conferidas em acordo com o Estatuto da instituição, a Diretoria gere as ações e o Diretor Executivo é contratado para conferir eficácia às suas ações; o Grupo Gestor, Financeiro, de Comunicação e de Marketing realizam o trabalho de manter a instituição dentro da esfera de visão da sociedade para que o setor de Projetos crie pautas na busca de recursos à manutenção das quatro unidades da ABEFI: Lar Padilha, Colégio Sinodal da Paz, Escola de Educação Infantil da Paz e Ação Encontro.

A natureza institucional da ABEFI é filantrópica de caráter educacional e de assistência social para crianças, jovens e adultos.⁸² Num opúsculo publicado em 1993, o discurso encontrado no editorial era de que a pessoa cristã, a comunidade e a Igreja não vivem para si mesmas, mas para o próximo.⁸³ Num periódico institucional, de 1983, a ABEFI é descrita como uma célula da Comunidade Cristã Universal. Ela não é grande porque presta serviços humildes.⁸⁴

⁸⁰ A ABEFI “é sociedade civil, sem fins lucrativos, de duração indeterminada, com sede e foro jurídico em Novo Hamburgo/RS”. ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. 2009. Estatuto Social. Disponível em: <http://abefi.org.br/novosite/index.php?option=com_content&task=view&id=65&Itemid=66>. Acesso em: 8 out. 2009.

⁸¹ São três os tipos de reconhecimento da utilidade pública de uma instituição civil sem fins lucrativos, a saber, Título de Utilidade Pública, Certificado de Entidade Beneficente de Assistência Social (CEBAS) e Organização da Sociedade Civil de Interesse Público cuja sigla é bem conhecida, OSCIP. A ABEFI se enquadra no primeiro tipo, até porque seu surgimento é posterior ao surgimento das outras duas. TREZZA, Valéria Maria. Títulos e Qualificações das Organizações do Terceiro Setor. *Integração*: Revista Eletrônica do Terceiro Setor. Disponível em: <<http://integracao.fgvsp.br/ano7/02/administrando.htm>>. Acesso em: 8 out. 2009.

⁸² ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE FLORESTA IMPERIAL. Estatuto. Novo Hamburgo. 1968. Disponível em: <<http://www.abefi.org.br>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

⁸³ ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE FLORESTA IMPERIAL: ABEFI 20 ANOS: a pregação do Evangelho na prática: livreto alusivo aos 25 da ABEFI. Novo Hamburgo, 1993. p. 4.

⁸⁴ “Enfim o que é a ABEFI? É uma célula da Comunidade Cristã Universal. Está bem grande? Não, está bem pequena. Pequena porque Cristo foi pequeno – uma criança. A ABEFI se presta para pequenos e humildes serviços com crianças e deficientes. Serviços estes para os quais, quem sabe muitos se consideram demais importantes”. COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. O Elo: boletim informativo da Igreja da Paz, Novo Hamburgo, n. 8, 1983.

Fica expressa a perspectiva da instituição que privilegia o serviço humilde de ação social para crianças, mais especificamente, e adultos que se localizavam marginalizados, a começar, da linguagem, da alfabetização, pois as escolas da região não conseguiam atender eficazmente à população. Quando eu falar do Colégio Sinodal da Paz, delinearemos melhor esse aspecto histórico.

As famílias trouxeram uma ética do trabalho acentuada. A linguagem do Pastor Sebaldo Nörnberg enfatizava o caráter da ação concreta.⁸⁵ Encontrei no Livro de Atas da CEFI uma progressiva introdução do tema “escola para crianças”, e a própria preocupação com as mesmas é quase concomitante à própria constituição da comunidade.⁸⁶ Também há referências a cursos em parcerias com instituições ligadas à indústria.⁸⁷ Na reunião da diretoria da CEFI de 17 de abril de 1967, há pela primeira vez a notícia da construção de uma escola de “Treinamento Vocacional”, aprovada pela Comissão de Projetos Especiais da IECLB.⁸⁸

Parece que a ideia de ação conjunta com instituições na tentativa de auxiliar as pessoas da região, eminentemente pobres, por parte da CEFI, foi gradualmente sendo desenvolvida até se efetivar de maneira mais concreta.⁸⁹ A ABEFI começou com um *Jardim de Infância* e cursos de *Treinamento Vocacional* e depois foi crescendo.⁹⁰ O Pastor Nörnberg

⁸⁵ “Para a ABEFI o mundo é simplesmente um grande campo de trabalho. Nele é preciso partir para a ação concreta. Dá para dizer que a ABEFI tenta concretizar a prática do dar a mão para reforçar a união”. ABEFI, 1993, p. 6.

⁸⁶ COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 09*. Ata de Reunião de Diretoria. 7 jul. 1965. É encontrada nesta ata a preocupação com as crianças das famílias da CEFI e, posteriormente da comunidade ao redor.

⁸⁷ Já em 1964 fala-se em curso de corte e costura e modelamento que seria oferecido pelo Treinamento Industrial da SEPES em parceria com a CEFI. COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata* [s.n.]. Ata de Reunião de Diretoria. 9 nov. 1964. No periódico Elo de 1983 é dito que as indústrias doavam para os cursos do antigo Centro Vocacional, agora Escola Fábrica, os materiais necessários como cola, couro, madeira e realizavam manutenção das máquinas onde as pessoas praticavam as tarefas. ELO, 1983.

⁸⁸ COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 49*. Ata de Reunião de Diretoria. 17 abr. 1967.

⁸⁹ Na reunião de diretoria de 7 de agosto de 1965, registra-se a apresentação pelo pastor Sebaldo Nörnberg da intenção de criar a oportunidade de ensino de trabalhos manuais para crianças e um Jardim de Infância com apoio da Fundação Evangélica, que iniciasse em 1968. COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 56*. Ata de Reunião de Diretoria. 07 ago. 1967. Em 4 de novembro, o pastor Sebaldo sugere a criação de um Livro Ouro para a construção de um Centro de Treinamento Vocacional. COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 64*. Ata de Reunião de Diretoria. 4 nov. 1967.

⁹⁰ Na Assembleia Geral de 3 março de 1968, encontramos a informação da contratação da primeira professora para o Jardim de Infância, a Sra. Ladi Höveller, que era além de professora, organista, secretária e professora de alemão e de coro. COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 68*. Ata de Assembléia Geral. 3 mar. 1968.

definia o processo pelo qual a CEFI passava como um compromisso evangelizante.⁹¹ É visível que evangelizar é indissociável da ação social que a comunidade cristã imprime às suas ações em seu entorno. A formação dessa identidade cristã passaria pela ação, segundo o Pastor Nörnberg, pois diante da situação de pobreza e miséria era questionada a própria identidade cristã. E esta não se realizaria apenas com lamentações.⁹² Daí então surgiu a questão: *que fazer?* A resposta veio na ação elaborada discursivamente, embora não sistemática, na esteira da teologia pietista luterana do século XVIII e XIX, com influências da teologia latino-americana, a elaborada Teologia da Libertação (TdL). No entanto, não encontrei a adoção efetiva de nenhuma destas teologias, mas sim uma teologia bem própria que brotou daquele contexto.

Wickern – Você está dizendo que a ABEFI queria participar junto da sociedade civil na melhoria das condições sociais das famílias do Quarto Distrito?

Diackonie – Sim, mas voltarei nisso depois, primeiro quero elencar as unidades da ABEFI.

Joselito – Legal!

Wickern – Espera, antes, fala mais sobre o Pastor Nörnberg.

Diackonie – Ah, sim! O Pastor Nörnberg fora influenciado grandemente pela figura do teólogo luterano Albert Schweitzer que, na década de 1950, era um vulto humanitário em todo o Ocidente, principalmente na Alemanha, onde ele, por influência de um outro pastor, tinha ido fazer um curso de educação cristã.⁹³ Lá ele estudou no Seminário de Pregadores de

⁹¹ NÖRNBERG, 1984, p. 14. O pastor Sebaldo Nörnberg foi o segundo pastor a atuar na CEFI. Ele assumiu em 01 de março de 1963 e ficou até o ano de 1998. Foram 35 anos de trabalho, dos quais a maior parte foi dedicada à ABEFI.

⁹² “A comunidade começou a desenvolver, juntamente com as atividades religiosas, atividades que visavam beneficiar seres humanos na sua integridade, oferecendo, por exemplo, cursos de treinamento profissional. Aprendemos que uma comunidade cristã não deve viver passivamente. Deus nos deu condições para viver e trabalhar para o nosso próprio bem-estar e em favor do próximo. A comunidade cristã existe neste mundo para descobrir as oportunidades de engajarmos-nos a favor do próximo e de enfrentarmos com ele as situações mais difíceis. Toda comunidade cristã tem o compromisso de ser comunidade evangelizante. E o evangelho de Cristo nos envolve com a realidade social. Por isso a evangelização tem implicações sociais. Jamais uma comunidade poderá manter a sua identidade cristã vivendo separada da realidade que a cerca. A comunidade que quer evangelizar deve enfrentar também os problemas materiais que as pessoas têm”. NÖRNBERG, 1984, p. 46.

⁹³ Albert Schweitzer (1875-1965): teólogo e médico luterano proveniente da Alta Alsácia, Alemanha (hoje França). Schweitzer foi um renomado teólogo no início do século XX, quando decidiu estudar medicina para ser missionário na África Equatorial, em Lambaréné, no Gabão. Era também o maior especialista na interpretação do compositor Johann Sebastian Bach, tanto como teórico quanto instrumentista e ainda restaurador de órgãos. Recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 1952. A evolução de sua teologia liberal deu-se à ética. Após a I Guerra Mundial, em 1923, Schweitzer publicou sua obra intitulada *Filosofia da Civilização* (Kulturphilosophie), na qual encontramos sua filosofia da “reverência pela vida”, que pauta a existência humana por um princípio ético relativo aos seres vivos, ou seja, respeito pela natureza em sua totalidade, sem

Berlim Oriental durante cinco anos. Nesse tempo, teve contato com missionários da Índia, de Angola, com veteranos da II Guerra Mundial, e se envolveu com os trabalhos de missão nas fábricas da Alemanha Oriental realizados pela Sociedade Missionária de Gossner (Gossner Mission) da Alemanha Ocidental.⁹⁴ Segundo o próprio pastor Nörnberg, o trabalho desenvolvido na Floresta Imperial tem influência de sua vivência no exterior e as necessidades a que foi intimado aqui, em grande parte, estão aliadas àquela realidade.⁹⁵ É desse período que ele tem contato, além do já citado Schweitzer, com a Teologia Evangélica do Pastor Dietrich Bonhoeffer, mártir evangélico sob o regime nazista. O Pastor Nörnberg é de ascendência pomerana e nasceu na Colônia Cerrito, em Pelotas, no Rio Grande do Sul, no dia 02 de novembro, numa família de onze filhos. Sua família pertencia a uma Comunidade Luterana Livre e, antes de ser chamado para ser pastor na IECLB, ele já atuava como professor.⁹⁶

A teologia de Albert Schweitzer, que se fundamenta naquela ideia do Apóstolo Paulo exprimida na singela frase mal ouvida, mal percebida, mas que bastaria para tornar o mundo infinitamente melhor: “Há mais alegria em dar do que em receber”,⁹⁷ parece ter exercido sensível influência sobre ele, pois seu livro a respeito da CEFI e suas instituições, de 1984, teve por título uma das famosas frases da conhecida Oração de São Francisco de Assis, o grande ecologista, se assim é possível dizer, da Idade Média: *É dando que se recebe*.⁹⁸ Podemos afirmar que a questão social e a ecologia foram o eixo de preocupação da teologia do pastor Sebaldo Nörnberg. Um outro aspecto é o fato dele ter que correr atrás de fundos para a manutenção da instituição, algo que o próprio Schweitzer fez constantemente para

o qual a sobrevivência da civilização é impossível. A teologia liberal de Schweitzer colocava em evidência a ação ética de amor ao próximo; um compromisso ético em relação ao próximo é o único meio viável à realização da humanidade e do chamado evangélico. SCHWEITZER, Albert. *De mi vida y mi pensamiento*. Barcelona: Aymá, 1965.

⁹⁴ ZIEGLER, 1982, p. 9-12.

⁹⁵ ZIEGLER, 1982, p. 10.

⁹⁶ As Comunidades Livres eram formadas por imigrantes e permaneceram assim, em sua maioria, até a fundação da IECLB em 1968, mas há ainda um número considerável de comunidades que não se associaram à IECLB ou associaram-se à Igreja Evangélica Luterana do Brasil (IELB); justamente na região de Pelotas existe ainda um grande número delas. Esse tipo de organização predominou no Brasil durante grande parte da história do protestantismo evangélico de imigração, e os pastores eram pessoas tiradas do próprio meio – geralmente um agricultor que tinha certa capacidade para dar às crianças uma educação básica e fazer os serviços pastorais – somente a partir de 1864 pastores com formação acadêmica começaram a compor o quadro de ministros ordenados. DREHER, Martin N. Protestantismo de Imigração no Brasil: sua implementação no contexto do projeto liberal-modernizador e as conseqüências desse projeto. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, 1993. p. 120.

⁹⁷ CORÇÃO, Gustavo. Schweitzer: o apóstolo do respeito à vida. In: GRANDES Vocações: apóstolos modernos. São Paulo: Donato, [s.d.]. p. 349.

⁹⁸ NÖRNBERG, 1984, p. 46.

manter o hospital em Lambaréné,⁹⁹ já que ela não subsistiria sem a ajuda de instituições estrangeiras e das parcerias com agências governamentais, e do árduo trabalho voluntário dos membros da CEFI, acima de tudo!¹⁰⁰ A influência na questão ecológica que o *Teólogo da Selva Africana* imprimiu no pastor Nörnberg e a *vida em comunhão* sob os auspícios da Teologia Evangélica de Bonhoeffer foi muito grande. Ele diz que a conscientização ecológica é uma questão de sobrevivência da espécie humana. Se o ser humano não se preocupar com a natureza e respeitar suas leis, sucumbe junto com as outras formas de vida.¹⁰¹ Da mesma forma, a teologia que não aprende a dialogar com as mudanças de épocas e tempos acaba refém de uma linguagem teológica que não mais comunica a encarnação de Deus e fica assim propensa a propalar um deus atrelado deveras à lógica do século, uma caricatura religiosa da mundanidade desumanizada do sistema vigente. Assim, para o Pastor Nörnberg, somente a vida que respeite a existência em comunhão fraterna pode oferecer uma adequada percepção e valorização da vida como um todo, na qual o respeito à natureza é o respeito à criação divina.¹⁰² A convivência somente é possível na fé, e esta é uma questão de criatividade.¹⁰³

Wickern – A base teológica do Pastor Nörnberg se fundamenta em Schweitzer e Bonhoeffer?

Diackonie – Olha, a teologia do Pastor Nörnberg está estruturada fundamentalmente numa perspectiva evangélica que tem nas contribuições de Bonhoeffer e Karl Barth uma elaboração consistente.¹⁰⁴ Schweitzer não era um teólogo evangélico no sentido da palavra, mas um dos grandes teólogos liberais do limiar do Século XIX e XX. Era um teólogo da ética evangélica. No entanto, o Pastor Nörnberg é uma pessoa profundamente evangélica, isto é,

⁹⁹ Schweitzer, entre outras estratégias, realizava concertos de órgão na Europa para arrecadar fundos para o hospital de Lambaréné. Ele executava fundamentalmente Johann Sebastian Bach. NAKOS, Jean. Albert Schweitzer e a Ética para com os animais. *Pensata Animal: Revista de Direitos dos Animais*. Disponível em: <<http://www.pensataanimal.net>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

¹⁰⁰ Segundo as informações que encontramos no periódico da CEFI, o Elo, as atividades da CEFI congregavam as famílias no trabalho em prol das pessoas pobres, e isto parece definir a identidade da própria instituição. COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL, 1983. No livro de atas da ABEFI, de 11 de agosto de 1970, está registrada a necessidade de angariar fundos para a Escola (CSP) e para a Creche (EEIP), e são mencionadas atividades do tipo: chás, cafés e carreteiros comunitários. ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 5*, 11 ago. 1970. Ata de Reunião de Diretoria.

¹⁰¹ ABEFI, 25 ANOS, 1993, p. 24. Atualmente o P. Nörnberg tem se dedicado ao trabalho ecológico através da organização não governamental chamada Associação Pró Ambiente e Vida (APRAV), no distrito de Padilha, em Taquara, no Rio Grande do Sul.

¹⁰² BONHOEFFER, Dietrich. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

¹⁰³ “Pois fé é uma questão de vivência. E mais: é questão de convivência. É existência criativa. A vida de fé não significa o privilégio de podermos pedir de Deus infinitamente: significa, pelo contrário, o privilégio da prática da doação”. NÖRNBERG, 1984, p. 46.

¹⁰⁴ BARTH, Karl. *Introdução à teologia evangélica*. São Leopoldo: IEPG, EST, Sinodal, 1996.

alguém que crê na graça da fé como uma *presentificação* que perpassa o ser humano sendo aquela muito maior que a capacidade humana de tomar sobre si seu destino.

Digno de nota é, também, a impressão causada nele pela Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire,¹⁰⁵ lida ainda em inglês nos Estados Unidos da América do Norte quando de sua primeira viagem para lá, na segunda metade da década de 1960. Como professor, ele teve contato com este livro por meio de um amigo seu. Daí a influência na questão educacional nos trabalhos da ABEFI.

O Pastor Nörnberg se aposentou em 1998. Em seu lugar passou a exercer a função o pastor então da CEFI, Carlos Eduardo Müller Bock, que viera de Jaraguá do Sul, Santa Catarina, para a comunidade em 1994, pois desde 1983, a CEFI instalara um segundo pastorado para que o trabalho social fosse desenvolvido sem que redundasse em prejuízo aos trabalhos pastorais. O primeiro pastor a assumir esse segundo pastorado foi Jorge Antônio Signorini.

A CEFI iniciou seus trabalhos sendo um subcentro evangélico da Igreja da Ascensão, no centro de Novo Hamburgo. Vários obreiros atendiam à comunidade, e quem ficou responsável pela CEFI foi o Pastor alemão Valentin Kaffenberger, o qual era auxiliar – juntamente com o Pastor Nörnberg – do Pastor Gustav Reusch, também alemão, pastor da Igreja da Ascensão entre os anos de 1956 a 1965. Era comum – durante grande parte da história da Igreja dos imigrantes alemães, no Brasil – pastores serem enviados da Alemanha para realizarem trabalhos pastorais nas colônias. Das atas, inferi que o Pastor Heinz Kretschmer foi grande incentivador do surgimento de uma comunidade evangélica na região do Quarto Distrito Floresta Imperial. Ele e o Pastor Bachimont se reuniam com as famílias mais ou menos desde os anos de 1954 até sua ida definitiva para a Alemanha. Depois disso, ele foi convidado para a inauguração da Igreja da Paz, mas não pôde vir; conheceu a Igreja somente quando da inauguração do prédio da Creche da Comunidade – Escola de Educação Infantil da Paz – em 17 de outubro de 1976. Desde o ano de 1960, o Pastor Nörnberg frequentava a CEFI, pois era comum vir substituir o Pastor Kaffenberger ou dar alguma palestra ou estudo bíblico. Somente em 1962, quando de sua indicação para o lugar deixado vacante pelo Pastor Kaffenberger, ocorreu sua ordenação ao ministério. No dia 1º de março de 1963, o P. Nörnberg assumiu a CEFI. Ficaria até fins do ano de 1998. Seriam 35 anos de *opção pelos pobres*.

¹⁰⁵ FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

O Pastor Nörnberg não estudou teologia regularmente na Faculdade de Teologia da Igreja Evangélica de imigrantes alemães. No ano de 1959, mesmo ano dos inícios da CEFI, estruturava-se aquela que viria a ficar conhecida – no ano de 1968 – como Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). Era muito grande a necessidade de pastores para a igreja e muitos catequistas eram convidados a assumir o pastorado desde que notória sua inclinação. A preparação acadêmica e teológica era dada durante as férias por anos em blocos de módulos, mas o Pastor Nörnberg não realizou estes cursos, sua experiência e cursos na Alemanha foram contados como suficientes por uma equipe que acompanhava muitos destes candidatos. Um seu grande incentivador ao ministério pastoral foi o Pastor Wilhelm Pommer – pastor alemão da Comunidade Evangélica de Hamburgo Velho a partir de 1937 – aliás, é possível dizer que o Pastor Pommer foi o responsável direto por sua indicação e grande exemplo prático de articulador comunitário que o inspirou. As atividades do Pastor Nörnberg se estendiam também à função de diretor, pois quando surgiu a Escola Evangélica da Paz, por ser professor, ele foi seu primeiro diretor. A primeira professora da Escola foi a Senhora Ladi Höveller, que mais tarde assumiria núpcias com o filho mais velho de Hugo Engelmann, este foi o primeiro Presidente da CEFI. Enfim, o Pastor Nörnberg foi e é – e o será à posteridade! – um exemplo de vida!¹⁰⁶

Joselito – Pois é, Diackonie: tenho uma questão ainda, até onde é possível diferenciar esse protagonismo autorreferenciador do Pastor Nörnberg de um real espírito comunitário?

Diackonie – Você coloca uma questão muito interessante... mas ela se abrirá ao final de meus argumentos com mais nitidez, tenho certeza!... voltamos a essa questão, certo?!... quero anotar outras ainda antes...

Joselito – Sem erro!

¹⁰⁶ TEIXEIRA, Helio Aparecido. *Entre os Trópicos: acta biográfica dos 50 anos da Comunidade Evangélica Floresta Imperial*. São Leopoldo: CEBI, 2010. p. 35-39.

ARGUMENTO DO TERCEIRO DIÁLOGO

No terceiro diálogo, o caro leitor poderá perceber o delineamento das unidades da ABEFI e a concretude da ação social perpassada pela diaconia transformada em números sociais. Em específico, elencarei o seguinte...

Primeiro, ao falar das várias unidades da ABEFI, intercalarei uma volta panorâmica a respeito do contexto industrial da migração ocorrida para a região metropolitana do Vale do Sinos e indicarei suas atividades concretas com objetivos e dados do Balanço Social realizado com base no exercício administrativo de 2009 e 2010.¹⁰⁷

Segundo, apontarei para a tradição educacional e diaconal que acompanha as famílias evangélico-luteranas desde os primeiros tempos da imigração para o Brasil. Desta tradição, segundo o método dedutivo de pesquisa bibliográfica, a Comunidade pôde retirar subsídios fundamentais para a elaboração de um projeto diaconal de ensino técnico profissionalizante para jovens e adultos e de ensino regular para crianças, inicialmente ensino fundamental, que fosse considerado como um projeto missionário pela Comunidade reunida na Igreja da Paz.

Terceiro, indicarei alguns pontos conceituais como introdutórios ao *Quarto Diálogo*, do qual será possível inferir questões específicas a respeito da Relevância Social da ABEFI.

¹⁰⁷ ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE FLORESTA IMPERIAL (ABEFI): Abefi divulga seu primeiro Balanço Social. Disponível em: <<http://www.abefi.org.br/novosite/index.php>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

TERCEIRO DIÁLOGO

Não obstante, se alguém der um ducado para a guerra contra os turcos (ainda que nos assediassem), seria justo que se doassem cem ducados [para a educação], embora com eles se pudesse educar apenas um garoto a tornar-se um varão verdadeiramente cristão. Pois um cristão verdadeiro é melhor e mais útil que todos os [demais] seres humanos na terra.

(Martinho Lutero)¹⁰⁸

Joselito – Fale-nos, agora, a respeito das instituições da ABEFI.

Diackonie – Com certeza, meus caros; antes, peçamos outra rodada de cafés.

Wickern – É num instante!

Diackonie – É paradoxal a relação da CEFI com a ABEFI – pois falar das instituições da ABEFI que foram se adaptando conforme a situação e condições não só de seu contexto comunitário específico, mas da própria indústria calçadista que se constituiu como lugar próprio de atividade social – é falar da história das famílias da CEFI... uma coisa abraça a outra...

O setor da indústria coureiro-calçadista se formou no esquema de produção chamado fordista, que compreendia a fabricação de calçado de couro montado. Eram processos simples, relativamente, e estruturados a partir da mão de obra a baixo custo e pouca qualificação, além de mecanização muito aquém da tecnologia de outros pólos estrangeiros. O Vale do Sinos absorvia quase completamente a mão de obra vinda das colônias do interior do Estado. Compreendia composição setorial de pequenas, médias e grandes empresas, um agregado de empresas direcionadas para o mesmo ramo. Combinava-se a estrutura no esquema de *Cluster* ou *Distrito Industrial*. Justamente por isso foi possibilitado à ABEFI, em parceria com a Fundação Gaúcha do Trabalho – FGT – e com o Poder Público Municipal, Estadual e Federal, elaborar cursos com o apoio das próprias empresas pelo fato de ser um ramo industrial sem uma mecanização mais complexa.

Da mesma forma, as atividades da ABEFI progrediram conforme a indústria coureiro-calçadista se desenvolvia, até que uma agressiva queda na exportação se fez sentir

¹⁰⁸ LUTERO, Martim. *Educação e reforma*: aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas e uma prédica para que se mandem os filhos à escola. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. p. 299-325.

com a entrada da indústria asiática – Taiwan, Coreia do Sul, Malásia, Tailândia e China – no mercado mundial a partir do final da década de 1970.¹⁰⁹

Nesse período, no qual encontramos a história da CEFI e da ABEFI, os projetos da ABEFI foram os seguintes: Creche Evangélica da Paz, Ação Encontro, Escola Evangélica da Paz, Lar Padilha, Escola Fábrica, Artesanato, Escola de Obreiros e a Marcenaria. Nesta última, foram os bancos e os móveis do altar da Igreja da Paz construídos pelos irmãos Hedio e Arno Blumm, o primeiro estudante e o segundo professor do Senai. A mesa do altar foi substituída por uma nova, pois a primeira foi atacada por cupins; bichinhos incômodos nesta região do país. Hoje só estão em atividades as quatro primeiras instituições; as quatro últimas foram desativadas por força da queda industrial na década de 1990. Seu diretor é presidente do Conselho Tutelar de Novo Hamburgo e foi presidente do Conselho dos Direitos da Criança e do Adolescente – CMDCA – até a data do Cinquentenário da Igreja da Paz, 2009. A diretora da Escola de Educação Infantil da Paz também é diretora do Conselho Municipal de Assistência Social – COMAS.

Agora, conto um pouco sobre cada uma das instituições da ABEFI. A importância destas instituições é devida ao próprio delineamento da identidade da CEFI que, necessariamente, passa por elas. As ações, as promoções, as construções, os problemas, as soluções e tudo mais que diz respeito à história delas, forjaram essa identidade diaconal. Uma resulta da outra. Agora, por falar nas coisas de que tem notícia e fama, e por ser da gente tão humana, um pouquinho de cada uma delas, pelo menos das mais significativas, perscrutemos as obras de quem ama.

Sobre a *Creche Evangélica da Paz*, posso dizer que surgiu em 1965, mas sua efetivação como instituição reconhecida pelo Governo Municipal se deu em 1968. O prédio da Creche Evangélica da Paz foi inaugurado em 17 de outubro de 1976. A partir de 1993, cada vez mais, busca inserir-se nas regulamentações educacionais e regimentais do governo. Inicialmente adequou-se ao Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA – e passou a ter representação no Conselho Municipal da Criança e do Adolescente. Em conformidade com as novas regulamentações, a Creche passou a denominar-se, desde 2002, por exigência da Lei de Diretrizes e Bases da Educação – LDB – *Escola de Educação Infantil da Paz* – EEIP – e, desde 2003, tem realizado parceria com a Poder Público Municipal e Federal. Atualmente, a

¹⁰⁹ REIS, Carlos Nelson dos. Ásia: impactos de sua inserção no mercado internacional de calçados. INDICADORES ECONÔMICOS FEE: análise conjuntural. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Sigfried Emanuel Heuser, 1988. p. 201-208.

administração da ABEFI discute parcerias para a construção de novo prédio na Vila Palmeira, pois a maior parte das crianças atendidas em situação de vulnerabilidade pertence a este espaço geográfico do município. Teve seu início apoiado pela agência de cooperação internacional da Alemanha denominada Kindernothilfe – KNH.

São atendidas, na EEIP, 151 crianças de 4 meses a 5 anos nos programas elaborados. Não há mensalidade fixa, as famílias cadastradas no programa contribuem com o que é possível ao rendimento familiar. Diz a diretora da EEIP que é realizada uma entrevista de caráter social com a família para então se elaborar uma proposta de pagamento proporcional à renda da família, mas o número daquelas que não pagam nada é muito grande e as que pagam um valor acessível ao rendimento familiar, na esfera de cálculo da ação social, é bem reduzido. São servidas 03 refeições diárias; as crianças menores recebem 04 refeições. Existe uma fila de espera muito grande, e maior ainda na faixa etária de 4 meses a 3 anos. Atualmente, a fila de espera soma cerca de 81 crianças. O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação – FUNDEB – também tem repassado fundos para a EEIP de acordo com o Censo Escolar. Nestes programas, são desenvolvidas atividades que buscam promover o engajamento da comunidade local nas atividades da EEIP. São oferecidas palestras e oficinas para capacitação profissional. Há parcerias com instituições do município como a Universidade FEEVALE – Departamento do Curso de Nutrição – a Universidade do Vale do Rio dos Sinos UNISINOS – Departamento de Educação Física – e com o Colégio Santa Catarina – Magistério. Há também o voluntariado que, em 2009, agregou 20 pessoas dispostas a atuar em favor da melhoria do ensino desenvolvido pela comunidade como um todo.

A razão de ser da EEIP considera consequentemente atender crianças, adolescentes e famílias, primordialmente, em situação de vulnerabilidade social da região do bairro Santo Afonso e arredores. Quer contribuir com apoio socioeducativo familiar buscando uma melhoria na qualidade de vida e na promoção de uma consciência cidadã. A EEIP, assim como todas as instituições que compõem a ABEFI, subsiste fundamentalmente de parcerias com o Poder Público e de doações de vários colaboradores, assim denominados, e se constituem fundamentalmente de doações de famílias, instituições estrangeiras, pessoas físicas do país e do exterior, e ainda de subvenções a partir de atividades recreativas como bailes e cafés promocionais. Foram servidas, em 2009, 98532 refeições em 204 dias letivos. O valor de gratuidade somou exatos R\$ 414.289,63.

Da *Ação Encontro* – AE – descobri que seu surgimento histórico se deu num período de convulsão social, a abertura para a democracia, e a ascensão dos grupos e movimentos populares à cena política ao fim do regime ditatorial. A AE foi *desvelada* após muita reflexão que resultou do confronto com a pobreza pela CEFI, com aquilo que estava *diante* dela. A *decisão* foi *optar seriamente pelos pobres*. Geograficamente, localizava-se na Vila Palmeira – esse nome é devido ao número grande de pessoas de Palmeira das Missões que para lá migraram – bairro Santo Afonso, e foi erguida entre casebres pobres à beira do barranco do Arroio Luiz Rau, ou Arroio Preto como era chamado devido à poluição, em meio à comunidade empobrecida e carente de alimentação, vítima da drogadição, refém da falta de vestuário necessário diante das temperaturas fortes do Vale do Sinos, e relegada a condições desumanas de habitação; sem contar a marginalização educacional, e outras agruras sociais que produzem a compreensão distorcida da realidade, vista com resignação e fatalismo. Na tentativa de promover a ação concreta dessa opção, a AE iniciou um processo de ressignificação destes sujeitos, pautando-se na reflexão crítica, fundamentada no falar, agir, ouvir e sentir.

O trabalho de assistência social às famílias pobres da Vila Palmeira, uma ocupação que teve início décadas antes, à beira do dique de contenção das águas das cheias do Rio do Sinos, é também resultado da ausência do Estado e do Poder Público Municipal, que tem na parceria com grupos da sociedade uma necessária vinculação estrutural. No início, os encontros se davam na rua, embaixo de árvores, onde, a partir da reflexão do *Evangelho*, tentavam se ajudar mutuamente. A escolha do nome AE deveu-se à compreensão teológica do encontro de Deus, através de seu Filho, com sua criação refletida pelo Evangelista João no capítulo sobre o grande amor de Deus por sua criação, e no desejo de ação diante da situação de miséria.

Wickern – Começou em que ano especificamente?

Diackonie – Em 1976, foi adquirido um terreno e, mais tarde, construída uma pequena casa de madeira que serviu para os encontros com as crianças, adolescentes e grupos de mulheres. Essa casa foi construída em mutirão, na CEFI, e levada para ser montada no bairro Santo Afonso. No ano de 1982, a AE estava – como projeto de ação evangélica – fundada e ativada no princípio da *Opção pelos Pobres*. A maior parte dos trabalhos da ABEFI foi iniciada e mantida durante muito tempo com trabalho voluntário. Isso mostra a força do voluntariado na história da CEFI. Em 2009, a AE teve 55 voluntários auxiliando nos trabalhos.

Os programas e projetos atuais da AE são os seguintes: *Programa Pedagogia em ação*: atividades de reforço escolar para 40 crianças que são encaminhadas pelas escolas do município e do Estado, de segundas às sextas-feiras das 7h30 às 11h30; *Projeto Sementes do Amanhã*: atendimento para 40 adolescentes de segundas às sextas-feiras, das 13h30 às 17h30, que oferece oficinas de capoeira, artesanato, horta comunitária, informática, reforço escolar e orientações de panificação; *Programa Ação é Encontro*: trabalho com crianças de integração que visa a formação de uma compreensão cidadã a partir de passeios de orientação pelo bairro, interação com outras entidades, participação em eventos esportivos e feiras entre outras; *Programas de Encontro Comunitário*: manutenção de cursos de corte e costura, horta caseira e panificação para 30 mulheres e homens. A finalidade é incluir essas crianças, jovens e adultos no processo regular de aprendizagem, relativizando suas dificuldades e potencializando suas qualidades.

Joselito – Como é mantida a instituição?

Diackonie – Os investimentos são provenientes de doações, dentre muitas, da Alemanha, de pessoas físicas e jurídicas, da parceria com o Lions Club Terceiro Milênio de Novo Hamburgo e de convênios com o Poder Público Municipal, com o Estado e das atividades que a instituição promove durante o ano. No ano de 2008, houve a inauguração do prédio novo para 400 crianças da AE, o qual foi construído em parceria com o Lions Club. A estrutura do novo prédio conta com amplo espaço composto por uma biblioteca, uma brinquedoteca, salas de oficinas, salas de aula, um gabinete odontológico, um refeitório, uma cozinha, uma secretaria e banheiros. Parcerias com instituições como o Lions Club são realizadas desde os primeiros trabalhos da ABEFI. Em 2009, seus investimentos com gratuidade foram de R\$ 253.090,69.

E o *Colégio Sinodal da Paz* – CSP – surgiu oficialmente no dia 25 de novembro de 1969 quando da publicação no Diário Oficial de sua autorização, mas sua necessidade foi apresentada em 21 de outubro de 1968 pelo P. Nörnberg, e já funcionava desde março como jardim de infância; nas atas, a ideia apareceu com o título *Escola Primária Industrial*, mas foi registrada como Escola Evangélica da Paz. O nome “Paz”, que acompanha sempre as instituições da ABEFI, quer significar – além do nome da própria CEFI – uma sintonização com os objetivos de Deus, no sentido de contribuir para uma legítima atividade cristã.¹¹⁰ O primeiro prédio foi construído no período de 1974 a 1976, e teve ajuda fundamental de recursos financeiros provenientes da Igreja Evangélica da República Federal da Alemanha,

¹¹⁰ NÖRNBERG, 1984, p. 49.

por meio da Agência Financiadora “Missão Pão para o Mundo” – Brot Für die Welt. Sua razão de existir, na época, era possibilitar às crianças pobres que moravam no bairro Industrial, e nos arredores, Ensino Fundamental, cursos de artesanato, alfabetização de adultos, etc. As atividades eram conjugadas com ações coletivas nas quais podem ser contadas as oportunidades, dizia o P. Nörnberg, de se ter os bebês na creche, as mães no artesanato, os pais nos cursos profissionalizantes e os avós no Movimento Brasileiro de Alfabetização, o conhecido MOBREAL, projeto de alfabetização no período da Ditadura Militar.¹¹¹

Wickern – Havia toda uma dedicação à educação das pessoas, em várias áreas e níveis.

Joselito – Desde as crianças de colo, na creche, até os vovôs, no Mobral. E como era aquela influência do Paulo Freire nas atividades educacionais da ABEFI?

Diackonie – Não era uma aplicação objetiva do método de alfabetização proposto por Freire; era algo na direção ideológica aplicada ao contexto de exclusão social das pessoas. O fundamental nesta percepção era o aprendizado que a *ação de encontro* com as pessoas pobres possibilitava.¹¹² Por exemplo, o trabalho integral do CSP foi pioneiro na inclusão de uma classe de ensino especial, no Ensino Fundamental, em Novo Hamburgo.¹¹³ Muito antes da exigência constitucional de 1988, Art. 208, inciso III, e da transformação da educação especial em política pública, crianças com necessidades educativas especiais eram atendidas por voluntários quando surgiu a CSP. A partir de 1996, o CSP passou a atender crianças de acordo com o novo modelo chamado de *inclusão educativa*. Somente em 1997, alguns municípios começaram a formar classes regulares para o atendimento de crianças com necessidades especiais, enquanto o CSP o fazia desde 1968. As condições para a educação especial definidas pelo Conselho Estadual de Educação do Rio Grande do Sul encontram na história do CSP, bem antes de alguns movimentos sociais internacionais passarem a defender uma sociedade mais inclusiva, a prática destes princípios. Ela se identifica com aqueles grupos e pessoas espalhadas pelo mundo que já vinham buscando alternativas para que as pessoas com necessidades especiais tivessem uma vida mais digna. Atualmente são atendidas 20 crianças distribuídas nas diversas turmas.

Em 1970, iniciaram as aulas regulares da 1ª à 5ª série do Ensino Fundamental, e em 1975 houve, pela primeira vez, matrículas para todos os anos do Ensino Fundamental até que

¹¹¹ NÖRNBERG, 1984, p. 61.

¹¹² NÖRNBERG, 1984, p. 49.

¹¹³ NÖRNBERG, 1984, p.62.

no ano de 1976 houve a primeira turma de formatura da 8ª série. O Ensino Médio passou a ser oferecido a partir de 1998, o que possibilitou ao CSP oferecer todos os cursos regulares da Educação Básica, formalizados pela Constituição Federal e pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – Lei n. 9.394/96 – quais sejam, Educação Infantil, Ensino Fundamental e Ensino Médio. Houve ainda, no mesmo ano, a mudança do nome para Colégio Sinodal da Paz, à vista de novas exigências advindas da nova legislação e por proposta do Conselho de Educação da IECLB. No ano de 2007, o CSP realizou a implementação do Ensino Fundamental Integral – 9 anos – conforme as Leis n. 11.114/2005 e 11.274/2006, respectivamente ao Ensino Fundamental Integral e à matrícula obrigatória para crianças de seis anos.

A ABEFI atua de acordo com a política de gratuidade exigida pelo Decreto n. 3504, de 13 de junho de 2000, que é de 20% sobre a receita bruta. O valor de isenção das contribuições sociais é composto dos valores da Cota Patronal INSS, Superintendência de Administração Tributária – SAT – e Terceiros. Significa isso que a ABEFI investe totalmente seu Patrimônio Social na formação e promoção humana assim como prevê a Lei da Filantropia e as diretrizes do Conselho Nacional de Assistência Social – CNAS – quais sejam, a promoção humana e o bem comum. Em 2009, o investimento em gratuidade foi de R\$ 106.041,82. Foram 50 voluntários, no ano de 2009, a pegarem juntos nas dificuldades que o período lançou.

Joselito – Olha só, Diackonie, diz uma coisa... a *opção pelos pobres* tinha realmente caráter teórico e prático procedente da Teologia da Libertação que – nas décadas de 1970 e 1980 – estava em evidência na América Latina?

Diackonie – Posso responder um pouco à frente? Quero apresentar algumas questões a respeito da relevância social da instituição...

Joselito – Claro.

Wickern – Mas, antes, quero te perguntar uma coisa: essa forma de educação profissionalizante e fundamental, no início, e depois também educação média, tem raízes na tradição luterana?

Diackonie – Creio que sim. Há muita coisa envolta nessa questão que a torna uma metanarrativa a respeito da tradição educacional luterana, mas aquilo que chegou até o grupo de famílias evangélico-luteranas me parece se fundamentar, sim, numa proposta bem concreta de Lutero aos conselhos das cidades alemãs de sua época, isto é, a construção de escolas cristãs

para que as crianças pudessem aprender a ler a escrever para que a verdade da Bíblia, segundo a interpretação luterana, não fosse perdida com o tempo.

Bem, por acaso, tenho aqui comigo o livro do Pastor Nörnberg, e na página 61 encontrei um parágrafo que expressa isso de forma bem objetiva, quero ler para vocês: “a nossa escola nasceu dentro da igreja [...] escola e igreja se complementam. A igreja só consegue ser igreja quando ao mesmo tempo consegue também ser escola”... e ouçam essa parte, agora: “a escola, por sua vez, também deve contribuir para a formação de pessoas de fé através da pregação do evangelho incorporada ao ensino”.¹¹⁴

Joselito – Essa é a interpretação que Walter Altmann dá para o escrito de Lutero a respeito da tradição escolar luterana.¹¹⁵

Wickern – Se essa tradição corresponde a um fato ocorrido durante a Reforma é uma outra coisa, pois a libertação para Lutero tinha um caráter humanista, se bem que negativo; sabe-se.

Diackonie – Com certeza. O certo que as comunidades de imigrantes alemães trouxeram para o Brasil essa narrativa da Bíblia e do hinário como elementos materiais de educação protestante luterana.¹¹⁶

Wickern – De educação e de abrigo para crianças, também!... meu pai dizia que no Século XIX as missões tinham essa cabeça de ação prática diante das situações sociais caóticas. Ele gostava de falar sobre a coroa de advento inventada por Wichern no Lar de crianças... durante o período de advento, a cada dia era acendida uma vela branca e aos domingos uma vela vermelha, pelas manhãs; daí ele explicava o significado de cada dia, segundo as Senhas Diárias, para as crianças antes do café da manhã.

Diackonie – Sim, essa é uma história que revela o espírito da missão e da ação social luterana daquele período. Não foi diferente com o Lar de Padilha... Ocorreu então que, em meados do ano de 1978, à clareira dos acontecimentos de redemocratização do Brasil, no interior do município de Taquara, no Distrito de Padilha,¹¹⁷ o Lar tivesse sua *facticidade*. Um

¹¹⁴ NÖRNBERG, 1984, p. 61.

¹¹⁵ ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação*. São Leopoldo: Sinodal; São Paulo: Ática: 1994. p. 197-210.

¹¹⁶ FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996. p. 227-237.

¹¹⁷ O Lar de Padilha funciona num antigo hospital de Padilha, Divisão Administrativa do Município de Taquara. Disponível em: <http://www.larpadilha.org.br/mostra_conteudo.php?conteudoID=59>. Acesso em: 13 jun. 2010. Padilha está localizada na afluição de dois rios, a saber, Rio Padilha e Rio da Ilha que confluem no centro do Distrito. Este centro é denominado de Vila Padilha, enquanto que a parte mais antiga do distrito era denominada até a década de 1950 de Rio da Ilha; a mudança ocorreu sem que ficasse registrada sua data

antigo hospital abandonado, possivelmente pela queda absurda do número de habitantes promovida pela migração à indústria do couro e do calçado, adquirido junto ao Governo Alemão para receber crianças em situação de abandono e reféns de situação de periculosidade.¹¹⁸ As primeiras crianças, cerca de vinte, foram trazidas para o Lar num ônibus do exército. Inicialmente uma parceria foi firmada com uma instituição da Alemanha, a Kindernothilfe, através da Associação de Apoio à Criança e ao Adolescente – AMENCAR – de repasse trimestral de fundos por meio de um sistema de apadrinhamento e Assessoria de Verificação *in loco* e entidades outras para o mesmo fim.

O Lar Padilha é a expressão mais próxima aos aspectos da tradição protestante diaconal luterana; a associação direta do trabalho, da educação e do respeito à natureza. O tempo entre o surgimento da proposta de um lar para crianças e sua concretização foi de aproximadamente mais de 10 anos, a partir de 1965 até sua efetivação em 1978.

A relação com a natureza era propiciada pelo trabalho alternado com a educação. O lugar em que se encontra o Lar Padilha proporciona às crianças um encontro saudável com a natureza. As atividades na lavoura consistiram, durante grande parte do tempo das atividades do Lar, saudável atividade de contato com a terra e a água. Plantava-se aipim, batata, coletava-se banana, goiaba, limas, laranja, bergamotas e ordenhava-se leite, etc.; grande parte da alimentação do Lar provinha daí. As atividades do Lar, como das outras instituições da ABEFI, não possuíam o rigor profissional que as legislações iriam à década de 1990 exigir; e devido a isso muita das atividades eram coordenadas por pessoas voluntárias ou pessoas contratadas sem qualificação técnica. No início da década de 1980, o Lar Padilha começou a receber crianças, por meio de convênio firmado, com a Fundação Estadual do Bem-Estar do Menor – FEBEM – que hoje é a Fundação de Atendimento Socioeducativo – FASE.

Em 1991, o Lar Padilha efetivou parceria com a instituição norueguesa Human Education International – HEI – que possibilitou avanços nas ações do Lar e consequente sofisticação de parâmetros institucionais melhor padronizados. Possibilitou também a

específica. Os dois Rios deságuam no Rio dos Sinos. FLECK, Lucio. *Um padilhano: autobiografia e reminiscências de um professor*. São Leopoldo: Oikos, 2008. p. 15-16.

¹¹⁸ O nome do Distrito de Padilha é de origem açoriana, sobrenome de um dos primeiros moradores da região ainda no Século XIX. Um médico que residiu na região fez um projeto e enviou ao Governo Alemão que financiou a construção do prédio que funcionaria o hospital. Não se sabe ao certo, talvez década de 1950 ou um pouco mais, não muito; como não se efetivou o funcionamento – e houve problemas pessoas que impossibilitaram a continuidade do médico na região – o Pastor Nörnberg fez novo projeto de uso da estrutura para um Lar de crianças em situação de periculosidade e enviou para a Alemanha, que foi aceito e funciona hoje com muitas parcerias como, por exemplo, com o Estado Brasileiro, Governo Municipal de Taquara e ainda em parcerias com a Noruega e Alemanha. MENEZES, Marilu N. (Org.). *Lar Padilha: 25 anos: tempos e contrastes de uma história*. São Leopoldo: Oikos, 2003. p. 7-27.

construção de uma casa para meninas, pois antes todas as crianças residiam na mesma estrutura do antigo hospital. Essa parceria possibilitou a compra de uma chácara que é usada para a prática de esportes. O apoio financeiro e a correta estratégia orçamentária para a aplicação dos recursos possibilitaram ao Lar Padilha realizar avanços sob os moldes preconizados pelo Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA.

O Lar Padilha atende atualmente, em regime de abrigo, um número aproximado de 120 adolescentes que são encaminhados pelos conselhos tutelares e juizados da infância dos seguintes municípios, além de Taquara: Parobé, Igrejinha, Três Coroas, São Francisco de Paula, Nova Hartz e Sapiranga. Sua construção teve a participação considerável de voluntários das comunidades de Taquara e da CEFI. Mutirões eram realizados em fins de semanas para a adaptação, limpeza e benfeitorias do prédio e adjacências. Muitos voluntários se dedicaram à estruturação do Lar. Eram reunidas em mutirões pessoas da CEFI e das comunidades evangélico-luteranas da região de Padilha. No ano de 2009, o Lar Padilha contou com 5 voluntários.

Na elaboração do Lar Padilha, procurou-se fazer a vinculação com as questões ecológicas proporcionando às crianças contato com a natureza e com a vida envolta por animais e fauna e flora que não são presentes frequentemente nos centros urbanos. A natureza reveladora do amor de Deus e a ação de amor ao próximo foram as chaves de sentido desenvolvidas pelo Pastor Nörnberg na articulação teológica da legitimação de construção do Lar. Neste lugar, as crianças aprendiam a perceber que “tudo era feito por elas e para elas”.¹¹⁹

De acordo com o projeto pedagógico do Lar Padilha, estruturalmente iniciado a partir de 1996, os programas desenvolvidos visam possibilitar atendimento, em regime de abrigo educacional e terapêutico, a crianças e adolescentes em situação de risco pessoal e social.¹²⁰

Todo o orçamento arrecadado destinado ao Lar é aplicado integralmente nas atividades sociais da instituição, compreendendo programas educacionais, pedagógicos, de extensão às famílias e na formação de consciência cidadã entre outras. No período de 2009, os valores investidos em gratuidade foram de R\$ 541.190,35.

Joselito – Quando você disse Centro de Treinamento Vocacional, um pouco antes, ao que se referia especificamente?

¹¹⁹ NÖRNBERG, 1984, p. 89.

¹²⁰ MENEZES, 2003, p. 28-32.

Diackonie – Sim... era costume dizer, isso há décadas, que o lugar em que as atividades de ensino técnico profissionalizante tivesse a marca da ideia de vocação. Sabe, né? aquela coisa da vocação como chamado à vivência da fé evangélica nas condições seculares de vida, isto é, na sociedade mesma. No caso da ABEFI, o nome inicial era genérico, um tipo de instituição conhecida entre os migrantes, mas depois foi mudado para Escola Fábrica – EF – que surgiu como uma das primeiras atividades da ABEFI. Suas atividades iniciais foram a realização de cursos profissionalizantes com apoio e reconhecimento da Secretaria de Trabalho e Ação Social do Estado do Rio Grande do Sul. A estrutura que abrigou os primeiros trabalhos era uma antiga estrebaria pertencente ao antigo proprietário que vendeu o terreno para a CEFI, o Sr. Atalyba Sperb.¹²¹ As atividades da EF se concentravam no ensino técnico e introdutório à indústria coureiro-calçadista, à construção civil, à mecânica de automóvel e ao trabalho com madeira. A metodologia era formada por oficinas de aprendizagem e as pessoas que estudavam eram, em grande parte, muito carentes. O lema da escola era: “Compartilhar é mais que repartir o que nos sobra; é mudar nossa forma de pensar e de viver para tornar possível uma convivência fraterna e solidária”.¹²² As indústrias de Novo Hamburgo apoiavam iniciativas dessa natureza doando material para as aulas como retalhos de couro, máquinas usadas, cola, sola, material didático, madeira, etc. A Escola Fábrica surgiu nos fundos do prédio da CEFI e seus cursos duravam 150 horas. Desses cursos surgiam materiais que eram vendidos à comunidade local para ajudar a ABEFI; materiais como chinelos, sandálias, tênis, sapatos, móveis básicos como cadeiras, mesas, escrivaninhas, etc.

Wickern – E por que o nome Escola Fábrica?

Diackonie – Justamente porque era uma escola de fábrica, melhor: escola de ensino técnico profissional, introdutório em alguns casos, para pessoas que não tinham nenhum preparo para trabalhar nas fábricas.

Joselito – Mas não te parece um pouco que esses cursos serviam de preparação da mão de obra “barata” para as fábricas?

Diackonie – Essa colocação é interessante. Essa era uma crítica que se fazia ao Pastor Nörnberg. A crítica era feita de vários lugares. Era feita da Igreja da Ascensão, do Morro do Espelho, uma referência à Faculdade de Teologia, e de alguns setores da IECLB, entre outros círculos.

¹²¹ TEIXEIRA, 2010, p. 107-111.

¹²² COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL, 1983, p. 2.

Joselito – Assim me parece, pelo menos em termos de lugar comum...

Diackonie – Sei... diz agora: se nada tivesse sido feito, o que seria de tantas pessoas que ficavam relegadas à exploração mais crassa possível no estilo de economia de assalariamento?

Wickern – Revolução na indústria calçadista pelos migrantes teuto-evangélicos, creio, seria muito difícil.

Joselito – Não digo revolução, mas organização...

Wickern – Grande parte da história da instituição foi desenvolvida sob o regime militar, o que foi uma coisa muito boa para os industriais da cidade...

Diackonie – É bem por aí... organização houve; sabe-se que a primeira reivindicação de direitos pelos operários da empresa de calçados de Pedro Adams Filho foi reprimida pela polícia...¹²³ Aqui é preciso compreender que para aquelas famílias a revolução não tinha sentido desde um ponto de vista da legitimidade da ordem estabelecida. O povo luterano, desde Lutero, não vê na ordem “legal” um problema desde que esta autoridade cumpra com sua função social, que é na verdade também “espiritual”, pois que as instituições foram estabelecidas para uma melhor vivência humana já que esta é marcada pelo pecado. A existência cristã vive entre o pecado e a graça.¹²⁴

Wickern – É o que nós podemos encontrar no Manifesto de Curitiba, não é mesmo?!

Diackonie – Exatamente. Em concílio, no dia 24 de outubro de 1970, as direções comunitárias definiram, naquele momento histórico, que a igreja cristã busca viver em diálogo franco e objetivo com o Estado.¹²⁵ É uma questão de parceria.¹²⁶ Assim, creio, é que se justifica o nome da instituição, a Escola Fábrica, pelo fato da própria escola ser uma iniciativa de parceria ligada à fábrica do calçado, do couro e da madeira, porém, de total e completa iniciativa por parte da comunidade ali reunida. A manutenção de um trabalho de

¹²³ SCHEMES, Claudia. As Relações de Trabalho em Novo Hamburgo: o jornal o 5 de abril (1934/1935). *II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*: Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004. SCHEMES, Claudia. *Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria calçadista e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935)*. 2006. 446 f. Tese (Doutorado em História), Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

¹²⁴ LUTERO, Martin. *Ética cristã: das boas obras*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1999. p. 29.

¹²⁵ BURGER, Germano. *Quem assume esta tarefa?: um documentário de uma igreja em busca de sua identidade*. São Leopoldo: Sinodal, 1977. p. 37-38.

¹²⁶ PURPER, Dornalli L. *Religião e Desenvolvimento: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. 1976. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS/Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras, São Leopoldo, 1982 (Monografia inédita). p. 29.

treinamento profissional gratuito, realizando o trabalho através da própria produção, justifica a denominação de Escola Fábrica dada ao Centro de Treinamento Vocacional da CEFI.

Os materiais usados e as sobras que eram enviadas para a ABEFI realizar os cursos eram tidos como uma necessária forma de articulação para driblar as dificuldades de implementar cursos mais sofisticados. Muitas vezes, a ABEFI recebia material novo, porém, na grande maioria das vezes eram as “ditas” sobras, não menos, por isso, aproveitadas. Os jovens e adultos que ficavam à margem da sociedade eram preparados pela escola.

Neste esquema de parceria, o trabalho desenvolvido pela Escola Fábrica foi o primeiro a ter ajuda financeira do exterior. A ABEFI conseguiu firmar acordo com a Kindernothilfe para seus projetos, e a Escola Fábrica foi a primeira instituição dessa natureza, no Brasil, a receber as subvenções da parceria com a instituição alemã. Nos inícios, pessoas da CEFI – na grande parte, mulheres da OASE – percorriam as fábricas da região pedindo material para os cursos.¹²⁷

Toda a CEFI estava voltada para a ABEFI. Podemos verificar isso na avaliação feita pelo próprio Pastor Nörnberg de que o trabalho poimênico foi, por vezes, prejudicado, conforme o trabalho de Dorotéa Zigler.¹²⁸ Ela também diz que o Pastor Wilfrid Buchweitz, Pastor da Igreja da Ascensão de 1965 a 1974, à qual ficou a CEFI ligada por seus primeiros dez anos, compreendia que as exigências práticas eram por demais urgentes, era preciso algo a mais do que o serviço dominical. E o próprio Pastor Nörnberg, mesmo não conseguindo desenvolver as atividades de poimênica, de homilética e de visitação como gostaria, reconhece que o mais importante era o trabalho diaconal para com o migrante.

A Escola Fábrica procurou desenvolver trabalhos que eram requeridos efetivamente pelo mercado de trabalho naquele período de “ascensão” da cidade, e que ajudassem as pessoas a conseguir emprego de forma um pouco mais digna, pois com mais qualificação elas poderiam ter melhores chances. Além dos trabalhos de iniciação específica na produção de calçados, havia também cursos de construção civil, de elétrica e com madeira, além do grande número de curtumes que recebiam trabalhadores vindos do interior. Os cursos de construção civil eram realizados juntamente à construção dos prédios da CEFI, os aprendizes participavam da construção do templo enquanto aprendiam a profissão. Não somente o templo foi oportunidade de aprendizado, mas também o prédio da creche e do galpão da própria

¹²⁷ TEIXEIRA, 2010, p. 83-87. No periódico Elo de 1983 é dito que as indústrias doavam para os cursos do antigo Centro Vocacional, agora Escola Fábrica, os materiais necessários como cola, couro, madeira e realizavam manutenção das máquinas onde as pessoas praticavam as tarefas. O ELO, 1983.

¹²⁸ ZIEGLER, 1982, p. 09.

Escola Fábrica, e tempo depois o primeiro prédio da Escola Evangélica da Paz. O instrutor era um membro da CEFI, o Sr. Bruno von Mühlen, que, ao ensinar, acabou por contratar muitos dos aprendizes.¹²⁹ Essas obras eram uma mescla de trabalho contratado e de trabalho voluntário, ou seja, a construção dos prédios era paga pela comunidade ao empreiteiro, mas as aulas eram trabalho voluntário. Parte da prática efetiva das aulas se dava nos exercícios realizados na construção dos prédios da CEFI e da ABEFI. O reboco da igreja foi completado em 13 de maio de 1966 pelo Sr. Bruno von Mühlen, data registrada por ele no lado externo da estrutura de trás da igreja, à altura superior da sacristia; gravada como se gravam frases de crianças em calçadas de cimento, as quais permanecem por tempos afora como uma grande realização; e quê realização!¹³⁰

Dentro das atividades da Escola Fábrica, existia também o trabalho de artesanato realizado pelas senhoras da OASE. Era uma atividade de artesanato em lã na qual se mesclava, por vezes, atividades de alfabetização e de arte culinária. A Juventude Evangélica – JE – também cooperava muito nas atividades, principalmente quando ocorria uma atividade específica que mobilizava toda a comunidade local. Eram confeccionados acolchoados com retalhos de lã e vendidos para auxiliar os trabalhos sociais que a CEFI realizava, além de servir para as próprias crianças que necessitavam de proteção durante os invernos rigorosos do Rio Grande do Sul. O trabalho de artesanato possuía um efeito expansivo muito importante.

A atividade de artesanato era dividida de acordo com a condição da pessoa. Se fosse mais jovem, assumia função que exigia mais esforço e atenção sistemática; se fosse mais velha, ocupava-se com as atividades de detalhe como, por exemplo, aproveitar a lã de retalhos de pelegos que as máquinas não conseguiam retirar. O trabalho era tão artesanal que inicialmente as senhoras evangélicas usaram uma roca. Muitas senhoras da OASE deram contribuições significativas. Elas foram presentes em quase todas as atividades da história da CEFI. A OASE é quase que o coração dela. Onde e quando há necessidade de se ajudar – seja qual for a situação – lá estão estas mulheres corajosas.

Atualmente as atividades de artesanato não existem mais, resta somente uma prática interativa das senhoras evangélicas, sempre na última segunda-feira de cada mês, chamada de Trabalhos Manuais, que funciona como grupo terapêutico. Suas ações de ajuda, para a Ação

¹²⁹ TEIXEIRA, 2010, p. 60.

¹³⁰ Cf. foto em TEIXEIRA, 2010, p. 47.

Encontro e para o Lar Padilha, são agora bem mais tímidas do que antes, porém, não menos relevantes.¹³¹

Wickern – E quanto ao trabalho com madeira?

Diackonie – Foi criada uma marcenaria desde os inícios da CEFI. Um grande número de pessoas da comunidade trabalhava com madeira para o fabrico direto de implementos a serem utilizados nas indústrias de móveis, couro e calçados. A ABEFI realizava cursos de marcenaria para pessoas que vinham sem conhecimento algum para trabalhar em Novo Hamburgo. A marcenaria – como era conhecida – funcionou por um período no galpão mesmo da EF e depois nas dependências da Creche – EEIP. A produção da marcenaria era vendida para a comunidade local e servia para suprir as necessidades das outras unidades da ABEFI. Existia uma sapataria e nela eram comercializados os produtos trabalhados nos cursos em quais eram ensinados aos aprendizes o fabrico de sapatos; outros artigos também eram trabalhados como mesas, cadeiras, armários e móveis em geral.

Durante todo o tempo de existência da EF, houve cursos que não se efetivaram tão bem. Os cursos de carpintaria, de mecânica de automóvel e de elétrica tiveram durante muito tempo o auxílio do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial – SENAI.¹³²

Joselito – As atividades eram intensas pelo jeito.

Diackonie – Sim, enquanto ela existiu, sim...

Wickern – Você disse que até 1984 existiam cinco instituições a compor a ABEFI... e hoje são somente quatro; qual delas deixou de funcionar?

Diackonie – Em 1998, justamente a que estava mais ligada à indústria do couro e do calçado, a EF, deixou de funcionar. As causas foram a crescente crise da indústria do couro e do calçado que se iniciaram na década de 1990.¹³³ Com a crise severa e ao mesmo tempo em que a escola não tinha mais como acompanhar o desenvolvimento acelerado da tecnologia

¹³¹ Sisi Blind argumenta que esse tipo de atividade diaconal é uma prática profundamente enraizada nas comunidades evangélico-luteranas espalhadas pelo país. O ambiente possibilita a socialização e interação de mulheres no trabalho diaconal que angaria fundos para trabalhos sociais das comunidades e de outras instituições não vinculadas aos trabalhos da própria instituição. BLIND, Sisi. *Ecos de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB*. 2009. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.

¹³² COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata nº 6*, 17 de maio de 1965.

¹³³ Em 1990, um relatório apresentado no Congresso Brasileiro de Tecnologia do Calçado, em Novo Hamburgo, apontava já para a grande crise que atingia desde os anos de 1980 o setor industrial brasileiro de couro e calçado. REIS, Nelson Carlos dos. *A Indústria de Calçados no Brasil: notas preliminares*. In: IV CONGRESSO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DO CALÇADO. Novo Hamburgo: CTCCA, 1990. p. 314-327.

industrial, já não era possível manter o nível de formação técnica. As máquinas utilizadas para o aprendizado dos jovens estavam obsoletas e não mais serviam para os estudos. Somado a isso, estava o fato de as indústrias não absorverem mais tão facilmente os jovens e adultos que se formavam. A ABEFI passou, neste período, por uma acentuada crise, pois a existência das atividades da EF era perpassada necessariamente pela empresa coureiro-calçadista.

Atualmente, a empresa do couro e do calçado de Novo Hamburgo já não envolve mais a região no desenvolvimento industrial do país como fora nas décadas anteriores. Ainda é um grande pólo de produção, mas já em declínio. No ano de 2008, o Rio Grande do Sul exportou 51,5 milhões de pares de calçados, o equivalente a 31% de toda a produção nacional exportada, e uma arrecadação de US\$ 1,117 bilhões, ou seja, o Vale do Sinos ainda consegue contribuir com 59,4% do total obtido pelo país em exportações de calçado feminino. Aqui se encontra ainda o maior Distrito Industrial de Calçado Feminino do mundo. Fica evidente a monstruosa força da região em décadas anteriores. O Brasil, no ano de 2007, perdeu a quinta posição de maior exportador mundial para a Bélgica.¹³⁴ No ano de 2009, chegou a exportar 126.576.211 pares. É também o terceiro produtor mundial com cerca de 800 milhões. Perde somente para a Índia com mais de 900 milhões e para a China com esmagadores 10,5 bilhões de pares. No ano de 2007, havia no Estado gaúcho 2.755 empresas ligadas ao mercado coureiro-calçadista, o que soma 35,2% de todo o país, e com um total de 111.966 empregados, somando 37% de todo o setor brasileiro. Um número maior do que em 2008.

No período 2008/9, o faturamento tem decaído severamente. Os números de exportação obtidos pelas indústrias brasileiras foi de US\$ 469 milhões contra US\$ 646,5 milhões de janeiro a abril do ano anterior, redução perto de 27,4% na exportação. O mercado interno está sendo afetado profundamente pela entrada de produtos chineses. O processo de livre concorrência que passa pelo *dumping* - fenômeno comum no mercado de base de capital privado, no qual a concorrência sofre de saída com dispositivos desleais – tem afetado gravemente a indústria do Vale do Sinos, embora ainda seja Novo Hamburgo, pelos números, a capital nacional do calçado feminino. A crise atual é tão grande que chegou em 2008 a colocar fora de circulação 4,2 mil empregados em apenas dois meses no Rio Grande do Sul.¹³⁵

¹³⁴ Ficam à frente do Brasil, em volume de exportações de pares de calçados, a Itália com 200 milhões, o Vietnã com 500 milhões, Hong Kong com 700 milhões e a China com 7 bilhões. ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE COMPONENTES PARA COURO, CALÇADOS E ARTEFATOS. Disponível em: <<http://ww3.assintecal.org.br>>. Acesso em: 13 out. 2009.

¹³⁵ SITE DA CIDADE DE NOVO HAMBURGO. Economia: Indústria calçadista demite 4,2 mil no Rio Grande do Sul em dois meses. Disponível em: <http://novohamburgo.org/site/noticias/2008/11/21/economia_-

Como se dará o desfecho dessa indústria é difícil especular, o que também não é o intento aqui, só resta a constatação de que a Escola Fábrica atuou enquanto o mercado do couro e do calçado permitiu grande desenvolvimento da cidade de Novo Hamburgo de maneira a superar as dificuldades que o grande desenvolvimento industrial paradoxalmente cria, isto é, riquezas para uns e muita miséria para outros.¹³⁶ Diante deste quadro, a ABEFI – como ação diaconal da CEFI – respondeu, responde e responderá muito ainda à voz imperativa do Evangelho: “amai-vos uns aos outros, assim como eu vos amei!”. Ademais, bem o diz Walter Benjamin, “observar com exatidão o que se cumpre em cada segundo é mais decisivo que saber de antemão o mais distante”.¹³⁷

De acordo com a Prestação Pública das Contas da ABEFI, em Assembleia Geral do dia 08 de abril de 2010, o exercício do período de 2009 constituiu-se, em gratuidades à comunidade, num total de R\$ 1.314.612,49, gerando um percentual de 38,14%. Cumpre a ABEFI com o disposto no Decreto n. 2536/98 alterado pelo Decreto n. 3504 de 13 de junho de 2000. A instituição cumpre com a exigência da Lei de Filantropia, 20% de gratuidade, passando a mais de 38% de gratuidade. Isso reflete as ações da instituição diaconal da CEFI que, no mesmo período, serviu um número real de 294.409 refeições diárias. Assim como assim, a ABEFI realiza institucionalmente o que a Escritura dá exemplo: Deus servindo!

Joselito – Aí que entra a ideia de diaconia, não estou certo?!

Diackonie – Certamente, e creio ter dado a vocês um panorama histórico e social razoável para argumentar que a diaconia – naquela situação – resultou de uma compreensão teológica, para evitar o termo religião, que aceita o associativismo como pedra de toque na parceria com as autoridades constituídas, aqui o Estado Moderno de Direito, no assentimento – permitam-me usar este termo – da Relevância Social da instituição.

Wickern – Sobre isso queremos te ouvir, mas antes outra xicarada daquele *percolado* mineiro!...

Diackonie – Total!...

[_industria_calcadista_demite_42_mil_no_rio_grande_do_sul_em_dois_meses_2111/>](#). Acesso em: 10 out. 2009.

¹³⁶ Diante da constatação assombrosa, de Dinorá Hoepfer – FISCHER; GERTZ, 1996, p. 51-52 – ante o processo de migração e suas contradições, pode ser atestada a feliz compreensão da CEFI, em 1983, encontrada no Elo, a qual mostra a resistência presente na consciência daquelas famílias. “Desde a nossa fundação, no mínimo seria mil pessoas que receberam treinamento em nossa oficina de aprendizagem. Fizemos um trabalho aberto, deixando de lado todas as discriminações sociais e religiosas”. ELO, 1983, Escola Fábrica. Na verdade, segundo Dorotéa Zigler, em 1982, os números apontavam já para cerca de 4 mil pessoas atendidas e formadas nos cursos da Escola Fábrica. ZIGLER, 1982, p.17.

¹³⁷ BENJAMIN, Walter. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense: 1994. p. 63.

ARGUMENTO DO QUARTO DIÁLOGO

Em que houver o diálogo de virgular, à clareira, pelos desvãos duma coxambrada semântica de conceitos e subordinações frasais, trapézicas intermitências, *as palavras*, que não têm a ver com nada, senão consigo mesmas, estas vendedoras sem licença de percepções livre-associativas, que não o seja por falta de sustentação material, por certa, a elucubração que se fará no *Quarto Diálogo*. Assim, que a condução dialogal – infra – colocada à janela da existência social, que à permuta de modernos neologismos, deixe as seguintes *aberturas*...¹³⁸

Primeiro, a teologia do serviço através da vocação desenvolvida no espírito associativo dos migrantes – fermentado na tradição evangélico-luterana – deixou nas vivências socializadas pela educação protestante uma profunda percepção de comunitarismo, principalmente em terras além-mar. Sendo esta uma das bases para o trabalho diaconal que se desenvolveu na Igreja da Paz.

Segundo, as cicatrizes socioculturais da expulsão da terra mãe (Heimatland) e o processo migratório causado pelo esgotamento do solo e pelo encolhimento das políticas estatais de auxílio às pequenas famílias produtoras das regiões de encostas do nordeste gaúcho e o favorecimento às exportações de produtos da indústria coureiro-calçadista, no Vale do Sinos, em específico, consubstanciará um projeto diaconal característico daquela conjuntura.

Terceiro, somadas estas perspectivas históricas e memoriadas numa reverberação socioatávica diante de um contexto industrial que privilegiava – e ainda o faz, embora mais regulado – o trabalho de subsistência e de flagrante ausência do Estado, a diaconia da ABEFI se caracteriza pela assistência socioeducativa numa instituição de resistência e de parceria – ao mesmo tempo – de relevante caráter social para a região do município em qual está localizada, a saber, o antigo Quarto Distrito Floresta Imperial, hoje bairro Industrial e arredores.

¹³⁸ Ao usar aqui o termo heideggeriano “abertura” (Erschlossenheit) quero referenciar o caráter sempre inconcluso das mediações haja vista seu caráter revelador da pre-sença (Dasein) esta considerada como aproximação e nunca como definição. HEIDEGGER, Martin. *Ser e Tempo* (Parte I). Petrópolis: Vozes, 1988. p. 118.

QUARTO DIÁLOGO

O qual nos fez diáconos de uma Nova Aliança, não do que é disponível, mas do Espírito; pois o que é disponível é inautêntico, mas o Espírito faz autêntica a vida.
(2 Co 3.6)¹³⁹

Joselito – Diackonie, você nos deve uma explicação a respeito da Teologia da Libertação e a ABEFI...

Diackonie – Sim. Sabem?!... a teologia que eu pude deduzir se refere ao modo como a Comunidade interage com o mundo circundante... é uma teologia Comunitária fundamentalmente.

Joselito – E interações havia com a Teologia da Libertação?

Diackonie – Sim, havia! A *Opção pelos Pobres* está muito presente nas formulações encontradas nos documentos.¹⁴⁰ O *Sitz im Leben* da Comunidade localiza-se efetivamente na esfera da industrialização metropolitana. É uma teologia *em situação*... no entanto, sem a *abertura cognitiva* da linguagem à sistematização com vistas à reprodução pragmática. Em minha percepção, não consigo ver que a diaconia não estivesse a responder as dificuldades bem determinadas que aquelas famílias encontravam aqui nestas bandas.... mas quero ressaltar que se tratava, e ainda o é, de níveis reflexivos do mundo da vida.¹⁴¹

Wickern – Estas famílias tinham diante *de si* algo paradoxal, não é mesmo?

Diackonie – Parece-me que sim. Quando falo em diaconia, sugere-me haver um preconceito subjacente à ideia.¹⁴² Algo como uma função subalterna dentro da estrutura das

¹³⁹ Tradução própria do texto grego da BÍBLIA. N.T. Grego. Nestle-Aland. 1993; NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993. p. 476.

¹⁴⁰ “Estar diante do desafio da opção pelos pobres significa estar em confronto com o Cristo verdadeiro, o Cristo que se identifica com os menos favorecidos. Um não relacionamento com estes também significará com certeza um não-relacionamento com Cristo. A opção pelos pobres tem profundas implicações, e todo procedimento apenas superficial levará a frustrações”. NÖRNBERG, 1984, p. 49.

¹⁴¹ A partir da maneira que faz uso, Habermas, do conceito de mundo da vida, diferente daquele usado nas teorias de sistemas nos quais impera a *racionalidade-com-respeito-a-fins* e seu objetivo de alcançar uma meta se prende ao pragmatismo estratégico, quero especificar aqui a aplicação de mundo da vida (mundos de vidas) concebido como lugar privilegiado em qual a luta (dissenso) pela positivação do direito garante aos participantes assento na discussão das demandas. HABERMAS, Jürgen. *Racionalidade e Comunicação*. Lisboa: Edições 70, 1996. p. 107.

¹⁴² Rodolfo Gaede Neto analisa a diaconia em contexto latino-americano e procura construir uma fundamentação estatutária para além da subserviência conceitual a que foi submetida durante a história da

igrejas cristãs, e, em grande parte, é disso mesmo que se trata; no entanto, ao usar a palavra diaconia em minha pesquisa referencio uma percepção que tem sido muito discutida nas últimas décadas, isto é, a diaconia como um saber que pretende à ação social em relação a este mundo – o mundo da transitoriedade e da morte – mas este sendo entendido como pecado, e não o mundo físico da matéria, como lugar de atuação da *carne*.¹⁴³ Melhor dizendo: da carne são todas aquelas atividades que intentam dispor à mão humana a segurança através do visível e tangível.¹⁴⁴ A diaconia é a ação orientada numa vida de fé autêntica do ser humano vivida a partir do que é invisível, a saber, na relação de renúncia a todo saber não procedente da graça de Deus. *Quenose!* É a atitude de esvaziamento tornada possibilidade na graça da fé – que é indisponível, que não está *aí* para o ser humano – e que *presentifica-se* no perdão dos pecados.¹⁴⁵

Wickern – melhor dizendo?...

Diackonie – Diaconia é autoesvaziamento possibilitado pelo encontro gracioso do Espírito Santo que torna factível ao ser humano o afastamento de *si mesmo*, a renúncia ao que é seguro e a desistência de obter por seus próprios méritos a validade de sua vida.¹⁴⁶ Esse autoesvaziamento é dialético; porque obra da graça, é negação da negação humanista – logocentrismo literário e conceitual – porque obra do ser humano, é esvaziamento de sua autorreferencialidade e negadora de toda transcendência que não compreendida como *presente*. Esse *presente...* permite ao ser humano o motivo e a maneira da vida autêntica *em-ser-pre-sença*.

Joselito – Como assim *em-ser-pre-sença*?

Diackonie – Explico: o pecado tem sua origem na Lei (1Co 15.56) na medida em que sua objetificação foi compreendida pelo ser humano como a forma específica de fazer a sua própria justiça (Rm 10.3).¹⁴⁷ A definição teológica da vida autêntica, da salvação, deve partir

igreja. GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal: Centro de Estudos Bíblicos; São Paulo: Paulus, 2001.

¹⁴³ Bultmann enceta que carne é a esfera do pecado como loucura de não receber a vida como dádiva do criador, mas dispor dela pelas próprias capacidades. BULTMANN, Rudolf. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004. p. 291.

¹⁴⁴ BULTMANN, Rudolf. *Demitologização: coletânea de ensaios*. São Leopoldo: Sinodal, 1999. p. 20-22.

¹⁴⁵ Bultmann argumenta que “carne” – na teologia paulina – abarca a esfera do terreno natural em qual o ser humano obtém suas certezas, o domínio possível de sua existência; no corpo – na carne – se executa a circuncisão, ou seja, se obtém a certeza humana da conquista espiritual segundo o critério da lei mosaica que para ele foi abolida na cruz do Calvário (Rm 2.28ss). BULTMANN, 2004, p. 292-298.

¹⁴⁶ BULTMANN, 1999, p. 20-22.

¹⁴⁷ LUTERO, Martinho. *Obras Selecionadas*. O Programa da Reforma, Escritos de 1520. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 2. p. 437.

graça da fé experimentada positivamente no amor ao próximo (Mc 10.45).¹⁴⁸ A experiência incondicional de espiritualidade é absolutamente concedida a nós como *presentificação*, algo *extra nos*. Isto é: a salvação é experimentada dialeticamente na condenação sob a Lei (Dt 11) e na libertação sob o Espírito (1Co 6.12; 10.23). A graça é evento experimentado na *abertura* a nós e que nos interpela: *sê tu mais!* A vida autêntica *em-ser-pre-sença* significa que o elemento positivo da *presentificação* é a diaconia; o ministério do Espírito (2Co 3.6). Márcia de Sá Cavalcante, ao traduzir *Ser e Tempo* de Martin Heidegger,¹⁴⁹ optou pelo neolatino *pre-sença* que evidencia o não metafisicismo ligado à ontologia herdada da Idade Média que tende a confundir essência com existência;¹⁵⁰ assim, o *pre*, aqui, remete às aproximações nunca definitivas do *ser-aí* (Dasein). É a *destruição* possibilitada na *abertura*, um aparecer e desaparecer contínuos... bem, *destruição* da linguagem metafísica que enreda ao esquecimento, à desmemorização... que diz de tudo: *é!*... e que por dizer de tudo: *é!*, passa por logocentrismo e conseqüentemente por estatização de poder como domínio logocêntrico...¹⁵¹

Wickern – Clareando:... (ou escurecendo, como quiser!) a diaconia que você especifica é o encontro daquilo que foi descoberto na prática das famílias da CEFI, concebida sob condições históricas específicas, com aquilo que se origina da tradição evangélico-luterana?!... e essa teologia diaconal molda a ação, o comportamento, de grande parte daquelas famílias num sentido subjetivo comum, qual seja, a ação de serviço de apoio educacional e assistencial às famílias do próprio grupo e de outros grupos étnicos!... é isso?!

Diackonie – Haja vista os evangélico-luteranos terem uma formatação cultural germânica, eles se *abriram* àquela situação que os arrostavam!...¹⁵² naquela situação histórica e concreta, a diaconia é a consubstanciação da ação divina recebida pelo mérito de Cristo na ação recíproca de dar ao próximo, independentemente de quem seja, a contribuição efetiva e

¹⁴⁸ NÖRNBERG, 1984, p. 46.

¹⁴⁹ HEIDEGGER, 1988, p. 309.

¹⁵⁰ Kant foi quem usou a terminologia *Argumento Ontológico* para se referir ao *a priori* da prova da existência de Deus de Santo Anselmo de Cantuária. STREFLING, Sérgio Ricardo. *O argumento ontológico de Santo Anselmo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993. p. 6.

¹⁵¹ STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUC, 2002. p. 78.

¹⁵² Arthur Blasio Rambo argumenta que o surgimento de um cidadão brasileiro, porém, culturalmente orgulhoso de sua ascendência germânica definirá aquilo que ficou conhecido como *teuto-brasileiro*. “O elemento síntese encontrava-se na unidade étnico-cultural, real ou suposta. Alimentava-se na unidade cultural. Tanto podia alguém ser alemão e cidadão alemão, como também cidadão austríaco, suíço, iugoslavo, russo ou búlgaro. O que os unia eram laços de sangue, de etnia, de cultura, de língua... Para todos os efeitos práticos, eram alemães aqueles que tinham emigrado de algum dos territórios onde predominava a ‘ordem alemã’”. FISCHER; GERTZ, 1996, p. 201.

possível dos nossos dons recebidos, ou seja, é dar conforme suas forças seus dons aos menos favorecidos como um objetivo comum.¹⁵³

Wickern – É a ação social de Weber?

Diackonie – É, todavia, uma compreensão teológica que passou à gramática sociológica. Uma compreensão, não uma explicação unilateral. É *Verstehen*...¹⁵⁴ Melhor: uma *attractio electiva*!... um conceito sociológico elaborado a partir de Weber, mas tomado – em perspectiva – e diálogo com o materialismo dialético.¹⁵⁵

Joselito – E o que vem dessa tradição diaconal especificamente?

Diackonie – Dela são herdadas o comunitarismo, o associativismo e a educação. De modo mais ou menos certo, parece-me que os sociólogos aceitam bem que na ação social o *moto* fundante é a subjetividade.¹⁵⁶ A forma como as famílias se estabeleciam nas colônias exigia certa associação pelo fato de que a necessidade de interação era vital para a sobrevivência e conseqüente sucesso da empreitada. Martin Dreher diz que o sistema colonial alemão, a picada, caracterizava-se por um intrincado esquema de cooperação.¹⁵⁷ Era um tipo

¹⁵³ Conforme a definição do Pastor Nörnberg: “Portanto, a condição inicial para ser roda de moinho, com tão importante função, é o fato de derramar a água recebida. Sem dar jamais viria a ser o que é. Somente enquanto dá também recebe o necessário para continuar girando. Assim também é com as pessoas. Quem tem pode dar. Ter significa ter condições para dar e compartilhar. A Bíblia não condena a propriedade particular, mas o acúmulo egoísta de bens que não tem mais em vista o bem comum”. NÖRNBERG, 1984, p. 47.

¹⁵⁴ De acordo com Max Weber: “Por ação deve entender-se um comportamento humano, tanto faz que se trate de um comportar-se externo ou interno ou de um permitir ou omitir, sempre quando o sujeito ou os sujeitos da ação ligam a ela um sentido subjetivo. A ação social, portanto, é uma ação na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento”. WEBER, Max. Metodologia das ciências sociais, parte 2. São Paulo: Cortez, 1992. p. 400.

¹⁵⁵ Löwy define assim: “Designamos por ‘afinidade eletiva’ um tipo muito particular de relação dialética que se estabelece entre duas configurações sociais ou culturais, não redutível à determinação causal direta ou à ‘influência’ no sentido tradicional”. LÖWY, Micahel. *Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa Central*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p.13. O próprio Löwy disserta a respeito de um tipo de marxismo weberiano a partir de Lukács, na obra *História e Consciência de Classes*, ao tratar da junção de perspectivas. LÖWY, Michael. Figuras do marxismo weberiano. Disponível em: <http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/outros/lowy_01.html>. Acesso em: 9 junh. 2010. QUERIDO, Fabio Mascaro. *Ecossocialismo, romantismo e marxismo: crítica e autocrítica da modernidade em Michael Löwy*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/pos-graduacao/simposio/m_4_Fabio.pdf>. Acesso em 15 jun. 2010.

¹⁵⁶ BAERT, Patrick. Algumas limitações das explicações da escolha racional na Ciência Política e na Sociologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 35, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300005>. Acesso em: 17 maio 2010. Segundo Tönnies, a Comunidade (Gemeinschaft) se caracteriza pelos elementos afetivos e correspondem ao aspecto da solidariedade profunda, algo mais intenso na perspectiva da intimidade pessoal, do emocional e do envolvimento moral. TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y asociación: el comunismo y el socialismo como formas de vida social*. Barcelona: Península, 1979. p. 11.

¹⁵⁷ “Nas lides agrícolas e na produção complementar a elas, a família era a célula básica da produção. O bem-estar da picada dependia do bem-estar das famílias. Por isso, desenvolveu-se nela o sistema da vizinhança, unidade formada por grupos de moradores da picada que se auxiliavam mutuamente na colheita, nas festividades e no luto, mas também em época de doença, quando era assumido inclusive o plantio da terra do

de vida comunitária galvanizada por uma teologia dita evangélica, ou seja, de acordo com uma antiga canção do hinário evangélico-luterano que diz: “As obras nunca poderão livrar-me do pecado. O livre arbítrio tenta em vão guiar o condenado”,¹⁵⁸ era a teologia evangélico-luterana da salvação por graça mediante a fé elaborada esteticamente. Lutero desenvolve em seu escrito sobre a *Liberdade Cristã* um nominalismo iconoclasta,¹⁵⁹ trata-se unicamente de dádiva incondicional do Criador. Seu nominalismo parece enfatizar a impossibilidade das obras pelas designações, pelas palavras, pelas conceituações que verbais querem garantir a justiça por meio da capacidade humana de pensar ou agir. Por outro lado, Lutero diz que nada justifica também a opressão e a tirania. Não existem elementos ontológicos que garantam uma ou outra coisa.¹⁶⁰ Amparados na irrestrita perspectiva da graça da fé, as famílias evangélico-luteranas viviam nas colônias, do interior do Brasil, um tipo de associativismo necessário à própria sobrevivência como bem mostra Janaína Amado ao analisar a vida material do grupo envolto ao conflito dos Mucker, na região de Sapiranga, no Século XIX.¹⁶¹

A tradição teológica aqui parece dinamizar a vida comunitária rural de maneira a dar vínculo de sentido para as relações interpessoais que seja uma proteção ao grupo. Sabe-se que o luteranismo se configurou como uma religião ligada ao campo muito mais do que outras tendências, especificamente no Brasil.¹⁶² Dado isso, podemos perceber que o espírito

vizinho doente. A partir desta organização, é possível entender o restante da organização da picada: ela é comunitária, cooperativa”. DREHER, Martin N. O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, ano 3, n. 02, p. 49-70, 1999. p. 57.

¹⁵⁸ IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. *Hinos do Povo de Deus: hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. 1 v. Hino: Cristãos, alegres jubilai, n. 155. Harm Alpers desenvolve muito bem o tema da justificação em narrativas nos hinos cantados pela tradição evangélico-luterana que também foram trazidos para o Brasil. ALPERS, Harm. A Justificação em narrativas: uma análise do hino de Martinho Lutero “Cristãos, alegres jubilai”. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Fischer pela passagem de seu 60º aniversário*. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 7-21.

¹⁵⁹ “É evidente que em absoluto nenhuma coisa externa, qualquer que seja o nome que se lhe dê, tem qualquer significado para a aquisição da justiça ou da liberdade cristã, como também não o tem para a aquisição da injustiça ou da servidão, como é fácil comprovar”. LUTERO, 2000, 437.

¹⁶⁰ “E para rejeitarmos tudo, também as especulações, meditações e qualquer coisa que pode ser produzida pelo esforço da alma de nada aproveita. Uma só coisa é preciso para a vida, a justiça e a liberdade cristã, e somente esta: é o sacrossanto Verbo de Deus, o Evangelho de Cristo, como ele diz em Jo 11. 25: ‘Eu sou a ressurreição e a vida; quem crê em mim não morrerá eternamente’”. LUTERO, 2000, p. 438.

¹⁶¹ “Nenhum homem poderia sobreviver sozinho na colônia. A hostilidade do meio, aliada à dificuldade das tarefas a cumprir e à pobreza geral, empurravam uns para os outros na luta comum, tendendo a criar uma forma de vida mais grupal que individual”. AMADO, Janaína. *A revolta dos mucker: Rio Grande do Sul, 1868-1898*. 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2002. p. 43.

¹⁶² Dressel comenta uma conhecida expressão entre os imigrantes alemães que expressa bem a vocação agrária das famílias evangélico-luteranas que é a seguinte: “Queremos ficar entre a nossa gente (Wir wollen unter unsren Leuten bleiben)”. DRESSEL, Heinz. A Igreja Evangélica face ao desafio brasileiro. In: FISCHER, Joachim (Org.). *Ensaio Luterano: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1986. p. 114.

comunitário é consideravelmente forte, haja vista as descontinuidades como o expressa muito bem o episódio dos Mucker.

É bem verdade que o surgimento da AEFI é concomitante ao próprio período de surgimento da IECLB. O período após a Segunda Guerra Mundial se caracterizou pelos debates a respeito da incursão da igreja de origem alemã ao contexto brasileiro.¹⁶³ As discussões em torno da herança germânica dos imigrantes, e esta relacionada aos eventos restritivos da noção de povo – ou como argumenta Prien: germano-evangélica¹⁶⁴ – têm se configurado como repletas de descontinuidades, as metanarrativas não respondem mais a certas perguntas. Há, sim, afinidades comungadas pelos muitos grupos que aportaram no Brasil a partir do século XIX. No entanto, as ligações lineares de certo atavismo espiritual – para usarmos o conceito hegeliano – já não podem ser sustentados tão facilmente. O que sabemos efetivamente é que as comunidades de origem alemã, especificamente as de tradição protestante, desenvolviam um tipo de comunitarismo social. Lutero mesmo é considerado tanto por Max Weber quanto por Karl Marx como crítico do que seria a mentalidade especificamente usurária (capitalista?) dos Séculos XV e XVI.¹⁶⁵ Marx chega mesmo a considerá-lo um dos primeiros grandes críticos do capitalismo mercantilista então nascente.¹⁶⁶ Não nos cabe aqui desenvolver a temática dos porquês deste comunitarismo e suas intermitências, mas sim considerar sua positividade nas ações da ABEFI como instituição diaconal da CEFI.¹⁶⁷ A motivação teológica se realizava num período e contexto no qual a assistência social passava por mudanças drásticas e não mais era encarada como “ajuda ao

¹⁶³ PRIEN, 2001, p. 537-543.

¹⁶⁴ PRIEN, Hans-Jürgen. A Igreja Germano-Evangélica do Brasil entre a Virada Nacional de 1933 e o *Kirchenkampf*. In: DREHER, 1990, p.163.

¹⁶⁵ WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967. p. 54.

¹⁶⁶ MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política: do capital: o rendimento e suas fontes*. São Paulo: Nova Cultural, 1996. p. 249-254.

¹⁶⁷ Neste sentido, podemos entender a alegria e satisfação da diretoria da ABEFI ao realizar em 1970 um retrospecto dos anos iniciais. O secretário da ABEFI registrou as seguintes palavras: “O Pastor Sebaldo Nörnberg, fazendo uso da palavra, manifestou a sua alegria e sua satisfação em constatar o grande desenvolvimento da Associação Beneficente fundada há 2 anos. Recapitulou os 24 meses em que a Associação era dirigida pelo presidente [...] dirigindo palavras elogiosas pela causa defendida e pelos esforços dispensados [...] Os participantes da reunião folgaram em saber que não é para menos a alegria reinante no íntimo da alma do Sr. Pastor, pois o quanto ele viajou e trabalhou para concretizar-se o que aqui hoje está se tornando realidade. Pois, as construções escolares que aqui estão são um testemunho verdadeiro. Isto faz nos lembrar palavras de Cristo: ‘Ide a todos países, e ensinai a todos os povos’. Os componentes da nova diretoria procuram trabalhar de mãos dadas, para que cada vez possa haver maior entrosamento entre eles e o Sr. Pastor, da Associação e da Comunidade Evangélica”. ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DA FLORESTA IMPERIAL. *Ata n. 1*, Livro 1, 2 mar. 1970. Ata de Reunião de Diretoria.

próximo”,¹⁶⁸ ao mesmo tempo em que se estruturava o próprio Estado numa política, do governo militar, fortemente clientelista, patrimonialista, assistencialista e personalista.¹⁶⁹

O associativismo encontra na concepção luterana de vocação uma consequente norma de vivência comunitária. Cada um cumprindo com sua parte fazem a comunidade e seu entorno um lugar de vivências solidárias. Já na origem do associativismo, na Europa, existia uma perspectiva de parceria, os vários tipos de associações atuavam em cooperação com as autoridades territoriais.¹⁷⁰ Weber avalia que o conceito permitiu que a Comunidade aceitasse sua função social como ordenada por Deus, algo que fomentou a articulação social das profissões no mundo protestante luterano.¹⁷¹ Como já discutimos, a importância que tem para os evangélico-luteranos a obediência, por um lado, ao mesmo tempo que também a necessária desobediência, de outro lado, aparece nos escritos de Lutero, no século XVI, entre a resignação e o martírio. Max Weber argumenta que se trata da influência da mística alemã.¹⁷² Este argumento – autonomia dos grupos sociais (milénarismos) frente à ingerência estrangeira – casado com a questão conciliarista – supremacia do Concílio Ecumênico frente ao centralismo romano, galvanizará o apelo de Lutero às autoridades alemãs para que cumpram com o dever cristão como um “chamado” (vocação) do próprio Deus à internalização da função secular não mais como *status* de somenos importância.¹⁷³ A legitimidade está dada pelo viés da vocação, pois esta somente pode se dar em sociedade. No entanto, quando esta

¹⁶⁸ VIEIRA, Balbina Ottoni. *História do Serviço Social: contribuição para a construção de sua teoria*. Rio de Janeiro: Agir, 1978. p. 5-24.

¹⁶⁹ PLETSCHE, Rosane. *Da caridade cristã à assistência social: contribuições da teologia e do feminismo à cidadania*. 2004. 340 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2004.

¹⁷⁰ Rieth argumenta que “as associações patrióticas, de leitura ou de caridade junto a pessoas pobres queriam contribuir em cooperação e concórdia com o Estado. Este recebia de bom grado tal colaboração, pelo menos na fase inicial”. RIETH, Ricardo Willy. *Associativismo e protestantismo na imigração e colonização: o caso da Associação Gustavo Adolfo*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 2, p. 27-43, 2007.

¹⁷¹ “O conceito de vocação permaneceu assim em sua forma tradicional. A vocação para ele era algo aceito como uma ordem divina, a qual cada um devia adaptar-se. Essa tendência domina o outro pensamento, também presente, de que o trabalho vocacional é uma, ou melhor, a tarefa ordenada por Deus”. WEBER, 1967, p. 54.

¹⁷² A questão da obediência e da desobediência foi muito explorada pelas ações e escritos a partir da atuação de vida e pensamento do teólogo mártir Dietrich Bonhoeffer quando este discutiu a questão em suas cartas da prisão. BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1963.

¹⁷³ Uma característica fundamental do conciliarismo era a ingerência da autoridade secular sobre o evento. Em decorrência das conturbações que as posições místicas (Guerra dos camponeses) tomarão em meados da década de 1520, surgirá o “episcopado supremo do senhor territorial”. DREHER, Martin. *Aspectos teológicos da ação social em Lutero*. In: *Reflexões em torno de Lutero*. v. 3. São Leopoldo: Sinodal, 1988. p. 49-54.

autoridade extrapola suas competências como instituição, colocada por Deus para dar ordem ao mundo, então é legítima a desobediência.¹⁷⁴

Lutero argumenta, em seu escrito a respeito das boas obras, que a ação em favor do próximo reflete nossa percepção da graça de Deus como favor imerecido e não como dispositivo que atua em favor de nós mesmos. Para Lutero, tudo que fazemos deve vir em favor de nosso próximo.¹⁷⁵ Em outras palavras, para a tradição evangélico-luterana, o grupo social é a referência de alteridade. A vocação é o meio pelo qual a pessoa vivencia sua salvação e pratica o amor a Deus. Não se discute a legitimidade do Estado, mas se discute a forma como esse mesmo Estado se comporta.¹⁷⁶ E ao Estado cumpre a obediência por parte dos cidadãos e cidadãs, não menos a desobediência a este quando se deslegitimar; aqui podem entrar formas revolucionárias ou parceiras de atuação social.¹⁷⁷ Não teríamos condições de discutir aqui, especificamente, essa tendência histórica que credita ao luteranismo a instilação nos alemães de “uma irrestrita obediência ao dever”,¹⁷⁸ mas é suficiente apontar para as pesquisas recentes, em contexto brasileiro, que mostram indicadores sociais de regiões coloniais teuto-brasileiras que têm demonstrado opções – através do sufrágio universal – nada conservadoras.¹⁷⁹

¹⁷⁴ Lutero diz textualmente: “Caso, porém, suceder, como tantas vezes, que o poder e a autoridade seculares, seja lá como se chamarem, forcem um súdito [a agir] contra os mandamentos de Deus ou o impedirem nisso, aí termina a obediência e já está eliminada a obrigação”. LUTERO, Martinho. *Das Boas Obras. Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 2. p. 159.

¹⁷⁵ “Por isso toma cuidado: as boas obras por nós assumidas nos conduzem em direção a nós mesmos, fazendo com que procuremos apenas nosso próprio proveito e salvação; os mandamentos de Deus, entretanto, nos urge em direção ao nosso próximo, para que, dessa maneira, sejamos de proveito apenas para a salvação dos outros”. LUTERO, 2000, p. 138.

¹⁷⁶ “Tudo o que é e tem, seus bens e suas capacidades, estão a serviço do amor, pois com o que é seu o cristão é chamado ao serviço. Isso vale com respeito à propriedade, vale com relação ao trabalho. Lutero fez estas observações em uma sociedade que estava alterando os valores fundiários e monetários. Soube falar da propriedade que é roubo, quando não está a serviço, soube falar contra os ganhos de capital. Da mesma maneira, vendo a falsidade que há no mundo caído não cessou de acentuar a necessidade e o compromisso de o cristão assumir função pública como serviço de amor. Por causa do amor, o mundo, o Estado, a economia não podem ficar entregues a si mesmos”. LUTERO apud DREHER, 1988, p. 65.

¹⁷⁷ É bem conhecida a história do Pastor Dietrich Bonhoeffer – mártir e resistente do regime nazista durante a II Guerra Mundial – que pautava sua atuação a partir da tradição luterana de vocação das instituições sociais. BONHOEFFER, Dietrich; BETHGE, Eberhard. *Ética*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

¹⁷⁸ BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984. p. 161.

¹⁷⁹ René Gertz aponta para o fato de regiões do Rio Grande do Sul, de forte colonização alemã, apresentarem intenções de voto, em décadas recentes, em candidatos considerados de esquerda política como Olívio Dutra. Não somente isso, mas também as muitas campanhas difamatórias de não brasilidade dos teuto-brasileiros que tanto os prejudicou, no período da chamada “era Vargas”, contribuiu para a construção de um imaginário de conservadorismo. FISCHER; GERTZ, 1996, p. 177-182. Recentemente o ex-jogador Sócrates disse em entrevista ao jornal inglês *The Guardian* a seguinte frase, em inglês, que expressa bem esse tipo de preconceito: “Dunga is gaúcho, and the gaúchos are the most reactionary Brazilians”. COSTA, Juliano. Sócrates malha Dunga e prepara livro sobre Copa-2014. YAHOO! ESPORTES BRASIL. Disponível em: <<http://g.br.esportes.yahoo.com/futebol/copa/blog/daredacao/post/S-crates-malha-Dunga-e-prepara-livro-sobre-Copa-?urn=fbintl,247907>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

Joselito – Esse espírito associativista permaneceu com as famílias que migraram?

Diackonie – Sim, exatamente. O espírito associativista compõe com outros elementos a sociologia da ABEFI.

Wickern – Quais são?

Diackonie – Bem, como disse: a questão educacional, o espírito associativista que conversamos agora, o Comunitarismo eclesiológico que pode ser compreendido dentro do próprio associativismo, embora aquele possua os caracteres da cultura alemã, e este os da situação específica de organização no Brasil, isto é, o abandono pelo Estado Brasileiro, no interior das colônias, das famílias de imigrantes e migrantes, durante grande parte da história e a industrialização do Vale do Sinos como ambiente específico de articulação social; emoldurados estes elementos sob uma hermenêutica teológico-fática.

Joselito – Lutero também dizia que as Comunidades deveriam ser autônomas...

Diackonie – Aham! Lutero era conciliarista e isso acabou por conduzi-lo à teologia dos *Dois Reinos*. A sua antropologia era negativa e, por isso, exigia a ação em sociedade das instâncias da instituição estatal para que as pessoas pudessem viver “cristãmente”.¹⁸⁰ Depende, obviamente, de uma hermenêutica *em situação* a leitura de autores que legam tradições, não somente com relação aos seus escritos mas também à tradição que os leem. No Brasil, acostুমou-se a ler o reformador como um grande incentivador da educação e do comunitarismo (congregacionalismo) praticado pelas Comunidades nas colônias; aliás, esse comunitarismo dificultará a organização das Comunidades numa estrutura sinodal em fins do Século XIX e início do XX.¹⁸¹ A meu ver, essa interpretação ganhou *status* positivo na história da CEFI. A fenomenologia não é inviabilizada pela crítica genealógica, pelo contrário, *há que ver a continuidade das proposições de Lutero sendo efetivadas naquele contexto específico do Quarto Distrito Floresta Imperial de Novo Hamburgo como a reinvenção criativa da Comunidade.*

¹⁸⁰ “Visto que todo mundo é mau e entre mil é difícil encontrar um único verdadeiro cristão, um devoraria o outro, de maneira que ninguém estaria em condições de ter mulher e filhos, trabalhar pelo sustento e servir a Deus, o mundo seria devastado. Por isso, Deus instituiu os dois domínios, o espiritual que cria cristãos e pessoas justas através do Espírito Santo, e o temporal que combate os cristãos maus, para que mantenham paz externa e tenham que ser cordatos contra a sua vontade”. LUTERO, Martinho. *Da Autoridade Secular*: até que ponto se lhe deve obediência. *Obras Selecionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 6, p. 102.

¹⁸¹ FISCHER; GERTZ, 1996, p. 227-237.

ARGUMENTO DO QUINTO DIÁLOGO

No Quinto Diálogo, poderão ser lidas as seguintes elucubrações teológicas...

Primeiro, a realidade, a coisa dita concreta, aquilo que é colocado *aí* diante de nós... o que os filósofos chamavam de *ousia*, o *ser-aí*, essa totalidade de situações e objetos que nos cercam faz parte da nossa própria constituição como sermos situações e objetos para outras coisas e situações... fazemos parte dessa totalidade que é fenomênica. Sendo assim, aquilo que temos diante de nós, a realidade latino-americana, a sociedade brasileira, constitui o mundo dos *entes* juntamente com a gente.

Segundo, a diaconia institucionaliza (atribui validade) a partir das pretensões de verdade (assertivas) a compreensão teológica que se pretende à fundamentação organizativa (ensino técnico, fundamental, médio e abrigo) de forma narrativa a todas as pessoas que estão sob seu guarda-chuva (CEFI) numa performatividade comunicativa entre as características da propaganda como meio específico de dizer algo e a esfera onde outros interlocutores se encontram.

Terceiro, a ruptura com a cultura humanista-logocentrista e liberal-iluminista se dá não pela negação revolucionária, mas pela propositividade de elementos que se conjugam especificamente no contexto brasileiro, isto é, a partir do encontro de lastros atávicos que formam não somente a herança cultural e política dos evangélico-luteranos mas também do contexto rural e político em qual eles desenvolveram suas atividades de colonos

Por fim, a diferença do termo liberal (liberdade de fazer o que se quer com os mais fracos) é fundamental com a do termo libertação (libertação da liberdade dos liberais) no envolvimento que a organização associativista mescla aos ditames da realidade brasileira por meio da conjugação de vários fatores internos e externos a ela na construção de ações relevantes ao seu contexto social, a saber, o bairro Industrial e arredores. Essa reflexão que quer ser *a posteriori* vincula a ação racional do grupo – ABEFI – a certo conteúdo formal da relevância social que vise a modelar o comportamento de outros, uma *imitatio Dei*,¹⁸² a partir de uma conformação à narrativa, o falado no *falatório*, da *publicidade cívica*. Ou seja: a

¹⁸² Tradicionalmente a ideia de imago Dei, dentro da tradição cristã, consubstancia a performatividade da pessoa ou grupo à narrativa divina. Melhor dizendo: a narrativa desenvolvida pela pessoa “mostra-se como uma tentativa contínua de imitar o processo divino através do qual o mundo está sendo trazido à existência”. O imitar Deus é o processo de narração de histórias em quais nós trazemos à existência mundos. BRADATAN, Costica. Deus está sonhando você: Narrativa como *Imitatio Dei* em Miguel de Unamuno. *Princípios*, Natal, v.15, n. 24, p. 249-265, jul./dez. 2008. p. 263.

propaganda desenvolvida pela performatividade da ação social como racionalidade que visa ao comportamento de outros.

QUINTO DIÁLOGO

Diackonie – Por que, digam-me vocês dois, existe a sociedade brasileira do jeito que existe?

Wickern – Não há resposta fácil.

Joselito – Nem eu o saberia.

Diackonie – Eu também não; mas as injunções históricas capitaneadas por contradições que singradas ao timão da espúria vontade colonialista, e que nos legou uma genealogia assimétrica, deu por criar um *Estado* que desceu da corte ultramarina e presenteado aos proprietários aqui de sesmarias como símbolo de gratuidade. Este *Estado* que somente deixará de injungir à maneira autoritária no ano de 1988, veio à luz – como diz Alceu Amoroso Lima –¹⁸³ de que no Brasil tivemos *Estado* antes de sociedade civil.

Wickern – Podem ser escritas de muitas maneiras as variantes e constantes da sociedade brasileira. Não penso numa só possibilidade. E há mudanças a ocorrerem!...

Joselito – Muitas!...

Diackonie – Por suposto!... mas esta questão ainda é problemática, qual seja, a anterioridade idealista de um *Estado* conservador de privilégios; parece como aquela teoria machadiana do *Medalhão* na qual o *Estado* parecido ao adjetivo no idioma, “sua porção idealista e metafísica”, nunca chega a ser substantivo, pois “o substantivo é a realidade nua e crua, é o naturalismo do vocabulário”.¹⁸⁴

Joselito – Verdade. Quando você pergunta pela sociedade brasileira me vem à cabeça justamente essa perspectiva machadiana; quero dizer: uma sociedade tão complexamente desigual que a ironia é uma forma crítica e, porque não dizer assim, existencial de encarar a realidade...¹⁸⁵ Uma sociedade que se atém ao conservadorismo é o que temos diante de nós...

Wickern – Explique-se.

¹⁸³ “Foi-se vendo pouco a pouco – e até hoje o vemos ainda com surpresa, por vezes – que o Brasil se formara às avessas, começara pelo fim. Tivera Coroa antes de ter Povo. Tivera parlamentarismo antes de ter eleições. Tivera escolas superiores antes de ter alfabetismo. Tivera bancos antes de ter economias. Tivera salões antes de ter educação popular. Tivera artistas antes de ter arte. Tivera conceito exterior antes de ter consciência interna. Fizera empréstimos antes de ter riqueza consolidada. Aspirara a potência mundial antes de ter a paz e a força interior. Começara em quase tudo pelo fim. Fora uma obra de inversão”. Alceu Amoroso Lima *apud* CARDOSO, Vicente Licínio (Org.). *À margem da História do Brasil*: inquérito por escritores da geração nascida com a República. 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados/UnB, 1981, t. II, p. 51.

¹⁸⁴ ASSIS, Machado de. *Contos*. São Paulo: FTD, 2002. p. 61.

¹⁸⁵ REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis*. Pioneira: São Paulo, 1982. p. 24.

Diackonie – Com a expressão sociedade conservadora, desejo designar uma coletividade perpassada por mundos de vidas que compõem institucionalmente um aglomerado de grupos sociais os quais são calcados na contradição entre facticidade e idealidade. Nos lastros da diferença social alijada dos processos de memorização, uma sociedade que busca a conservação da não participação efetiva das camadas da população que estruturam a base mais desprivilegiada da pirâmide social, nós encontramos a possibilidade daquilo que Heidegger, na esteira de Husserl, designou de questionamento ontológico e que Habermas tomou como prumo para suas pesquisas a respeito da *ação comunicativa*, a saber, passar do mundo da vida para o questionamento crítico-existencial. Sem esse questionamento – fio condutor – as ciências positivas mantêm suas perspectivas ônticas ou pragmáticas. É a partir desse contexto concreto que nos vem a pergunta, no dizer de Heidegger: “estruturas obtidas enquanto perspectivas lúcidas de questionamento”.¹⁸⁶ Não é o conceito, pois este seria um segundo momento a guiar os objetos temáticos.¹⁸⁷ O *a priori* não é um dado da sistematização, mas o próprio questionamento que alguém realiza – *em realizando* o mundo um questionamento a ele – a respeito de uma determinada situação. Ou seja: o que está diante de nós nos interpela, mas isto como uma *presentificação*...

Wickern – Sim. É aquela velha história, ou estória (?), da filosofia a respeito do *ser*. A propriedade do homem grego, com tudo que lhe pertencia, inclusive mulheres e escravos, colocados a sua frente, levava o nome de *ousia*, o *ser*, esta propriedade era considerada algo que estava *aí* disponível, era o *ser-aí*.¹⁸⁸ Vejam bem: a racionalidade começa já com atributos masculinos e escravistas que incidem na estruturação de formas de se encarar a existência e que acabam por se sedimentarem na linguagem; daí que, segundo Heidegger, “cada língua é uma auto-interpretação da vida humana” por este “caminho”.¹⁸⁹ Isto é: o ser habita a linguagem. Precisariamos analisar quais palavras construídas neste contexto encerram um sentido temporal, um traço do momento de nascimento da experiência humana sob a força dos processos de migração e da empresa calçadista. O *ser-aí* não é uma propriedade, pelo contrário, o *ser-aí* é proprietário!... o *ser-aí* apela às pessoas como *entes* que são...¹⁹⁰ Aquela

¹⁸⁶ Seguindo Husserl, Heidegger concebe que aquilo que é primeiramente filosófico não se encontra na conceituação histórica, teórica ou epistemológica, mas sim aquela compreensão propriamente histórica da pessoa (ente) que se encontra numa determinada historicidade. HEIDEGGER, 1988, p. 37.

¹⁸⁷ Heidegger afirma o seguinte: “conceitos fundamentais são determinações em que o setor de objetos que serve de base a todos os objetos temáticos de uma ciência é compreendido previamente de modo a guiar as pesquisas positivas”. HEIDEGGER, 1988, p. 36.

¹⁸⁸ GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 63.

¹⁸⁹ GADAMER, 2007, p. 68.

¹⁹⁰ HEIDEGGER, Martin. Conferências e Escritos Filosóficos. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 177.

experiência fundante de propriedade sobre a terra e sobre outros seres humanos, da narrativa ocidental, passa pelos *entes* – pessoas – já como algo transversalmente fluida, isto é, na inquietude de entender a situação do *ser-aí*, os *entes* compreendem... pois, ao passo que busco inquirir algo, esse algo me traspassa e há uma troca... há uma compreensão...

Joselito – Há um problema na definição de Heidegger, pelo menos eu vejo assim... ouçam: se a palavra, a vogal – conforme o Dr. Cláudio, personagem do Ateneu de Raul Pompéia – compreende o “símbolo gráfico da interjeição primitiva, nascida espontaneamente e instintivamente do sentimento”,¹⁹¹ qual sentimento nos advém diante da opressão? do sexismo? da escravidão? do colonialismo? da industrialização por meio do modo de produção fordista ou de clusters?... suspeito que faltaria ao questionamento ontológico, nos conformes de Heidegger ou Husserl, aquele elemento que Marx e Engels indicaram na Ideologia Alemã: as formas de produção e reprodução da vida...¹⁹² Assim como assim, a teologia latino-americana da libertação, aqui me lembro de Bonino, dizia que o *a priori* permite a abertura do *a posteriori* “como uma reflexão sobre os fatos e as experiências que já despertaram uma resposta por parte dos cristãos”.¹⁹³ Penso que seja perceber que a materialidade da vida evoca a necessidade objetiva de saná-la, quais sejam, a necessidade objetiva de proteger-se da natureza (abrigo) vestir-se (proteção das intempéries naturais) alimentar-se (manutenção da vida) e reproduzir-se a espécie (filhos/as). Sanadas estas necessidades básicas e fundamentais, outras surgem.¹⁹⁴ E são nestas condições, justamente, que a fé em Deus e em Seu Filho são experimentadas...¹⁹⁵

Wickern – As manifestações culturais e sociais expressam relações sociais determinadas que condicionam as formas e conteúdos, e isso nem sempre de forma absoluta, mas de maneira dialética, que se substanciam em institutos determinados, em muitos

¹⁹¹ POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Barcelona: EditorialSol90, 2004. p. 78.

¹⁹² “Para compreender a história, a análise marxista remonta aos fundamentos materiais da ação humana, à produção e à reprodução materiais da vida humana. Nela descobre as leis históricas objetivas, mas não nega, no entanto, o papel da subjetividade na história. Apenas determina o lugar exato que lhe cabe na totalidade objetiva da evolução da natureza e da sociedade”. LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo: Senzala, 1967. p. 101

¹⁹³ BONINO, José Míguez. *A fé em busca de eficácia: uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre a libertação*. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 57.

¹⁹⁴ Marx e Engels dizem: “A primeira coisa a fazer, em qualquer concepção histórica, é, portanto, observar esse fato fundamental com todo o seu significado e em toda a sua extensão, e dar-lhe o lugar a que tem direito”. MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002. p. 22.

¹⁹⁵ Importantes análises cristológicas – a fé em Jesus como elemento essencial nos mundos de vidas – foram e têm sido realizadas na América Latina como as contribuições de SOBRINO, Jon S.J. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983; as já citadas obras de Walter Altmann e Sebaldo Nörnberg; a paradigmática obra de BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1973; entre muitas outras.

momentos de *resistência e superação*, e em outros momentos de resignação e acomodação ideológica.¹⁹⁶ O certo é que esse fenômeno é sempre carregado de descontinuidades.

Diackonie – Diferentemente de Schleiermacher que dizia ser a hermenêutica a pergunta na contramão do discurso,¹⁹⁷ Lucien Goldmann diz que devemos procurar pelos grupos sociais, para encontrar a categoria de *totalidade* tomada do olhar de Lukács.¹⁹⁸ Tal atitude possibilita compreendermos que a vida social admite a influência sobre as formações culturais e políticas.¹⁹⁹ Creio que os valores ditos espirituais não se destacam da realidade social e econômica circundante. A questão aqui é avaliar e mostrar até que ponto uma instituição beneficente liga-se de forma determinada ao contexto socioeconômico, e quais os processos que a definem mesmo como beneficente.

Wickern – Seria considerar a ABEFI, por exemplo, como resposta específica às agruras sociais do Vale do Sinos, e esta como resultado solidário daquele grupo social na tentativa de comunicar o máximo de sentido do que seja uma “comunidade humana”?

Diackonie – Exatamente isso. Para a teóloga cristã, creio assim no meu caso, cumpre a tarefa de perguntar, pois já estou questionada em minha percepção do contexto, de meu mundo de vida, pelo econômico e social e sua influência na criação institucional pela mediação de um método positivo, aqui, o materialismo dialético, sem com isso querer esgotar as respostas mais cercanas aos próprios entes outros que o compõem. No entanto, cairia no vulgarismo se quisesse simplesmente afirmar a relação objetiva e direta entre as condições econômicas e as instituições beneficentes que surgiram na metade do Século XX no Vale do Sinos.

Joselito – Vulgar, defina!

¹⁹⁶ Lukács diz que “a relação entre a obra de arte e seu público, numa sociedade determinada, numa parte historicamente determinada desta sociedade, não é algo que se acrescente posteriormente, de maneira mais ou menos acidental, à obra subjetivamente criada e objetivamente existente. Esta relação é a base constitutiva, o fator efetivo da obra, tanto em sua gênese quanto em sua existência estética. Isto é verdadeiro tanto para a arte antiga como para a arte moderna”. LUKÁCS, Georg. *Marxismo e Teoria da Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968. p. 260.

¹⁹⁷ SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica e crítica*. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 93-95.

¹⁹⁸ Para Lukács, “é o ponto de vista da totalidade e não a predominância das causas econômicas na explicação da história que distingue de forma decisiva o marxismo da ciência burguesa. A categoria da totalidade, a dominação do todo sobre as partes, que é determinada e se exerce em todos os domínios, constituem a essência do método que Marx tomou de Hegel e que transformou de maneira original para dele fazer o fundamento de uma ciência inteiramente nova. LUKÁCS, Georg. *História e consciência de classes: estudos de dialética marxista*. Porto: Publicações Escorpão, 1974. p. 41.

¹⁹⁹ GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967. p. 71.

Diackonie – Seria querer encontrar uma relação direta ignorando muitos outros fatores; as relações determinadas de produção econômica influem em última instância.²⁰⁰ Veja bem: por que houve o êxodo rural na segunda parte do Século XX, no Brasil, e quais as razões do crescimento industrial do Vale do Sinos senão um determinado processo pelo qual passava a economia do Rio Grande do Sul surgido a partir de fatores internos (esgotamento da produtividade do solo, esgotamento das terras em regiões de encostas que eram dadas aos colonos alemães, ênfase na produção de exportação de produtos primários e alimentícios, etc.)²⁰¹ e externos (duas Grandes Guerras Mundiais, a Crise de 1929, a Guerra Fria, a qual possibilitava financiamento norte-americano às políticas de latifúndio, etc.).²⁰²

O raciocínio que busca compreender os porquês de uma família deixar suas terras e migrar para centros industrializados em busca de emprego fundamentado na mão de obra sob assalariamento, o que é possibilitado nas fábricas de modo de produção fordista, não se encaixa na análise da produção e reprodução da vida? Não se trata da busca por condições mais dignas de vida, mesmo que sob condições de exploração?

Wickern – Com certeza. É a luta pela sobrevivência nua e crua.

Joselito – Retomando aquele aspecto que você mencionou antes, o da afinidade eletiva, como você percebe a relação do modo de produção e as condições outras que permitiram o surgimento da ABEFI?... eu imagino suspeitar já...

Diackonie – Imagino que sim; veja só: considero que os seguintes elementos: a teologia diaconal, o comunitarismo evangélico-luterano, o associativismo, a teologia da graça, a situação de industrialização do Vale do Sinos, sem contar ainda as vicissitudes pessoais que acometem às famílias como tragédias ou impulsos subjetivos dos mais variados sejam todos parte de um processo estrutural que move e influencia as decisões daquelas famílias, no entanto, uma *totalidade* histórica e profunda acaba por dar a última palavra – em última instância – a respeito dos caminhos. Essa *totalidade* nada mais é que a superestrutura econômica.

Para surgir a ABEFI, concorreu uma série de fatores, mas o fato marcante é que o objetivo está visceralmente ligado aos aspectos econômicos, ou seja, aos processos de manutenção e sobrevivência do grupo social. A CEFI constituiu-se como uma Comunidade

²⁰⁰ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Cartas filosóficas e o manifesto comunista de 1848*. São Paulo: Moraes, 1987. p. 48.

²⁰¹ JANSEN, 2010, p. 2-6.

²⁰² FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p. 263-335.

eminentemente de operários²⁰³ que procediam de famílias vindas das colônias da Encosta Inferior da Serra Gaúcha, principalmente de Rolante e Padilha, para trabalharem na indústria coureiro-calçadista; aqui encontraram dificuldades que foram colocadas diante deles e que exigia respostas. A resposta, por sua vez, foi encontrada em vários elementos que compunham o quadro daquele momento. Não era uma resposta última e definitiva, não era válida para toda e qualquer situação e nem para todos de igual maneira. Era uma resposta que visava um comportamento social específico e que tinha seu lastro, entre outras coisas, na tradição comunitarista que aquelas famílias conformavam pela educação que tinha na Bíblia, no hinário e no sentimento vocacional seus elementos materiais positivos. Ante o contexto de mudanças sociais que os arrostava, ocorreu que a ação que eles queriam dar relevância para aquele contexto social veio do encontro destes vários elementos e ocasionaram numa percepção que visa à vida autêntica *em-ser-pre-sença* ao Estado Brasileiro agindo em conformidade de crítica e de parceria. Crítica à ausência do Estado e parceria ao mesmo Estado quando de sua articulação social por meio de uma ação que quero emplastar agora, a saber, a *publicidade cívica*.

Joselito – O que seria?

Diackonie – Seria uma ação de um determinado grupo (famílias de migrantes evangélico-luteranas) na sociedade referida (Vale do Sinos) a partir daqueles lastros enumerados por mim numa atitude de conformidade propositiva ao contexto social imediato. Na esteira de Weber, considero a ação social resultante daquelas atitudes possíveis de caráter subjetivo que pretendem um comportamento que vise ou sugira um determinado comportamento coletivo; melhor explicitando: uma ‘ação na qual o sentido sugerido pelo sujeito ou sujeitos refere-se ao comportamento de outros e se orienta nela no que diz respeito ao seu desenvolvimento’.²⁰⁴ Como se trata de uma proposta de caráter social, estamos lidando então com uma forma específica de sociabilidade cultural e política que necessita de estatuto conceitual ou fáctico.²⁰⁵

²⁰³ COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata n. 287*, 4 mar. 1983. Ata de Reunião de Diretoria.

²⁰⁴ WEBER, 1992, p. 400.

²⁰⁵ Tornou-se muito comum no ocidente, a partir de Kant, a formulação em determinações abstratas dos comportamentos fenomênicos dos vários grupos sociais como uma maneira de tentar entender as ações e os caminhos tomados por estes grupos em determinadas épocas. Específico: compreensão dos próprios processos de compreensão. Hegel deu a este processo um acabamento sistemático de grandeza maior. HEGEL, G. W. F. *Enciclopédia das ciências filosóficas* – Em compêndio, 3 v. São Paulo: Loyola, 1995. No entanto, em muitos momentos estas determinações abstratas têm sido usadas para legitimações as mais diversas; em que pese sua necessária veiculação linguística e estrutural, estas determinações abstratas concorram pelo logocentrismo eurocêntrico. Cabe, portanto, esclarecer que determinações abstratas

Sabemos que a tradição protestante luterana herdou da Reforma, do Século XVI, uma forma específica de conceber o social e a política entre *Dois Reinos*; certa reconciliação entre o aspecto exterior da coletividade e o aspecto interior da individualidade. Para Hegel, a positividade da liberdade humana encontra na elaboração do *Estado Constitucional* sua plenitude a ser concluída a cada passo de elaboração das leis.²⁰⁶ Encontramos algo dessa tradição em Habermas quando de sua mudança em seu conceito de *ação comunicativa*.²⁰⁷ Habermas rompe com a posição mais idealista da primeira fase (1982) e passa a conceber o direito na amálgama entre as positivizações jurídicas e a soberania popular no alargamento dos direitos humanos. A legitimidade do direito não mais advém de um *a priori* ou de uma moral supraestabelecida, mas da ciência dos afetados por ele e de que também participaram de sua construção.²⁰⁸ Cabe frisar que as notas fundamentais acerca da legitimidade do Estado escritas por Hegel quase que coincidem com o processo imigratório de colonos alemães para o Brasil em 1824. Aqui, os imigrantes e migrantes desenvolveram sua vocação no trabalho, pois “a Reforma também modificou a significação do trabalho, que assume um caráter ético e se torna meio para qualquer um justificar sua existência”.²⁰⁹ Enfim, argumento assim que as famílias de migrantes de colonos alemães que migraram para o Vale do Sinos nas décadas de 1960 até os inícios da de 1980 possuíam um lastro cultural sólido na esteira da tradição germânica da teologia dos *Dois Reinos* – a qual preconizava a reconciliação entre liberdade religiosa e liberdade política – que possibilitou uma tomada de posição ambivalente diante do Estado Brasileiro, isto é, de crítica por meio de sua ação e de cooperação também por meio da criação de sua instituição beneficente, a ABEFI, e que esta atitude pode ser factualizada por aquilo que já designei de publicidade cívica.

Bem, antes de vocês me dizerem para explicitar a coisa, desempenho: toda e qualquer ação que seja visível ou possível de ser sentida em termos de visualização, compreende-se como pedagógica, ou seja, como uma ação a ser imitada ou rejeitada quando

(métodos) vinculam-se determinadamente aos processos de legitimação e, por vezes, de dominação e opressão. Ou seja: quem pode desenvolver um método é quem pode traçar perguntas a partir do método aplicado para domínio de uma determinada esfera. Os métodos se configuraram na Idade Moderna em duas linhas, a saber, naturais (lógicos e matemáticos) e sociais (qualitativos e descontínuos).

²⁰⁶ HEGEL, G. W. F. *A Razão na História: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo: Centauro, 2001. p. 94-99.

²⁰⁷ MIRANDA, Maressa da Silva. O Mundo da Vida e o Direito na obra de Jürgen Habermas. *Prisma jur.*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 97-119, 2009.

²⁰⁸ HABERMAS, Jürgen. *Direito e Democracia: entre facticidade e validade*. v. 2. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003. p. 13.

²⁰⁹ LANGLOIS, Luc; ZARKA, Yves Charles. *Os filósofos e a questão de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009. p. 253.

não houver indiferença ante tal, mesmo assim ela guarda um quê de caráter agorático, quando muito, é verdade também, de fio vermelho às muralhas de Jericó.

Wickern – Agorático?!

Diackonie – Sim; de Ágora, a praça pública na antiga polis ateniense. Refiro-me ao público da ação feita na esfera que se pretende pública. O conceito de *publicidade cívica* em construção interdisciplinar constitui-se num agregado jurídico e sociológico que elabora uma realização teológica de Estado com uma racionalidade que busca planejar antecipadamente um determinado comportamento de acordo com a relação de alteridade. Um conceito jurídico que vê na Constituição Federal não um sistema dado prontamente, mas, sob a influência da constituição da República de Weimar, a verificação de um viés de realização de Estado e não o estabelecimento definido, trata-se mesmo de uma realização.²¹⁰ Essa realização se dá pela passagem de uma concepção política patrimonialista a uma política positivamente participativa. A realização desse Estado depende da participação da sociedade. Participação essa que já ocorre devido ao lugar vazio que o Estado historicamente tem deixado na vida social do país, e preenchido pelas ações dos muitos grupos sociais presentes nas regiões de abandono.

Bom, por *publicidade cívica* quero designar aquela capacidade fática de comunicação entre os grupos sociais que interagem de forma a solucionar problemas comuns que ocorrem nas cidades. A publicidade tem se constituído numa esfera de discussão e apresentação dos interesses dos grupos.²¹¹ Segundo a Constituição de 1988, a publicidade estatal tem como função primordial a promoção de todos os cidadãos e cidadãs, sem detrimento de nenhum grupo que faça parte da sociedade e esteja sob a guarda do Estado.²¹² A publicidade também é um dos fundamentos da Democracia Representativa, pois a mesma necessita da transparência para sua administração.

²¹⁰ FERRAZ Jr, Tercio Sampaio. Constituição brasileira e modelo de Estado: hibridismo ideológico e condicionantes históricas. PROCURADORIA-GERAL do Estado de São Paulo. Edição Especial em comemoração dos 10 anos da Constituição Federal. São Paulo. p. 136. Disponível em: <<http://www.terciosampaioferrazjr.com.br/?q=/publicacoes-cientificas/14>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

²¹¹ “A publicidade é resultante da capacidade de criação e desenvolvimento que caracteriza a espécie humana. Fruto da atividade cerebrina do homem, a publicidade tem se tornado um dos meios mais eficientes de difusão e de divulgação de fatos, produtos, serviços, ideologias e conhecimentos engendrados pelo homem. Para a sua compreensão, é preciso, além da análise objetiva da mensagem divulgada, uma análise subjetiva de seus objetivos”. ARAÚJO, Anildo Fabio de. Publicidade oficial e a Lei Eleitoral. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, ano 35, n. 139, p. 168-172, jul./set. 1998.

²¹² “A publicidade dos atos, programas, obras, serviços e campanhas dos órgãos públicos deverá ter caráter educativo, informativo ou de orientação social, dela não podendo constar nomes, símbolos ou imagens que caracterizem promoção pessoal de autoridades ou servidores públicos” (Art. 37, § 1º). CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2003. p. 39.

Joselito – Podem haver confusões aí, não é mesmo? digo: entre propaganda e publicidade ou mesmo marketing...

Diackonie – Ah, com certeza; mas eu clareio a coisa: marketing é definido tanto como uma forma de entender o mundo do comércio quanto como uma técnica que visa especificar a maneira mais eficaz de conduzir as trocas.²¹³ O marketing tem servido como conceito amplo na designação de uma forma específica de concepção de mundo e de uma disciplina científica que tem por escopo a análise das ações mercadológicas desde meados do Século XX. Já a palavra propaganda vincula-se ao designativo publicidade, mas são distintas; da palavra inglesa *advertising* vem propaganda e da palavra *publicity* vem publicidade. Esta, porém, lá nos Estados Unidos da América do Norte, significa um anúncio gratuito, e aquela outra um anúncio pago, ou seja, a propaganda de produtos de consumo. Assim, *publicity* é carregada de uma conotação pública que quer emitir confiança e interesse à esfera das relações de caráter público.²¹⁴ Vejam que isso nos sugere a ideia de esfera pública, mas diante da dificuldade de definição a qual é sempre concebida numa estrutura tripartite, ou seja, Estado/família/sociedade civil, ou mesmo numa conceituação binária, Estado/Sociedade Civil, quero apenas apontar na direção da relacionalidade interpenetrativa do labirinto de uma suposta esfera pública no Brasil. Desse jeito, o público (cité) e o privado (oikos) são perpassados por muitos discursos religiosos que de longe vêm resistindo às desmistificações e ao desencantamento como identificava Weber nas sociedades protestantes européias.

Wickern – A esfera pública existe aqui?

Diackonie – Pergunta difícil... entretanto, tem sido dito que é mais fácil identificar um contexto histórico antropológico que “trata da sociabilidade como esfera pública”.²¹⁵ É o que argumenta Paula Monteiro a partir da análise que verifica no Brasil a tomada, pelos grupos religiosos minoritários, dos espólios do processo de secularização da Igreja Católica pelo Estado Republicano de suas atribuições junto aos pobres por meio da “caridade” que foi se transformando aos poucos em direitos civis. É o que argumenta Octavio Ianni com respeito

²¹³ “O conceito de marketing não descreve o que é nem o que faz o marketing, pois trata-se de uma forma de pensar, uma filosofia que direciona como se deve entender a relação de troca de produtos e serviços de uma organização com o mercado”. FILHO, Miguel Arantes Normanha. Marketing e Propaganda: estudo dos termos. *MIMESIS*: revista da área de ciências humanas, Bauru, 2004, p. 108.

²¹⁴ “A publicidade é informação difundida através dos meios de comunicação de massa, e a mensagem é controlada pelo meio que a divulga. As mensagens são transmitidas mediante notícias, reportagens, artigos, comentários, entrevistas, comunicados da imprensa, subscritas sempre pelo meio de comunicação. Por extensão, publicidade é um conjunto de meios utilizados para influir ou manipular a opinião pública”. FILHO, 2004, p. 126.

²¹⁵ MONTEIRO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos: CEBRAP*, São Paulo, 2006. p. 58.

aos movimentos messiânicos.²¹⁶ As práticas de assistências sociais seriam ao mesmo tempo dispositivos de autorregulação interna dos grupos religiosos no socorro de seus próprios membros bem como meio de proselitismo. Aqui no Brasil, segundo o que Paula Monteiro afirma juntamente com outras pessoas, a sociedade civil como lugar de debates do público foi desenvolvida às avessas, isto é: não foi a liberdade religiosa que criou o Estado Constitucional, mas foi o Estado que criou e tem mantido as liberdades plurais de consciência religiosa.

Joselito – O que aponta novamente para aquilo que você falou, há pouco, sobre a anterioridade do Estado diante das forças dinâmicas da convivência civil que produziu em outros contextos um lugar privilegiado de discussão sobre o público e o privado.

Wickern – Você pode retomar aqueles apontamentos a respeito da publicidade?

Diackonie – Sim... olhem só... a esfera pública tem sido caracterizada como fruto originário, mais ou menos, a partir do Século XVIII, da sociedade burguesa, principalmente na França que nos cafés de Paris insuflavam os espíritos livres e críticos sob o despotismo monárquico os panfletos revolucionários com o apadrinhamento dos grandes enciclopedistas e filósofos da educação. O público é o lugar de debates. O lugar do dissenso. O lugar de liberdade de expressão.²¹⁷ É também o lugar onde são vendidas as propostas de produtos e que, mais tarde, empreenderá um verdadeiro processo de luta pelo espírito consumista que forjará a sociedade de massas.²¹⁸ O lugar do público tem sido marcado pela lógica orientada pelo mercado e pelo lucro. Assim, não falo dessa perspectiva mercadológica ao referir-me ao designativo publicidade, mas ao caráter daquilo visualizado e debatido. Falo daquele lugar onde Paulo encontrou um altar para o Deus Desconhecido (At 17.23). O risco de tornar aquilo que é visível em *public-idade*,²¹⁹ no dizer de Heidegger, faz-me querer curar o conceito uma

²¹⁶ Octavio Ianni diz que no século XX a politização dos movimentos sociais romperá com o conteúdo “messiânico” dos grupos que lutam por justiça social no campo. É a passagem da compreensão da “caridade” aos pobres para os direitos dos pobres. IANNI, Octavio. Prefácio. In: MOVIMENTOS sociais no campo. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1987. p. 8.

²¹⁷ Nesses ambientes era forjada a autonomia da subjetividade da classe burguesa do Século XVIII. Agora, segundo Habermas, não somente a violência ou a tradição reclamam seu lugar na discussão, mas a vida privada dos burgueses. SOUZA, Jessé José Freire de. De Goethe a Habermas: auto formação e esfera pública. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 43, p. 25-57, 1998. p. 34.

²¹⁸ BODRA, Humberto. Publicidade e Dominação. *Comunicação e Sociedade*, ano 1, n. 3, p. 114-134, 1980.

²¹⁹ Heidegger argumenta que “neste espaçamento constitutivo do ser-com reside, porém, o fato de a pre-sença, enquanto convivência cotidiana, estar sob a tutela dos outros. Não é ela própria que é, os outros lhe tomam o ser”. HEIDEGGER, 1988, p. 179.

vez que ele pode prestar à precisões razoáveis; talvez análogas.²²⁰ Para Heidegger, trata-se de perceber o mundo circundante público como impessoal, mas um “impessoal que não é nada determinado mas que todos são, embora não como soma, prescreve o modo de ser da cotidianidade”.²²¹ Em termos de materialismo dialético, podemos dizer da *reificação* ocorrida no processo fenomênico do modo de produção capitalista que a realidade é aquele tipo de traço flagrado no estado onírico.²²² Nas palavras de Marx e Engels, é a reflexão dialética que causa o efeito no mundo da realidade; cumpre ir do reflexo à realidade mesma da situação concreta. O cotidiano é deformado e formado como expressão de criaturas que sentem a pressão que a vigília sofre ao onírico que sufocado acaba por se expressar de determinada maneira, conforme as condições sociais e históricas. A realidade moldada pela *public-idade* é o modo da totalidade, um bloco apresentado que se nos encara e exige reflexão. Trata-se, diria eu, daquilo que Walter Benjamin designou de “escrita da cidade”,²²³ ou seja, uma imagética e sua estrutura simbólica e simbolizadora colocada diante dos olhos das pessoas que vivem nos centros urbanos, a “escrita da cidade” constitui seu idioma na publicidade e na propaganda das metrópoles. Sendo assim, para atingir meu objetivo, aponto para a *public-idade* como modo do *falatório*²²⁴ que cumpre papel unicamente de manter o que foi discursado na abertura, e pode ser que isso tenha sido num vender, num consumir produtos que não duram, mas mesmo assim sem que estas frestas retirem sua solidez dada na linguagem que se articula em pronunciamentos, pois “o falado no falatório arrasta consigo círculos cada vez mais amplos, assumindo um caráter autoritário. As coisas são assim como são porque delas se falam assim”.²²⁵

Wickern – Confesso: você ficou um tanto obscura agora.

²²⁰ Conforme Paulo Lopes, uma linguagem analógica cumpre tarefa de aproximação, nunca de equivalência. LOPES, Paulo César Carneiro. *Utopia Cristã no Sertão Mineiro: uma leitura de “A hora e a vez de Augusto Matraga”* de João Guimarães Rosa. Petrópolis: Vozes, 1997. p. 24.

²²¹ HEIDEGGER, 1998, p. 179.

²²² Por reificação, define-se a realidade dada e tornada totalidade sem que a pessoa se aperceba dos dispositivos imanentes reflexivos entre a superestrutura e a infraestrutura. A palavra *res* do latim passou ao português como *coisa*; desta feita, reificação é um tipo de coisificação, ou seja: algo que está encoberto por mistificação. Lukács define que “a reificação é, pois, a realidade imediata necessária para todo e qualquer homem que viva na sociedade capitalista e só pode ser superada por um esforço constante e constantemente renovado para provocar a rotura prática da estrutura reificada da consciência, por uma relação concreta com as contradições que se manifestam concretamente na evolução de conjunto, por uma tomada de consciência do sentido imaneente de tais contradições para essa mesma evolução de conjunto”. LUKÁCS, 1974, p. 219.

²²³ BENJAMIN, 1994, p. 235.

²²⁴ Heidegger argumenta que a qualidade mesma do falatório (Das Geredete) é guardar a compreensão no discurso que ocorre com a pre-sença na abertura, e em seguida cuidar para que o modo de ser da compreensão permaneça depois da manifestação da abertura. HEIDEGGER, 1988, p. 227.

²²⁵ HEIDEGGER, 1988, p. 228.

Diackonie – Vou declinando a coisa, fica mais fácil... aquela característica da comunicação que passa pela linguagem, dizia Saussure, é em parte autoritária por que não pede licença ao declamador.²²⁶ A *public-idade* é aquela característica ambígua da comunicação que não se restringe à escrita ou aos processos de marketing e propaganda, mas que é análoga aos processos comunicativos de estruturação que, por vezes, em *flagrante onírico* transparecem em significações telúrico-sociais, isto é, passando à realidade em termos institucionais.

Joselito – E por que elencar a *public-idade* na esfera de comunicação da propaganda?

Diackonie – Simples: pois a positividade do Estado Brasileiro exige que as instituições parceiras nas políticas socioeducativas e de assistência social sejam abalizadas pelos princípios da publicidade e da eficiência, etc.²²⁷ Hoje, se não houver a publicação de Balanço, de Razão, de Missão ou Princípios relativos à função social das associações beneficentes tidas por parceiras do Estado, a vida institucional das mesmas corre sérios riscos de entrar em colapso. Daí a necessidade de dar contornos mais específicos ao caráter e função social da ABEFI.

Wickern – Qual a função do termo cívico atrelado ao substantivo que você acabou de nos clarear?

Diackonie – O termo quer substantivar a participação da ABEFI na sociedade para além do que tem sido sua institucionalização nos moldes da tradição diaconal do luteranismo. Faço aqui referência à teoria comunitarista de Michael Walzer. Por cívico, pontuo a participação de cidadãos à ação na vida pública. Uma característica forte que desejo tomar da reflexão de Walzer é a tradição rousseuniana presente na ideia de participação da pessoa na vida política do Estado.²²⁸

Joselito – Isso me faz lembrar da origem da palavra *idiota*... as pessoas que se negavam a participar das discussões a respeito da Polis no período das cidades-estados da antiguidade helênica foram classificadas pelo general Péricles de idiotas, que vem da palavra

²²⁶ CUNHA, Raquel Basílio. A relação significante e significado em Saussure. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [s.l.] v. 8, n. 2, 2008. p. 1-2. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 3 jun. 2010.

²²⁷ Constituição da República Federativa do Brasil, 2003, p. 17.

²²⁸ “A concepção de comunidade cívica de Walzer segue a abordagem unitária contida na tradição do humanismo cívico. Esta vertente de republicanismo encontrada no pensamento de Walzer (1990; 1993) constitui um dos principais alicerces de sua teoria comunitarista da justiça. Portanto, só pela compreensão das posições de Walzer com relação à justiça distributiva torna-se possível chegar à sua concepção de comunidade cívica”. FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. A Comunidade Cívica em Walzer e Putnan. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 51, São Paulo, p. 71-96, 2000. p. 74.

grega *idios*; vem da raiz *id* e significa *próprio*, assim a pessoa era designada de idiota ruivamente por querer ficar com seus interesses *próprios* em detrimento da participação na vida pública.²²⁹

Diackonie – É verdade. No entanto, como a usamos hoje vem do uso que os médicos faziam dela na Idade Média, ou seja, a idiotice patológica e não necessariamente ideológica.

Wickern – Mas a lembrança é muito feliz!...

Diackonie – De qualquer forma, a revisão da perspectiva de Walzer me parece interessante, pois segundo ele o poder político deve ser exercido com a participação ativa e explícita dos cidadãos e cidadãs. Todavia, Walzer identifica nos comitês e nas convenções partidárias o lugar específico para que se desenvolva a participação na esfera política; sendo assim, cabe à articulação político-partidária o cabeamento institucional das várias e complexas formas de igualdade que a modernidade deu à luz. A pessoa que participa não é somente um eleitor mas também um candidato em potencial.²³⁰ Isso possibilitaria uma maior identificação com a comunidade por causa do interesse mesmo que a pessoa demonstraria ao participar de uma campanha eleitoral. Seriam pessoas ativamente cidadãs, algo além de uma participação formal.

Joselito – A teoria de Walzer inclui-se na tradição comunista liberal, não é mesmo?

Wickern – É, mas há uma perspectiva diferenciada, Walzer argumenta que a tradição liberal é, por fundamento, comunitária; os teóricos liberais é quem teriam subvertido os princípios associativos em flagrante preferência dos dissociativos, isto é, do individualismo econômico. A revolução republicana que a modernidade experimentou tinha como objetivo a restauração da *res publica* que era moldada pelos princípios da democracia cristã. Nesse sentido, os liberais teriam trocado os agentes do direito divino dos reis para os grandes proprietários. Há um debate de fundo que é a questão epistemológica. Em tese: a pergunta

²²⁹ “Nascido em 495 a.C., em meio a uma família da nobreza atenienses, descendente do líder reformista Clístenes, responsável pela introdução da maioria das instituições democráticas, durante a revolução de 410 a.C., Péricles consagrou-se como a maior personalidade política do século 5 a.C.. A presença dele foi tão marcante, que a época em que ele viveu denominou-se de O Século de Péricles”. SCHILLING, Voltaire. A Política de Péricles. In: *História por Voltaire Schilling*. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/partenon.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

²³⁰ WALZER, Michael. *Las esferas de la Justicia: una defensa del pluralismo y la igualdad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993. p. 317.

pelos fundamentos da liberdade política se encontraria no individualismo ou na comunidade é que divide o debate.²³¹

Joselito – É uma tradição contratualista que vem desde a teologia federal (aliança: foedus) do final do Século XVI e ganha corpo em obras da política contratualista do Século XVIII.²³² A secularização dos processos de definição teológica dos caracteres legais comunitários forjaram um incremento relevante nas discussões a respeito da liberdade e da dignidade humana na esfera dos grupos sociais calvinistas dando ao comunitarismo e ao contratualismo uma forma bem conhecida com a Revolução Americana (1776).²³³ Vocês sabem que os romanos ao final de sua hegemonia passaram a ter que negociar com os grupos ditos “bárbaros” para não sofrerem mais reveses; os acordos eram, fundamentalmente, de dois tipos: o *foedus aequum*, acordo bilateral que reconhecia ambas as partes obrigadas como *foederati* à ajuda mútuas, e o *foedus iniquum* que era unilateral e reconhecia Roma como superior obrigando a outra parte a apoiá-la em ofensiva contra seus inimigos. Estes acordos feitos com os povos germânicos se estenderam ao restante da Europa e propiciaram à igreja cristã destaque nas articulações a respeito de alianças das nações da Península Ibérica, principalmente.²³⁴ A ideia de pacto possuía fonte formal no Antigo Testamento e na história de Israel, o que possibilitava a temática dentro de uma esfera de cristandade passar do tema alocado na esfera das discussões teológicas para a esfera política.

Diackonie – daí que a tradição calvinista acabou lidando de certa maneira com o tema da aliança ou alianças que resultaram numa perspectiva secularizada dos direitos de liberdade religiosa para resguardar a sempre possibilidade de fé do indivíduo. À questão de liberdade religiosa está ligada à forma específica de distribuição dos recursos sociais, pois que

²³¹ SILVEIRINHA, Maria João. *Dicionário de Filosofia Moral e Política*. Lisboa: Instituto de Filosofia e Linguagem Nova de Lisboa, 1992. Verbetes: Comunitarismo. p. 327.

²³² Um bom exemplo de teologia que se debruça sobre as categorias de alianças que Deus teria feito com os seres humanos é a conhecida obra de teologia sistemática do teólogo reformado Johannes Cocceius, “Summa Doctrinae de foedere Dei”. ASSELT, Willem J. van. *The Federal Theology of Johannes Cocceius* (1603-1669). Leiden: Koninklijk Brill NV, 2001.

²³³ O Contratualismo tem forte influência das elaborações da Teologia Federal ou Aliança (foedus) dos grupos puritanos de origem calvinista que ajudou a fundamentar o constitucionalismo moderno, a partir de uma secularização da noção de pacto entre os soberanos absolutistas e os limites de sua atuação ante os súditos. BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 2. ed. Brasília: UnB, 1986. Verbetes: contratualismo. p. 272-276.

²³⁴ Gregório Magno foi um dos grandes estrategistas políticos de Roma diante das invasões bárbaras. COLA, Silvano. *Operários da primeira hora: perfis dos Padres da Igreja*. São Paulo: Cidade Nova, 1965. p. 109-114. São conhecidos os acordos formais entre as coroas de Espanha e Portugal intermediadas pelos papas. Interessante é perceber que para a coroa portuguesa, o direito se localizará na posse de fato enquanto a coroa espanhola se restringirá ao direito de posse jurídica, daí ser, talvez, o contributo para que Portugal se tornasse a primeira nação europeia definir seus contornos já no Século XIII. RIBEIRO, Avelino; CUNHA, Mário. *Lisboa: caminhos da História*. Lisboa: Asa, 2005.

a liberdade religiosa ao se postar como o direito fundamental, na Idade Moderna, implica em direitos do corpo por consequência e de seus familiares como a história tem mostrado. O resultado consequente da liberdade de culto é a liberdade do corpo, e daí por diante quando grupos passam a desejar um tipo de convivência social com maior liberdade religiosa a predominância de políticas associativas com esse objetivo alcança patamares sociopolíticos culturais consideráveis.²³⁵ A tradição comunitarista presente nos Estados Unidos da América do Norte tem defendido uma noção histórica e situada de direito contra a perspectiva deontológica (supra-histórica) dos liberais como John Rawls, a partir da tradição do humanismo cívico.²³⁶ É uma percepção anglo-saxônica norte-americana que diferenciou preponderantemente a eticidade concreta ante o esvaziamento dos conteúdos formais. O que me interessa neste aporte é o fato da condição mesma dos indivíduos concretos ser colocada em pauta a partir da discussão do interesse pelo bem público como terreno de justiça distributiva. Há que resguardar criticamente certa posição diante dos pressupostos epistemológicos da perspectiva comunitarista, pois não se quer considerar em nível macro-cósmico (totalidade) a problemática do modo de produção de assalariamento.²³⁷

Joselito – Em suma: você quer retomar a tradição do humanismo cívico que pretende colocar a *coisa pública* acima dos interesses privados para uma política que dê liberdade positiva em detrimento de deontologias, e que estimule a participação política dos grupos

²³⁵ “O *humanismo* ou *republicanismo cívico*, *clássico* ou *neorromano*, e o *constitucionalismo antiquário* foram as linguagens políticas com que os críticos da monarquia absoluta contribuíram para preservar e atualizar o antigo conceito de governo misto, pleiteando a limitação do poder por meio de leis que submetessem igualmente governados e governantes (Maddox, 1989:59). Para além do âmbito da teologia política, a moldura político-constitucional platônica, aristotélica e depois polibiana também deu sazoados frutos nos autores renascentistas que, escrevendo nas cidades italianas encravadas entre o Papa e o imperador germânico, pensavam como desenvolver uma vida cívica a partir da herança republicana da Antiguidade clássica. Nesse contexto, avultava a temática do governo misto, introduzida em Florença por Leonardo Bruni (1369-1444) e depois reaproveitada, com os matizes correspondentes a cada momento político, por outros autores, como Francesco Guicciardini (1483-1540) e Nicolau Maquiavel (1469-1527), em parte graças à melíflua visão de Veneza como modelo constitucional misto de equilíbrio e estabilidade”. LYNCH, Christian Edward Cyril. Entre o Leviatã e o Beemote: soberania, constituição e excepcionalidade no debate político dos séculos XVII e XVIII. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, 2010. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:emmZQKh8cs0J:www.scielo.br/scielo.php%3Fpid%3DS001152582010000100003%26script%3Dsci_arttext%26tln%3Dpt+fil%C3%B3sofo+helvetius+habeas+corpus&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk>. Acesso em: 12 jun. 2010.

²³⁶ Walzer se posiciona contra o conceito de Justiça de Rawls que se fundamenta numa perspectiva deontológica de direito ao trabalhar o tema de justiça distributiva em seu clássico livro sobre a questão. RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

²³⁷ Dussel alerta para a negativa comunitarista em reconhecer a totalidade das formas de produção dos meios de vida na própria formação das disparidades que existem no seio da sociedade. DUSSEL, Enrique. Alguns reflexiones ante el comunitarismo: MacIntyre, Taylor y Walzer. *STROMATA*, San Miguel, 1997. Trimestral. Continuação de Ciencia y fé. p. 119-140.

envolvidos no desenvolvimento da sociedade, mas a partir da positividade e não dos emaranhados deontológicos jurídicos, estes sendo verdadeiras aporias do Estado Brasileiro.²³⁸

Diackonie – Parece-me algo salutar. Dessa maneira, preciso assim: a *publicidade cívica* constitui a expressão fáctica de uma associação – que finca suas raízes em tradições pautadas pela não separação entre a compreensão de Estado e de Igreja – e que vê na ação social (pública) a realização de missão interna (privada) sem necessariamente ver nessa separação republicana positiv(a)ista um empecilho, pois especificamente, no Brasil, esse grupo desenvolveu uma tradição de associativismo. Por isso, a *publicidade cívica* formata a coerente participação positiva (concreta) da ABEFI na vida social de Novo Hamburgo a partir dos vários elementos sociais e históricos que formaram e formam sua atmosfera de ação. Todos estes elementos conjugados a partir de uma ação racional (Weber) designam a *publicidade cívica* da ABEFI como o formato político de sua relevância social. Enfatizo: essa *publicidade cívica* somente delinea-se no contexto situacional da ABEFI, isto é: no Vale do Sinos; pois que da arbitrariedade constitutiva de um novo falado no falatório (Heidegger) pode ser que em nuvens de gafanhotos de escrita (Benjamin)²³⁹ seja transformada a *publicidade cívica*.

²³⁸ Exemplo de aporias são os muitos direitos outorgados aos cidadãos *hipossuficientes* (cidadãos que não podem prover pelos próprios meios aqueles valores materiais considerados pela Constituição aspectos de dignidade, melhor dizendo: direitos sociais básicos) pela Constituição Brasileira de 1988.

²³⁹ BENJAMIN, 1994, p. 28.

ARGUMENTO DO SEXTO DIÁLOGO

Na última parte dos diálogos, as versações que serão desenhadas concluirão a respeito da ação e da liderança do Pastor Nörnberg na direção dos trabalhos da ABEFI durante 35 anos e a respeito da factualidade do Estado Brasileiro e sua necessidade de realização advinda de um processo híbrido que acompanha a política estatal desde sua formação com a independência da nação em 1822. Essa realização tem na *publicidade cívica* da ABEFI parceria institucionalizada desde as primeiras ações na década de 1960 e se estendem aos dias de hoje com as atuais quatro unidades, a saber, Colégio Sinodal da Paz, Escola de Educação Infantil da Paz, Ação Encontro e Lar Padilha.

SEXTO DIÁLOGO

A vida na fé não é estado algum, que pudesse ser descrito claramente pelo indicativo. Antes, ao indicativo se acrescenta imediatamente o imperativo, isto é, a decisão da fé não é algo assumido de uma vez por todas, mas sim algo que deve se comprovar sempre nas situações concretas, sendo assumida de novo.
(Rudolf Bultmann)²⁴⁰

Diackonie – Vou encerrando nosso encontro de hoje com duas colocações necessárias! assim entendo, e importantes... e olhem, só! eu sei que a gente pode exagerar em alguns aspectos, mas quem à inflexão não acrescenta algo à semântica?! Bom, mas voltando... essas duas coisas são: *primeiro*: a posição do Pastor Nörnberg e sua condução protagonista da instituição; *segundo*: a participação da ABEFI na realização do modelo de Estado que eu argumentei antes.

Joselito – Sim, eu perguntei antes qual sua opinião a respeito da protagonização do Pastor Nörnberg.

Diackonie – Em determinadas situações sociais de considerável efervescência cultural e política quando certas questões estão pautadas sobre conflitividades, a unidade orgânica e viva entre as pessoas de um determinado grupo social com o meio ambiente pode redundar na expressão refletida – no quadro desta organicidade – de indivíduos que compõem o estatuto ideológico da mentalidade e desejos coletivos. É o que Lucien Goldmann diz do artista, as condições orgânicas sociais necessitam confluir numa dinâmica que permita o seu surgimento. Melhor dizendo: “no nível do grupo social, existe sempre uma íntima interpenetração entre o pensamento e a ação que atuam um sobre o outro”.²⁴¹ As ações relevantes de pessoas individuais exercem influência recíproca sobre as pessoas do grupo social; as relações de reciprocidade são determinadas pelos fatores endógenos à sociedade e seu período histórico. Assim, a ação do Pastor Nörnberg, creio, resulta da dinâmica entre o grupo social bem determinado historicamente e os vínculos atávicos e culturais que são comuns ao agente individual e ao grupo, do qual esse mesmo agente é retirado para a função específica.²⁴²

²⁴⁰ BULTMANN, 1999, p. 24.

²⁴¹ GOLDMANN, 1967, p. 79.

²⁴² Lucien Goldmann argumenta que “o materialismo dialético, sem dúvida, afirma a unidade da consciência e da ação, desde o nível mais elementar da percepção (vide as teses de Marx sobre Feuerbach) até às formas

Wickern – Quer dizer que o Pastor Nörnberg é a expressão dialética dos processos sociais que atingiram aquele grupo determinado naquele lugar?

Diackonie – Exatamente!... não se trata de um indivíduo exógeno aos processos. Ele é retirado do meio de uma situação para realizar uma tarefa delegada pelo próprio grupo, mas a forma como ele a realiza ganha os caracteres específicos de sua subjetividade que são construídos socialmente numa situação que galvanizará o encontro entre a realidade do grupo e suas exigências e a realidade dele com seu histórico.

Wickern – Daí então ser o Pastor Nörnberg a expressão articulada ao nível da liderança comunitária das práticas do grupo social à sociedade como um todo!

Diackonie – Não é possível compreender uma liderança comunitária senão enquanto limite específico de seu grupo e para o qual se limita o mais próximo possível dos anseios e necessidades comuns. Suas ações refletem a transição de épocas, mundos que se chocam e que entram em períodos de transformação social a partir da própria caducidade da fase anterior. Suas atitudes buscam a reafirmação de valores antigos e a assimilação de novos parâmetros que passem por uma nova alocação de princípios. Trata-se da dialética entre o que foi e o que está sendo, entre um passado e um presente que irrompe, por vezes, violento.²⁴³ Entre a expulsão violenta de um *ethos* colonial à introdução num Distrito Industrial em marco metropolitano. A liderança comunitária consegue desenvolver a síntese epocal, isto é, realizar a passagem de um período para outro percebendo as necessidades práticas de intermediação existencial e cognitiva e suas flagrantes inconsistências políticas e sociais.

Joselito – Joia!... entendi... o Pastor Nörnberg como liderança comunitária conseguia perceber as ligações de conjunto entre os momentos históricos porque fazia parte deles e havia uma somatória de situações que corroboravam sua vinculação dialética na concretude dos processos pessoais, os quais eram afetados diretamente pela conjuntura social, com os processos sociais mais abrangentes.²⁴⁴

mais complexas do pensamento teórico (na psicologia moderna, Jean Piaget chamará isto de caráter operatório)”. GOLDMANN, 1967, p. 79.

²⁴³ GOLDMANN, 1967, p. 86.

²⁴⁴ Acrescento à percepção que vê nos fatos culturais reflexos interativos entre as estruturas significativas do ser humano como ser social e a natureza, retirada de Lucien Goldmann, a função de liderança comunitária. Ele diz: “que essa estruturação interna das grandes obras filosóficas, literárias e artísticas provém do fato de que elas exprimem, no nível de uma coerência de grande porte, atitudes globais do homem diante dos problemas fundamentais colocados pelas relações inter-humanas e nas relações entre os homens e a natureza, atitudes globais (nós as chamamos ‘visões de mundo’) que existem em número limitado, se bem que seja impossível fazer seu inventário ou sua tipologia antes de dispor de um número suficiente de estudos monográficos”. GOLDMANN, 1967, p. 94.

Diackonie – Por aí a coisa... mas não se trata de alguém que reproduza a realidade exata da situação; antes de qualquer coisa, necessário é esclarecer que ao falar de fisionomia ativa de uma liderança comunitária de uma envergadura moral como é o Pastor Nörnberg não pretendo arguir que se trate de alguém que percebeu *in nuce* qual o espírito do tempo; não, não se trata disso... não quero “dizer que suas ideias sejam sempre objetivamente exatas, que sua concepção pessoal do mundo reflita corretamente a realidade objetiva”,²⁴⁵ o que eu quero dizer é que o Pastor Nörnberg consubstancia-se como porta-voz do “espírito do tempo”, melhor dizendo: a síntese concreta das ações e reações complexas nas ações dos grupos sociais.

Wickern – Ah!.... legal... é a dialética entre o paralelo e o contraste que concomitantemente rasgam a situação social que é, muitas vezes, completamente contraditória. A liderança comunitária se posta na brecha das convergências antitéticas que operam nas paixões humanas a partir da concretude social.

Diackonie – as formas universais no filtro da síntese situacional que forja a subjetividade, esta como síntese social na alma humana!...

Joselito – E a outra questão colocada anteriormente a respeito da realização do modelo de Estado?

Diackonie – Sim... Tercio Sampaio Ferraz Jr. argumenta que o Brasil nasceu sob uma constituição formal. Sua independência foi marcada pelo nascimento de um Estado constitucional, cujas raízes fincaram-se na Revolução Liberal de O Porto, de 1820, e flertaram, por sua vez, com a Revolução Francesa. Quando se fala em Estado Constitucional significa um Estado cujo poder é limitado e organizado por uma constituição escrita nos moldes do constitucionalismo do final do século XVIII, enquanto um movimento de fundo liberal, expressão dos movimentos políticos da sociedade burguesa de então.²⁴⁶ Ferraz Jr. diz que uma democracia representativa com base numa normatividade textual de uma individualidade abstrata, com acentuada presença da segurança formal e da propriedade privada, sob a luz de uma constituição formal, surgiu desde dentro do aparelho estatal. Não houve uma formação a partir da sociedade civil. As várias constituições que o país teve resultaram de um hibridismo constitucional, ou seja, manutenção das oligarquias com base em interesses localizados não só em termos de grupos, mas também regionais.

²⁴⁵ LUKÁCS, 1968, p. 167.

²⁴⁶ FERRAZ Jr., 2009.

De um lado, por exemplo, à iniciativa privada era garantida uma preeminência; de outro, diversas normas permitiam uma intervenção do Estado no domínio econômico sem os correspondentes freios. O mesmo acontecia com o regime federativo, proclamado expressamente, mas emasculado por outros dispositivos que, em matéria tributária, garantiam a supremacia da União sobre os Estados e Municípios.²⁴⁷ Com a constituição de 1988, o país passou novamente a ter um documento híbrido. Mas agora, sob a sombra da *dita* dura autoridade militar desenfreada que por 21 anos molestou quem se desse ao luxo de pensar, um elemento mais concreto, a saber, o princípio da soberania do povo e dos direitos fundamentais da pessoa encontrados no Artigo 1º. Parágrafo único, incisos I, II e III, conjugados com o da realização da chamada democracia econômica, social e cultural como objetivo da democracia política, que está também no Artigo 1º, nos incisos IV e V, e no Artigo 3a, incisos I, II, III e IV. Esse hibridismo ideológico e as condicionantes históricas, de classe, de região, etc, deram à Carta Magna de 1988 um sentido teleológico, isto é, um tipo de Estado a realizar-se. Uma teleologia jurídico-social. Nas palavras de Ferraz Jr., “pressupondo-se que uma constituição apresente no seu corpo normativo um sistema de valores, o modelo de Estado que ela institui se torna uma realização de valores e exige essa realização”.²⁴⁸

Na elaboração civil histórica do Brasil, as lutas, os conflitos jurídicos, as conquistas trabalhistas, e as realizações políticas democráticas, até aqui conquistadas, prescrevem um histórico de participação popular quase sempre pautado pelas assimetrias das classes que de cima para baixo têm possibilitado certas brechas de resistência e articulação que foram aproveitadas à medida do que foi viável. Entre estas conquistas, podem ser citadas a efetivação da democracia, por parcial que seja, na elaboração da Constituinte de 1988, a transformação do INPS em INSS, o Estatuto da criança e do Adolescente (ECA), a Lei que regulamenta o Serviço Social, a Leis de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), etc, e estas ainda possui a marca do hibridismo, isto é, o reconhecimento do direito social e a concessão parcial das elites economicamente dominantes do país. Esse tipo de centralismo estatal parece estar presente na herança política e cultural do país desde o iluminismo despótico do Marquês de Pombal.²⁴⁹ Fato é, no entanto, que as políticas iniciadas e efetivadas no período monárquico e “revolucionadas”, na chamada “era Vargas”, com a industrialização do país e com a criação das leis do trabalho permanecem até os dias atuais.

²⁴⁷ FERRAZ Jr. p. 137.

²⁴⁸ FERRAZ Jr. p. 129.

²⁴⁹ WEFORT, Francisco C. *Formação do Pensamento Político Brasileiro: ideias e personagens*. São Paulo: Ática, 2006. p. 250.

Bem, dentro desta esfera é que acredito que a *publicidade cívica* da ABEFI venha a contribuir na realização desse modelo de Estado. Um Estado que era ausente e que ao se tornar presente dificulta a ação de seus parceiros conflui em amálgama de papéis e disposições.

Wickern – Por que a presença do Estado dificultou a ação da ABEFI?

Diackonie – Não somente da ABEFI, mas de todas as instituições beneficentes ao tornar burocrático e técnico os processos administrativos. Vejam, por exemplo, as leis trabalhistas que foram sendo implementadas a partir de 1931 e consolidadas em 1943, elas foram um grande avanço na vida social do país, por um lado, mas também foram se complexificando a ponto de serem usadas como barreiras para o trabalho voluntário.²⁵⁰ Os direitos sociais só surgiram na vida brasileira efetivamente com a Constituição de 1988, e depois as outras legislações foram sendo acrescidas e aos poucos o trabalho da ABEFI sofreu as intermitências da burocracia legal que cada vez mais dificultam trabalhos que necessitavam da força voluntariada. Mas, veja bem, que digo não serem as legislações algo de ruim, pelo contrário, afirmo que do jeito que foram sendo positivadas essas legislações ao mesmo tempo foram sendo recuadas ações de parcerias de instituições históricas com o Estado. No ano que a ABEFI teve sua utilidade pública reconhecida, o número de instituições que também a tiveram é exageradamente alto. Um problema se acumula a outro. Uma dificuldade à outra.

Uma maneira que tem sido encontrada para driblar a dificuldade é justamente a publicização de suas ações. Pela primeira vez, em sua história, a ABEFI conseguiu publicar seu Balanço Social, no presente ano, do exercício social de 2008/9. É tornar pública sua participação na vida e na realização do Estado Democrático de Direito. Então, a ausência e a presença do Estado desenvolvidas de maneira histórica no país têm gerado dificuldades. Essas dificuldades advêm ora de políticas construídas sobre as oligarquias ora sobre a manutenção destas mesmas oligarquias. A Constituição de 1988 sofreu ainda a ingerência militar dos anos precedentes e positivou a diferença entre a lei a factualidade, isto é, a lei que garante os direitos fundamentais aos chamados hipossuficientes e a inadequação jurídica de efetivação às camadas mais necessitadas da nação. Considera-se que desde a promulgação da Constituição o país venha incrementando os princípios gestados ao longo do processo de transição democrática que norteiam a lógica da estrutura e funcionamento do ramo social do Estado brasileiro, cuja grande construção pode ser resumida no trinômio da Seguridade Social: saúde,

²⁵⁰ CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil: o longo caminho*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. p. 107-111.

previdência e assistência social. Estes princípios ideológico-políticos considerados de tipo novo podem ser elencados, de forma resumida e pioneira, nas linhas de ação da política de atendimento aos direitos da criança e do adolescente nos artigos 86, 87 e 88.

A parceria definida pelo próprio Estado está resumida no artigo 86 e define a política de atendimento como “um conjunto articulado de ações governamentais e não governamentais nos níveis da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos municípios”.²⁵¹ A expressão “conjunto articulado de ações” indica, razoavelmente, uma opção pelo modelo de organização estrutural, a qual pode ser deduzida do caráter participativo do artigo primeiro da Constituição de 1988. Quer dizer: uma realização de Estado.

A relevância social, meus caros, pode ser expressa pelo conceito *publicidade cívica* a partir da ação existente, não de algo ideal, mas da ação da ABEFI que *presentifica-se* há quase 50 anos. A situação paradoxal tem na imagem da realidade certo *lá após si* de espanto, o que indica não o encerramento na simples análise do efetivo, mas nas possibilidades de transformação que se nos apresenta a perspectiva de um futuro condigno; como diz Machado de Assis: o futuro é uma brecha de transcendência.²⁵²

Wickern – Enquanto discutíamos, dialogava aqui com esses *insights* que nos são lançados das sinapses. Eis uma questão interessante a exigir a nossa atenção: a ausência e a presença do Estado demiurgo concomitantes a alastrar por sobre a sociedade essa cultura de autoritarismo ao gosto fisiológico da política que cobre a própria estrutura administrativa. Que nos valha a ocasião de elucubrar a respeito das ações sociais das instituições diaconais da IECLB com a pertinácia da autorreferencialidade evangélica que molda a palavra da cruz: *Sola Fide!*

Joselito – Quem sabe, talvez acrescentássemos: a diaconia é a *publicidade cívica* da Comunidade evangélico-luterana proveniente das condições coloniais do interior do Rio Grande do Sul!...

Diackonie – Fui teórica, antes: fui associada!... Eu, isto é, eu *na comunidade*, há que em “esquecimentos de outros parentescos distraidores do grande amor familiar”²⁵³ corre-se o risco de *em exagero* o que a nós é de direito nos acabe em *narrativas oniabrangentes*... por isso, rapazes, precavemos-nos desta que “desenvolvendo-se sob o influxo exclusivo do

²⁵¹ BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Estatuto da Criança e do Adolescente*. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8069.htm>. Acesso em: 9 jun. 2010.

²⁵² REALE, 1982, p. 26.

²⁵³ ANDRADE, Mário de. *Novos Contos*. São Paulo: Klick, 1997. p. 13.

método reflexivo, inteiramente a cavaleiro dos preceitos regulares que a lógica nos dá para que afiremos a legitimidade do nosso pensamento”²⁵⁴ queira nos lançar além da *situação*; e acima de tudo ficarei avidamente na espera de novos olhares. E, entretanto, poderemos – como de praxe – desfrutar por uma tarde à sombra da árvore os *percolados*, frutos desta terra onde tudo que se planta dá!...

²⁵⁴ VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha*: esboço biográfico. São Paulo: Cia das Letras, 2003, p. 55.

CONCLUSÃO

O presente trabalho quis analisar a realidade fáctica da ABEFI como instituição que perfaz o conteúdo formal da *publicidade cívica* que se constitui como ação diaconal pautada na teologia evangélico-luterana. Esta condição situacional da ABEFI no Quarto Distrito Floresta Imperial concretizou na institucionalização socioeducativa e de assistência social os conteúdos formais da teologia diaconal da tradição evangélico-luterana.

Os processos de migração da região da Encosta da Serra Gaúcha para o Vale do Sinos nas décadas da segunda metade do Século XX (1943-1982) somados aos processos provenientes da Segunda Guerra Mundial e dos lastros culturais estabelecidos por processos de educação e vivenciados no *ethos* comunitário fomentaram uma forma específica de compreensão associativista que resultaram numa instituição beneficente socioeducativa e de assistência social que fermenta a participação do grupo comunitário envolvido na realização do modelo de Estado preconizado pela Constituição Federal de 1988.

A específica participação nos processos de redução das agruras sociais que enfrentavam as famílias que migravam das regiões interioranas do Estado gaúcho para as regiões metropolitanas são concebidas a partir da efetiva ausência do Estado em determinado momento histórico e na presença deste mesmo Estado na dificuldade de participação modelada, mas delimitada pelas legislações que estruturam o funcionamento do ramo social do Estado.

Diante deste aspecto fáctico da realidade, a ABEFI consubstanciou na sua prática uma parceria que é ao mesmo tempo crítica e propositiva. Crítica porque denunciadora da políticas estatal que privilegiava o incentivo à produção de exportação em detrimento dos pequenos agricultores das regiões de encostas, o que acaba gerando êxodo e conseqüente liberação de mão de obra para as indústrias do Vale do Sinos; propositiva porque diante das dificuldades não se politizou a resignação ante a realidade, mas sim quis se fazer o próprio caminho de resistência à auto-organização representada no espírito associativista.

Enfim, os resultados dessa articulação tomam dos vários fatores conjunturais e fenomenológicos a resultante de uma instituição de caráter diaconal que atua num formato institucional socioeducativo e de assistência social que fala, manifesta, e escreve ao público a partir de uma escrita da ação e do comportamento que deseja subjetivamente induzir a um fim

determinado, qual seja: a vida digna preconizada pelo Evangelho de Jesus que encontra na manutenção eficaz das condições básicas de subsistência material sua positividade.

REFERÊNCIAS

A BÍBLIA Sagrada. Tradução de João Ferreira de Almeida. ed. rev. e atual. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1997.

AGUIAR, Marcos Daniel Schmidt; BEROLDT, Leonardo Alvim Beroldt; SOUZA, Osmar Tomaz. *As políticas de desenvolvimento rural, a construção de compromissos institucionais e os ajustamentos entre o global e o local: análises a partir da Região do Vale do Taquari, RS.* Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/13/1188.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

ALPERS, Harm. A Justificação em narrativas: uma análise do hino de Martinho Lutero “Cristãos, alegres jubilai”. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Fischer pela passagem de seu 60º aniversário.* São Leopoldo: Sinodal, 1990.

ALTMANN, Walter. *Lutero e Libertação.* São Leopoldo, São Paulo; Sinodal, Ática: 1994.

AMADO, Janaína. *A revolta dos mucker: Rio Grande do Sul, 1868-1898.* 2. ed. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

AMBROS, Júlia. Informações Socioeconômicas do Vale do Sinos. *Departamento de Estatística ACI-NH/CB/EV.* Novo Hamburgo. Jan. 2009. Disponível em: <http://www.acinh.com.br/download/cenarios_JAN2009.pdf>. Acesso em: 9 out. 2009.

ANDRADE, Mário de. *Novos Contos.* São Paulo: Klick, 1997.

ARAÚJO, Anildo Fabio de. Publicidade oficial e a Lei Eleitoral. *Revista de Informação Legislativa,* Brasília, a. 35, n. 139.

ASSELT, Willem J. van. *The Federal Theology of Johannes Cocceius (1603-1669).* Leiden: Koninklijk Brill NV, 2001.

ASSIS, Machado de. *Contos.* São Paulo: FTD, 2002.

ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. 2009.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 5,* 11 ago. 1970. Ata de Reunião de Diretoria.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 1,* Livro 1, 2 mar. 1970. Ata de Reunião de Diretoria.

_____. *ABEFI 20 ANOS: a pregação do Evangelho na prática: livreto alusivo aos 25 da ABEFI.* Novo Hamburgo, 1993.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EMPRESAS DE COMPONENTES PARA COURO, CALÇADOS E ARTEFATOS. Disponível em: <<http://ww3.assintecal.org.br>>. Acesso em: 13 out. 2009.

BAERT, Patrick. Algumas limitações das explicações da escolha racional na Ciência Política e na Sociologia. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 12, n. 35, 1997. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69091997000300005>. Acesso em: 17 maio 2010.

BALDASSO, Tiago Felipe. A Ocupação do Espaço Geográfico e as conseqüências para as matas ribeirinhas e de encosta no Município de Rolante. *Boletim Gaúcho de Geografia - BGG* 30/31. p. 35-45. Disponível em: <http://www.agbpa.com.br/bgg/Artigos/PDF/BGG_30/art03_30.pdf>. Acesso em: 2 maio 2009. p. 41.

BARTH, Karl. *Introdução à teologia evangélica*. São Leopoldo: IEPG/EST/Sinodal, 1996.

BENJAMIN, Walter. *Origem do drama barroco alemão*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Rua de Mão Única*. São Paulo: Brasiliense: 1994.

BÍBLIA. N.T.. Grego. Nestle-Aland. 1993; NESTLE, Eberhard; NESTLE, Erwin; ALAND, Kurt. *Novum Testamentum Graece*. 27. ed. rev. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 1993.

BLIND, Sisi. *Ecos de uma história silenciosa: grupos de OASE da IECLB*. 2009. Dissertação (Mestrado em Teologia) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2009.

BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. *Dicionário de política*. 2. ed. Brasília: UnB, 1986.

BODRA, Humberto. Publicidade e Dominação. *Comunicação e Sociedade*, a. 1, n. 3, p. 114-134, 1980.

BOFF, Leonardo. *Jesus Cristo Libertador*. Petrópolis: Vozes, 1973.

BONHOEFFER, Dietrich. *Resistência e submissão*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1963.

_____. *Vida em comunhão*. São Leopoldo: Sinodal, 1982.

BONHOEFFER, Dietrich; BETHGE, Eberhard. *Ética*. 7. ed. São Leopoldo: Sinodal, 2005.

BONINO, José Míguez. *A fé em busca de eficácia: uma interpretação da reflexão teológica latino-americana sobre a libertação*. São Leopoldo: Sinodal, 1987.

BONNAL, Phillipe. *Propocid-Brasil*: marco de referência para a realização das atividades dos eixos 1 e 2. Rio de Janeiro: CPDA/UFRRJ, 2007. mimeografado. Disponível em: <http://www.unbcds.pro.br/conteudo_arquivo/projetos_cds_junho_2009.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2010.

BRADATAN, Costica. *Deus está sonhando você*: Narrativa como *Imitatio Dei* em Miguel de Unamuno. *Princípios*, Natal, v.15, n.24, p.249-265, jul./dez. 2008.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Decreto Federal n. 71.781 de 31/01/73, de acordo com a Lei Federal n. 91, de 1935. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/LEIS/_Lei-principal.htm>. Acesso em: 16 ago. 2009.

BRITTO, Jorge; ALBUQUERQUE, Eduardo da Motta e. *Características estruturais dos clusters industriais na economia brasileira: uma análise inter-setorial*. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da Universidade Federal do Rio de Janeiro – IEUF RJ, 2000. Disponível em: <http://www.sep.org.br/artigo/BRITTO_ALBUQUERQUE.pdf?PHPSESSID=e38bdc3de5b5ee5c50b7a50fb4462232>. Acesso em: 3 jun. 2009.

BUBLITZ, Juliana. O recomeço na mata: notas para uma história ambiental da colonização alemã no Rio Grande do Sul. *História*, São Leopoldo, v. 4, n. 2, jul./dez, 2000.

BULTMANN, Rudolf. *Demitologização*: coletânea de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

_____. *Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Teológica, 2004.

BURGER, Germano. *Quem assume esta tarefa?*: um documentário de uma igreja em busca de sua identidade. São Leopoldo: Sinodal, 1977.

CANTUÁRIA, Santo Anselmo de. Monólogo, Proslógio, AVerdade, O Gramático. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril Cultural, 1973.

CARDOSO, Vicente Licínio (Org.). *À margem da História do Brasil*: inquérito por escritores da geração nascida com a República, 2. ed. Brasília: Câmara dos Deputados/UnB, 1981, t. II.

CARNEIRO, Lígia Gomes. *Trabalhando o couro*: do serigote ao calçado “made in Brazil”. Porto Alegre: L&PM, 1986.

CARVALHO, José Murilo de. *Cidadania no Brasil*: o longo caminho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

COLA, Silvano. *Operários da primeira hora: perfis dos Padres da Igreja*. São Paulo: Cidade Nova, 1965.

COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. *Ata* [s.n.]. Ata de Reunião de Diretoria. 9 nov. 1964.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 09*. Ata de Reunião de Diretoria. 7 jul. 1965.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 56*. Ata de Reunião de Diretoria. 7 ago. 1967.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 287*. Ata de Reunião de Diretoria. 4 mar. 1983.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 49*. Ata de Reunião de Diretoria. 17 abr. 1967.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 83*. Ata de Reunião de Diretoria. 21 out. 1968.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 64*. Ata de Reunião de Diretoria. 4 nov. 1967.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 68*. Ata de Assembleia Geral. 3 mar. 1968.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 6*. Ata de Reunião de Diretoria. 17 de maio de 1965.

_____. Novo Hamburgo. *Atas n. 9*. Ata de Reunião de Diretoria. 16 nov. 1964.

_____. Novo Hamburgo. *Ata* [s.n.]. Ata de Reunião de Diretoria. 30 dez. 1959.

_____. Novo Hamburgo. *Ata n. 109*. Ata de Reunião de Diretoria. 6 out. 1969.

_____. Novo Hamburgo. Prospecto interno da Ordem Auxiliadora de Senhoras Evangélicas da Comunidade Evangélica Floresta Imperial. Novo Hamburgo. 1991.

COMUNIDADE EVANGÉLICA FLORESTA IMPERIAL. *O Elo: boletim informativo da Igreja da Paz*. Novo Hamburgo, 1983.

COMUNIDADE Floresta Imperial comemora hoje os seus 25 anos. *Jornal NH*, 24 dez. 1984, Geral.

Conselho Regional de Desenvolvimento Regional (COREDE). Disponível em: <www.datasinos.unisinos.br>. Acesso em: 23 jan. 2010.

CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA FEDERATIVA DO BRASIL: promulgada em 5 de outubro de 1988. São Paulo: Saraiva, 2003.

CORÇÃO, Gustavo. Schweitzer: o apóstolo do respeito à vida. In: *GRANDES Vocações: apóstolos modernos*. São Paulo: Donato, [s.d.].

COSTA, Juliano. Sócrates malha Dunga e prepara livro sobre Copa-2014. YAHOO! ESPORTES BRASIL. Disponível em: <<http://g.br.esportes.yahoo.com/futebol/copa/blog/daredacao/post/S-crates-malha-Dunga-e-prepara-livro-sobre-Copa-?urn=fbintl,247907>>. Acesso em: 20 jun. 2010.

CROCCO, Marco Aurélio (Org.). Metodologia de identificação de aglomerações produtivas locais. *Revista Nova Economia*, v. 16, n. 2, Belo Horizonte, 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010363512006000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 11 ago. 2009.

CUNHA, Raquel Basílio. A relação significante e significado em Saussure. *Revista Virtual de Estudos da Linguagem – ReVEL*, [s.l.] v. 8, n. 2, 2008. p. 1-2. Disponível em: <www.revel.inf.br>. Acesso em: 3 jun. 2010.

PURPER, Dornalli L. *Religião e Desenvolvimento: Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. 1976. 37 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade do Vale dos Sinos – UNISINOS/Faculdade de Filosofia e Ciências e Letras, São Leopoldo, 1982 (Monografia inédita).

DREHER, Martin N. O desenvolvimento econômico do Vale do Rio dos Sinos. *Estudos Leopoldenses*, São Leopoldo, ano 3, n. 02, p. 49-70, 1999.

_____. Protestantismo de Imigração no Brasil: sua implementação no contexto do projeto liberal-modernizador e as conseqüências desse projeto. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Imigrações e história da Igreja no Brasil*. Aparecida: Santuário, 1993.

_____. Aspectos teológicos da ação social em Lutero. In: *Reflexões em torno de Lutero*, Sinodal, São Leopoldo, v. 3, p. 49-66, 1988.

DRESSEL, Heinz. A Igreja Evangélica face ao desafio brasileiro. In: FISCHER, Joachim (Org.). *Ensaio Luteranos: dos primórdios aos tempos atuais do luteranismo no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, 1986.

FACULDADE DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO DE TAQUARA / CURSO DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Relatório de Pesquisa de Opinião do 1º Encontro Nacional de Filatelia e Numismática de Taquara, realizado entre 15 e 17 de outubro de 2004, em Taquara/RS. Disponível em: <<http://www.cfnt.org.br/Pesquisa.doc>>. Acesso em: 10 out. 2009.

FERNANDES, Antônio Sérgio Araújo. A Comunidade Cívica em Walzer e Putnan. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, São Paulo, n. 51, p. 71-96, 2000.

FERRAZ Jr, Tercio Sampaio. Constituição brasileira e modelo de Estado: hibridismo ideológico e condicionantes históricas. PROCURADORIA-GERAL do Estado de São Paulo. Edição Especial em comemoração dos 10 anos da Constituição Federal. São Paulo. Disponível em: <<http://www.terciosampaioferrazjr.com.br/?q=/publicacoes-cientificas/14>>. Acesso em: 10 abr. 2009.

FIALHO, Marco Antônio Verardi. *Agricultura familiar e as rendas não-agrícolas na região metropolitana de porto alegre*: um estudo de caso dos municípios de Dois Irmãos e Ivoti – RS. 2000. 206 f. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Ciências Econômicas, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2000. Disponível em: <<http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/1678/000305893.pdf?sequence=0>>. Acesso em: 24 ago. 2009.

FILHO, Miguel Arantes Normanha. Marketing e Propaganda: estudo dos termos. *MIMESIS: revista da área de ciências humanas*, Bauru, 2004.

FISCHER, Luís Augusto; GERTZ, René E. *Nós, os teuto-gaúchos*. Porto Alegre: UFRGS, 1996.

FLECK, Lucio. *Um padilhano*: autobiografia e reminiscências de um professor. São Leopoldo: Oikos, 2008.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do Oprimido*. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1975.

FURTADO, Celso. *Formação Econômica do Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GADAMER, Hans-Georg. *Hermenêutica em retrospectiva*. Petrópolis: Vozes, 2007.

GALVÃO, Cláudia Andreoli. *Sistemas industriais Localizados*: o Vale do Paranhana – complexo calçadista do Rio Grande do Sul. Brasília: Instituto de Pesquisa Aplicada (IPEA), 1999.

GOLDMANN, Lucien. *Dialética e Cultura*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

HABERMAS, Jürgen. *Direito e Democracia*: entre facticidade e validade. 2. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

_____. *Racionalidade e Comunicação*. Lisboa: Edições 70, 1996.

HACKING, Ian. *Ontologia Histórica*. São Leopoldo: Unisinos, 2002.

HEGEL, G. W. F. *A Razão na História: uma introdução geral à filosofia da história*. São Paulo: Centauro, 2001.

_____. *Enciclopédia das ciências filosóficas – Em compêndio*. 3 v. São Paulo: Loyola, 1995.

HEIDEGGER, Martin. Conferências e Escritos Filosóficos. *Os Pensadores*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. *Ser e Tempo* (Parte I). Petrópolis: Vozes, 1988.

HUBER, Valburga. *A literatura da imigração alemã e a imagem do Brasil*. Disponível em: <http://www.lettras.ufrj.br/liedh/docs/art_valb2.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2009.

IANNI, Octavio. Prefácio. In: MOVIMENTOS sociais no campo. Curitiba: Universidade Federal do Paraná, 1987.

IGREJA EVANGÉLICA DE CONFISSÃO LUTERANA NO BRASIL. Hinos do Povo de Deus: hinário da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Sinodal, 2001. v. 1.

JANSEN, Suzel Lisiane. *Evolução da Estrutura Produtiva do Rio Grande do Sul: uma análise do período de 1940 a 1995/96*. Disponível em: <<http://www.fee.tche.br/3eeg/Artigos/m18t01.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

KANT, Immanuel. Fundamentação da metafísica dos costumes. *Os Pensadores*. São Paulo: Abril, 1994.

LANGLOIS, Luc; ZARKA, Yves Charles. *Os filósofos e a questão de Deus*. São Paulo: Loyola, 2009.

LOPES, Paulo César Carneiro. *Utopia Cristã no Sertão Mineiro: uma leitura de “A hora e a vez de Augusto Matraga” de João Guimarães Rosa*. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOVATO, Luiz Gustavo. *Da personalidade jurídica e sua desconsideração*. Disponível em: <<http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7522>>. Acesso em: 11 jun. 2010.

LÖWY, Micahel. *Redenção e Utopia: o judaísmo libertário na Europa Central*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

_____. Figuras do marxismo weberiano. Disponível em: <http://antivalor2.vilabol.uol.com.br/textos/outros/lowy_01.html>. Acesso em: 9 junh. 2010.

LUKÁCS, Georg. *Existencialismo ou marxismo*. São Paulo: Senzala, 1967.

_____. *História e consciência de classes: estudos de dialética marxista*. Porto: Publicações Escorpião, 1974.

_____. *Marxismo e Teoria da Literatura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

LUTERO, Martim. *Educação e reforma: aos conselhos de todas as cidades da Alemanha, para que criem e mantenham escolas e uma prédica para que se mandem os filhos à escola*. São Leopoldo: Sinodal, Porto Alegre: Concórdia, 2000.

_____. *Ética cristã: das boas obras*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1999.

_____. *Da Autoridade Secular: até que ponto se lhe deve obediência. Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1995. v. 6.

_____. *Das Boas Obras. Obras Seleccionadas*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 2.

_____. *Obras Seleccionadas. O Programa da Reforma, Escritos de 1520*. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2000. v. 2.

LYNCH, Christian Edward Cyril. Entre o Leviatã e o Beemote: soberania, constituição e excepcionalidade no debate político dos séculos XVII e XVIII. *Dados*, Rio de Janeiro, v. 53, n. 1, 2010. Disponível em: <http://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:emmZQKh8cs0J:www.scielo.br/scielo.php%3Fpid%3DS001152582010000100003%26script%3Dsci_arttext%26tln%3Dpt+fil%3B3sofo+helvetius+habeas+corpus&cd=1&hl=pt-PT&ct=clnk>. Acesso em: 12 jun. 2010.

MARX, Karl. *Para a Crítica da Economia Política: do capital: o rendimento e suas fontes*. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MENEZES, Marilu N. (Org.) *Lar Padilha – 25 anos: tempos e contratempos de uma história*. São Leopoldo: Oikos, 2003.

MIRANDA, Maressa da Silva. O Mundo da Vida e o Direito na obra de Jürgen Habermas. *Prisma jur.*, São Paulo, v. 8, n. 1, p. 97-119, 2009.

MONTEIRO, Paula. Religião, pluralismo e esfera pública no Brasil. *Novos Estudos*. São Paulo: Cebrap, 2006.

NAKOS, Jean. Albert Schweitzer e a Ética para com os animais. *Pensata Animal: Revista de Direitos dos Animais*. Disponível em: <<http://www.pensataanimal.net>>. Acesso em: 16 ago. 2009.

NETO, Helena Brum. Regiões Culturais: a construção de identidades culturais no Rio Grande do Sul e sua manifestação na paisagem gaúcha. *Sociedade & Natureza*, Uberlândia, v. 20, n. 2, p. 135-155, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/sn/v20n2/a09v20n2.pdf>>. Acesso em: 3 jun. 2009.

NÖRNBERG, Sebaldo. *É dando que se recebe: a caminhada com a Comunidade Evangélica Floresta Imperial e suas instituições*. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

O ELO: órgão de comunicação da Comunidade Evangélica de Floresta Imperial, n. 8. Novo Hamburgo. 1983.

PEREIRA, Odilon Alexandre Silveira. *O novo Código Civil e a Igreja: impactos e implicações*. Londrina: Instituto Jetro, 2003.

PHILERENO, Deivis Cassiano; BARBOSA, Marcel Jaroski. *Evolução histórica dos sistemas agrários na localidade de Taquara – RS, Encosta Inferior do Nordeste*. [s.l.:s.n.; s.d.]. 20 p. Disponível em: <<http://www.issbrasil.usp.br/pdfs2/deivis.pdf>>. Acesso em: 23 ago. 2009.

PLETSCH, Rosane. *Da caridade cristã à assistência social: contribuições da teologia e do feminismo à cidadania*. 2004. 340 f. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação da Faculdades EST, Instituto Ecumênico de Pós-graduação. São Leopoldo, 2004.

POCHMANN, Marcio. Adeus à CLT? O “eterno” sistema corporativo de relações de trabalho no Brasil. *Novos Estudos Cebrap*, n. 50, p. 149-166, 1998.

POMPÉIA, Raul. *O Ateneu*. Barcelona: EditorialSol90, 2004.

POSSAMAI, Paulo César. A Colônia do Sacramento, o Jardim da América. *Revista de Estudos Ibero-Americanos*. Porto Alegre, PUC/RS, v. 30, n.1, 2004.

PRIEN, Hans-Jürgen. *A formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal; Petrópolis: Vozes, 2001.

_____. A Igreja Germano-Evangélica do Brasil entre a Virada Nacional de 1933 e o *Kirchenkampf*. In: DREHER, Martin N. (Org.). *Peregrinação: estudos em homenagem a Joachim Fischer pela passagem de seu 60º aniversário*. São Leopoldo: Sinodal, 1990.

_____. *Formação da Igreja Evangélica no Brasil: das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil*. São Leopoldo: Sinodal, Petrópolis: Vozes, 2001.

PRODANOV, Cleber Cristiano; SCHEMES, Claudia. *Possibilidades do uso da história oral na pesquisa sobre a memória e identidade de Novo Hamburgo*. Disponível em: <www.cfh.ufsc.br/abho4sul/pdf/Cleber%20Cristiano%20Prodanov>. Acesso em: 16 ago. 2009.

QUERIDO, Fabio Mascaro. *Ecosocialismo, romantismo e marxismo: crítica e autocrítica da modernidade em Michael Löwy*. Disponível em: <http://www.fflch.usp.br/ds/pos-graduacao/simposio/m_4_Fabio.pdf>. Acesso em 15 jun. 2010.

RAWLS, John. *Uma teoria da justiça*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

REALE, Miguel. *A filosofia na obra de Machado de Assis*. Pioneira: São Paulo, 1982.

REBRATES: Rede Brasileira de Terceiro Setor: sua ONG. Disponível em: <<http://www.terceirosetor.org.br/quemsomos/index.cfm?page=brasil>>. Acesso em: 12 jun. 2010.

REIS, Carlos Nelson dos. *Ásia: impactos de sua inserção no mercado internacional de calçados*. In: INDICADORES ECONÔMICOS FEE: análise conjuntural. Porto Alegre: Fundação de Economia e Estatística Sigfried Emanuel Heuser, 1988.

_____. *A Indústria de Calçados no Brasil: notas preliminares*. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TECNOLOGIA DO CALÇADO, 4., 1990, Novo Hamburgo, CTCCA.

RICARDO, David. *Sobre os salários*. In: SMITH, Adam. *A economia clássica: textos de Smith, Ricardo e Malthus*. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1978.

RICOUER, Paul. *Leituras 3: nas fronteiras da filosofia*. São Paulo: Loyola, 1996.

RIETH, Ricardo Willy. *Associativismo e protestantismo na imigração e colonização: o caso da Associação Gustavo Adolfo*. *Estudos Teológicos*, São Leopoldo, v. 47, n. 2, p. 27-43, 2007.

ROCHE, J. *A colonização alemã e o Rio Grande do Sul*. Porto Alegre: Globo, 1969. v. 1.

SCHEMES, Claudia. *As Relações de Trabalho em Novo Hamburgo: o jornal o 5 de abril (1934/1935)*. *II Encontro Nacional da Rede Alfredo de Carvalho*: Florianópolis, de 15 a 17 de abril de 2004.

SCHEMES, Claudia. *Pedro Adams Filho: empreendedorismo, indústria do calçado e emancipação de Novo Hamburgo (1901-1935)*. 2006. 446 f. Tese (Doutorado em História) Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2006. Disponível em: <<http://www.cipedya.com>>. Acesso em: 17 ago. 2009.

SCHILLING, Voltaire. A Política de Péricles. In: *História por Voltaire Schilling*. Disponível em: <<http://educaterra.terra.com.br/voltaire/artigos/partenon.htm>>. Acesso em: 17 jun. 2010.

SCHLEIERMACHER, Friedrich D. E. *Hermenêutica e crítica*. Ijuí: Unijuí, 2005.

SCHNEIDER, Sergio. *Os colonos da indústria calçadista: expansão industrial e as transformações da agricultura no Rio Grande do Sul*. 1994. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, UNICAMP, Campinas, 1994.

SCHÜTZ, Liene M. Martins. *Os bairros de Novo Hamburgo*. Novo Hamburgo: A autora, 2001.

_____. *Novo Hamburgo: sua história, sua gente*. Novo Hamburgo: Prefeitura Municipal de Novo Hamburgo, 1977.

SCHWEITZER, Albert. *De mi vida y mi pensamiento*. Barcelona: Aymá S.A. Editora, 1965.

SILVA, Jorge Antonio Santos. *Turismo, Crescimento e Desenvolvimento: uma análise urbano-regional baseada em cluster*. Disponível em: <<http://www.eumed.net/tesis/jass/9.htm>>. Acesso em: 12 ago. 2009.

SILVEIRINHA, Maria João. *Dicionário de Filosofia Moral e Política*. Lisboa: Instituto de Filosofia e Linguagem Nova de Lisboa, 1992. Verbetes: Comunitarismo.

SITE DA ASSOCIAÇÃO BENEFICENTE DA FLORESTA IMPERIAL. Novo Hamburgo. 2009. Disponível em: <www.abefi.org.br>. Acesso em 3 jun. 2009.

SITE DA CIDADE DE NOVO HAMBURGO. Economia: Indústria calçadista demite 4,2 mil no Rio Grande do Sul em dois meses. Disponível em: <http://novohamburgo.org/site/noticias/2008/11/21/economia_industria_calcadista_demite_4_2_mil_no_rio_grande_do_sul_em_dois_meses_2111/>. Acesso em: 10 out. 2009.

SITE DA FEIRA NACIONAL DO CALÇADO. <http://www.fenac.com.br/fenac/index.php?idiomas_id=1&acao=conteudo&id=13>. Acesso em: 11 jun. 2010.

SOBRINO, Jon S.J. *Cristologia a partir da América Latina: esboço a partir do seguimento do Jesus histórico*. Petrópolis: Vozes, 1983.

SOUZA, Jessé José Freire de. De Goethe a Habermas: auto formação e esfera pública. *Lua Nova: Revista de Cultura e Política*, n. 43, p. 25-57, 1998.

STEIN, Ernildo. *Introdução ao pensamento de Martin Heidegger*. Porto Alegre: EDIPUC, 2002.

STREFLING, Sérgio Ricardo. *O argumento ontológico de Santo Anselmo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1993.

TEIXEIRA, Helio Aparecido. *Entre os Trópicos: acta biográfica dos 50 anos da Comunidade Evangélica Floresta Imperial*. São Leopoldo: CEBI, 2010.

TÖNNIES, Ferdinand. *Comunidad y asociación: el comunismo y el socialismo como formas de vida social*. Barcelona: Ediciones Península, 1979.

TORMAN, Ronalisa. *Exclusão e formação na instituição escolar pública*. Dissertação de Mestrado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2006. Disponível em: http://bdt.unisinos.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=142>. Acesso em: 6 jun. 2009.

TORRES, Luiz Henrique. A colonização açoriana no Rio Grande do Sul (1752-63). *Biblos*, n. 16, Rio Grande, p.177-189, 2004.

TREZZA, Valéria Maria. Títulos e Qualificações das Organizações do Terceiro Setor. *Integração: revista eletrônica do Terceiro Setor*. Disponível em: <<http://integracao.fgvsp.br/ano7/02/administrando.htm>>. Acesso 8 out. 2009.

TUGENDHAT, Ernst. *Lições sobre ética*. Petrópolis: Vozes, 1997.

CHAMORRO, Graciela. *A espiritualidade guarani: uma teologia ameríndia da palavra*. São Leopoldo: Sinodal, 1998.

VENTURA, Roberto. *Euclides da Cunha: Esboço biográfico*. São Paulo: Cia das Letras, 2003.

VIEIRA, Balbina Ottoni. *História do Serviço Social: contribuição para a construção de sua teoria*. Rio de Janeiro: Agir, 1978.

WACHHOLZ, Wilhelm. “Atravessem e ajudem-nos”: a atuação da “Sociedade Evangélica de Barmen” e de seus obreiros e obreiras enviados ao Rio Grande do Sul (1864-1899). São Leopoldo: Sinodal, 2003.

_____. *Uma igreja diferente 1951-2001: o cinquentenário do templo da Ascensão*. Novo Hamburgo: Comunidade Evangélica de Confissão Luterana da Ascensão, 2001.

WALZER, Michael. *Las esferas de la Justicia: uma defesa del pluralismo y la igualdad*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

WEBER, Max. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

_____. *A ética protestante e o espírito do capitalismo*. São Paulo: Pioneira, 1967.

_____. *Metodologia das ciências sociais*, parte 2. São Paulo: Cortez, 1992.

WEFFORT, Francisco C. *Formação do Pensamento Político Brasileiro: ideias e personagens*. São Paulo: Ática, 2006.

WIRTH, Lauri *Emilio*. Protestantismo brasileiro de rito luterano. *Revista da Universidade de São Paulo/USP*, São Paulo, n.67, p. 68-77, setembro/novembro, 2005. Disponível em: <<http://www.usp.br/revistausp/67/06-wirth.pdf>>. Acesso em: 23 abr. 2010.

WITT, Osmar Luiz. *Igreja na migração e colonização: a pregação itinerante no Sínodo Rio-Grandense*. São Leopoldo: Sinodal, 1996.

ZIEGLER, Dorotéa Luise. *Comunidade Evangélica Floresta Imperial: 20 anos de opção pelos pobres*. 1982. 50 f. Trabalho de Conclusão de Curso (TCC). Universidade do Vale dos Sinos, São Leopoldo, 1982 (Monografia inédita).